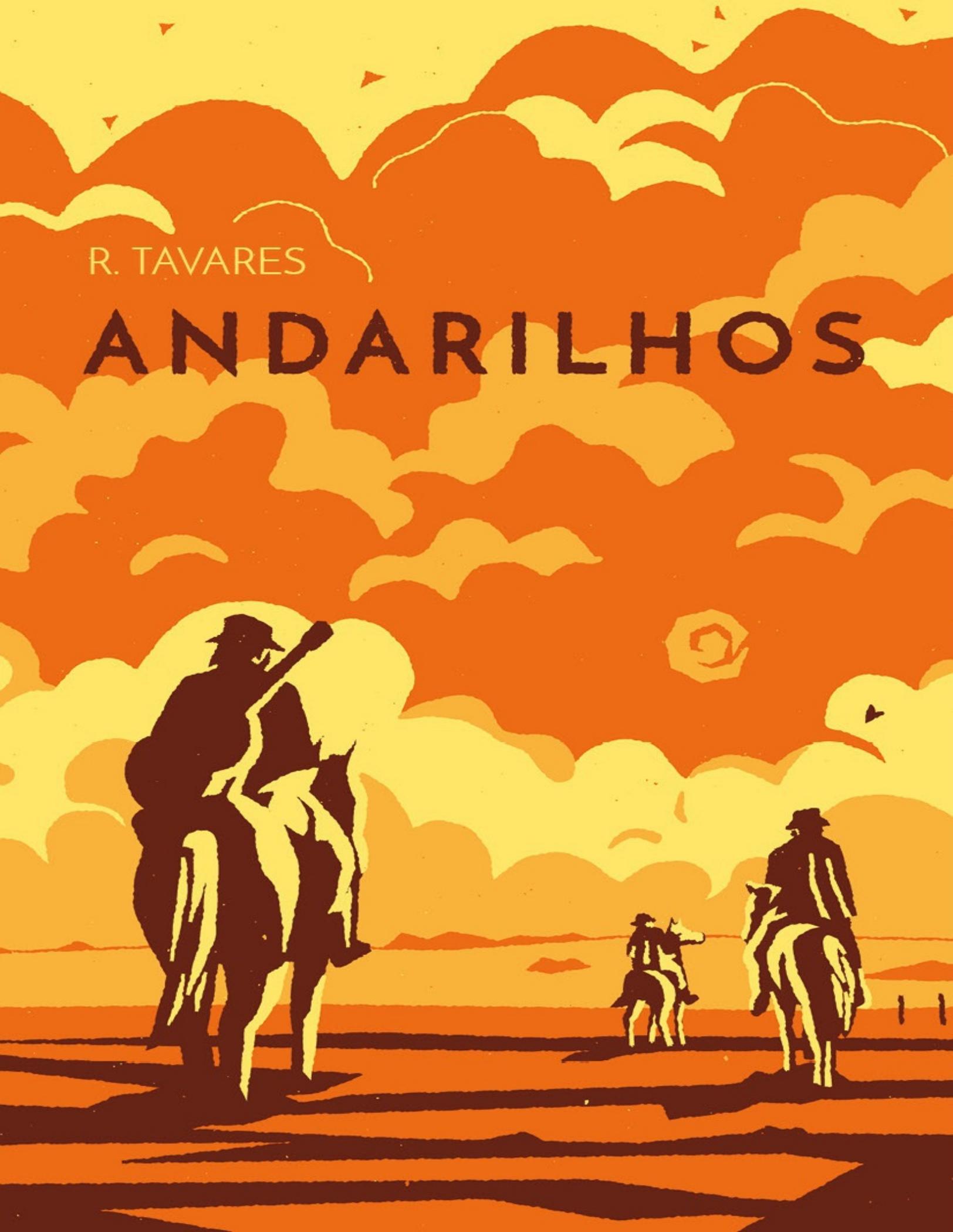


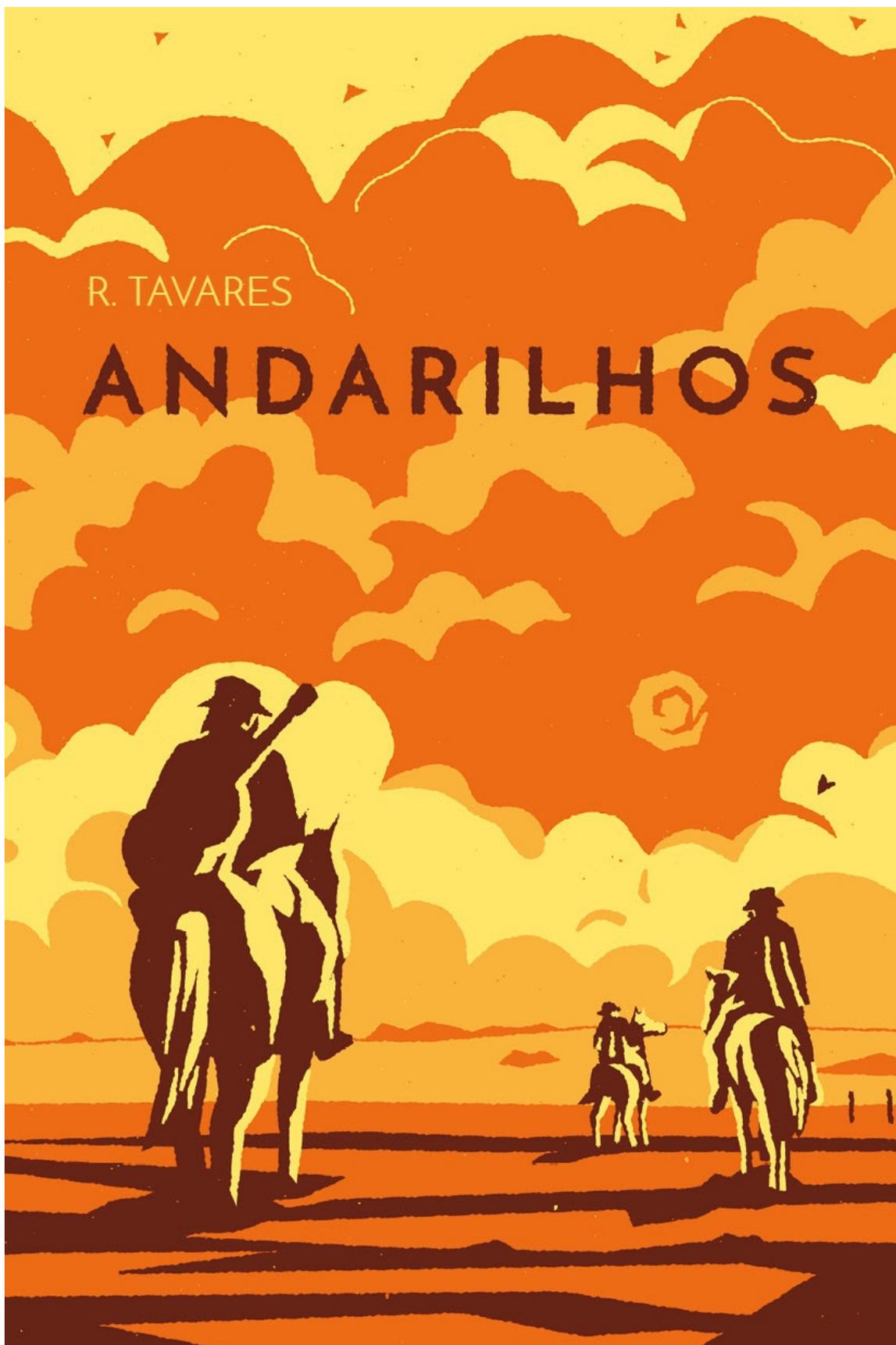
R. TAVARES

ANDARILHOS



R. TAVARES

ANDARILHOS



ANDARILHOS

de R. TAVARES

© 2017 Rodrigo Ungaretti Tavares

Este livro segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
em vigor no Brasil desde 2009.

CAPA

Oliven Studio / Segue Produtora

REVISÃO

Maurício Wajciekowski e Leticia Wierzchowski

DIAGRAMAÇÃO PARA E-BOOK

R. Tavares

VERSÃO FÍSICA

Publicado pela Martins Livreiro Editora

ISBN

978-85-7537-256-2

Para aqueles que me sussurraram essa história.

Índice

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Capítulo IX](#)

[Capítulo X](#)

[Capítulo XI](#)

[Capítulo XII](#)

[Capítulo XIII](#)

[Capítulo XIV](#)

[Capítulo XV](#)

[Capítulo XVI](#)

[Capítulo XVII](#)

[Capítulo XVIII](#)

Capítulo I

PEDRO GUARANY ACORDOU DE SOBRESSALTO . Parecia ter escutado algo. Mas o silêncio reinava absoluto. Devo estar sonhando, ele pensou. Alisou os braços, procurando se aquecer um pouco. Espreguiçou-se, prestando atenção para escutar todos os estalos de seu corpo. Sentiu na boca o gosto amargo da noite. Soltou um pigarro da garganta e coçou a barba cerrada, de bigode levemente avermelhado pela nicotina.

A noite fora agradável, mas sempre fazia aquele friozinho conhecido quando estava amanhecendo nos campos do Continente. Se o gaúcho não estava prevenido, a friagem até lhe era capaz de fazer mal. Mais uma vez, abraçou os próprios braços na tentativa de fazer com que o calor lhe brotasse do corpo.

Pássaros cantavam enquanto a barra do horizonte vinha dando luz ao dia, revelando os contornos do local. Sob a copa da velha figueira, estavam espalhados alguns de seus parques pertences: os arreios surrados, que também eram a sua cama; o velho poncho; o mate; a mala de garupa com suas roupas; as botas feitas do garrão de um potro; suas esporas nazarenas de ferro preto. Pegou do chão o seu chapéu de aba curta, desbotado de tanto sol, e colocou-o sobre a vasta cabeleira negra e despenteada. Escutou novamente o barulho: um assobio agudo e triste.

Numa estância nos arredores, um cozinheiro negro tocava a vaca para a mangueira. Tomou o cuidado de trancar o terneiro na pequena encerra e, em seguida, passou a encher o balde com o leite quente, que espumava no contato com o metal. O homem que cumpria esse ritual todos os dias ainda ficava com os olhos marejados ao sentir aquele cheiro adocicado e morno. Observou o vapor que subia do recipiente. Era o milagre da vida, filosofava.

Tateou o chão e pegou sua caneca alouçada. O apoio era dele, aquele copo da bebida quente e gorda. Com o bigode branco de leite, o negro estalou os lábios, levantou-se e sorriu. Em seguida, agarrou o balde e caminhou, arrastando suas alpargatas, para a cozinha. Assobiava uma milonga muito antiga, restos de um baile que não conseguia espantar da cabeça.

Devido às planícies e ao minuano que soprava, a música assobiada chegou, entrecortada, aos ouvidos de Pedro Guarany. Instintivamente, o gaúcho passou a acompanhar a melodia, já nem sabendo dizer se fora ele quem começara ou o outro.

Pedro juntou alguns pedaços de graveto e começou a reacender o fogo da noite anterior. Caminhou alguns metros para buscar água na sanga rasa que cortava aqueles campos. Olhou para o Penacho, que pastava por ali. Solto um “buenos dias” para o parceiro. O bragado, com manchas que lembravam um velho mapa, trocou orelhas, abaixou a cabeça e aproximou-se do homem. Estava solto e, agora, caminhava lentamente ao lado de Guarany.

— Água esquentando na cambona, um naco de carne salgada e uma ou duas *galletas*. Não há *desayuno* melhor, não é, Penacho?

Pedro perguntou e ficou a observar seu cavalo. Acariciou a tábua do pescoço, desemaranhou as cerdas. Sempre ficava meio nostálgico quando aprontava uma tropilha. Ontem mesmo entregara a cavalhada que estava domando. Nos dias seguintes, ficava com aquele aperto no peito.

Aprendera o ofício com seu pai. Domava apenas no entardecer e no amanhecer, quando havia menos distrações para o cavalo e para ele mesmo. A doma não era uma ciência exata. Cada cavalo tinha seu jeito, seu temperamento. Pedro Guarany tinha o sangue índio correndo em suas veias. Não concordava com aquela doma violenta feita normalmente pelos gaúchos. Utilizava métodos herdados de seus antepassados tribais. Respeitava o cavalo – sabia o perigo da rodada, *por supuesto* !

Aos poucos, aproximava-se. O animal, com medo, normalmente corria. Mas, usando de paciência, o homem mostrava que não era inimigo. Depois que o homem trabalhava sobre o medo do potro, conquistando sua confiança, tornava-se necessário tirar as cócegas.

Por serem muito sensíveis, os cavalos podiam se tornar perigosos, e a doma devia ser feita com muita atenção. O domador deveria conhecer todos os atalhos. Primeiro, trabalhava-se a cabeça; depois, o pescoço, paleta, barriga, e, por último, a virilha. Aos poucos, o animal não temia mais o contato.

Era um ofício dificultoso e demorado, mas, depois que o cavalo criava o vínculo com o homem, bastava ensinar-lhe os movimentos que ele próprio iria fazer, indicando-lhe o resultado esperado – pois uma coisa era certa: andar, trotar, galopar e tudo mais o cavalo já nascia sabendo, o milagre era fazer com que essa comunicação entre homem e o animal se tornasse possível.

A maioria ainda confiava mais na doma tradicional, em que o homem vencia o cavalo pela repetição, pelo medo e pela violência. Guarany nem acreditava que um dia seria o contrário. Apesar disso, confiava mais no seu método índio.

Dias antes, quando entregara a cavalhada para Dom Guillermo, sentira um pouco desse preconceito. Avistara de longe o dono da estância, um senhor retaco, olhos secos e nariz atrevido enfeitado por um bigode ainda negro, chegando acompanhado por uma comitiva no seu acampamento – havia pedido um lugar reservado para fazer seu serviço.

— Buenos dias, Pedro. E esta doma sai ou não sai?

— Buenas. Mas claro que sai, seu Guillermo. Na verdade, estou somente dependendo da aprovação do senhor.

— Que bueno, *entonces* ! Já não era sem tempo! — respondeu ele, troçando, comentário seguido por risos de seus dois filhos e da peonada que duvidava do método do índio.

Pedro Guarany não se abalou. Era sereno, não se exaltava demais nas felicitações, mas também não fazia muito caso nas críticas. Pediu *permiso* ao homem e buscou um buçal e os arreios.

O velho estancieiro, seus guris e a peonada aguardavam ansiosos. Não acreditavam que os cavalos estivessem mansos. Tinham passado por ali várias vezes durante os dias em que a doma durara e, praticamente, nunca viam o gaúcho lidando com a cavalhada. Provocavam Dom Guillermo dizendo que o Guarany estava era vivendo uma vida boa de comida e descanso às expensas do homem.

Guarany voltou com o primeiro cavalo embuçalado. O animal caminhava tranquilo ao lado do domador, por vezes cheirando o seu ombro. Pedro soltou o cabresto no chão e, com um saco de estopa, fez menção de assustar o bicho. Passou o pano na cabeça, nas axilas, no pescoço e na virilha. Os homens olhavam atentos. O cavalo estava impassível.

Sem reparar na plateia, Pedro começou a passar por entre as patas do cavalo, montava pelos dois lados, pegava todas as patas com a mão. Buscou o freio, encilhou o animal. Fez todas as demonstrações que se esperava. Como ainda não houvesse resposta, repetiu o espetáculo com os oito cavalos que estava responsável por domar.

Por fim, pediu que Dom Guillermo escolhesse um dos cavalos para uma demonstração especial. O mouro, disse o velho. Guarany aproximou-se do animal, acariciou-lhe a fronte e caminhou em direção à plateia improvisada. Pedro disse alguma coisa que não puderam ouvir e fez um sinal com as mãos, algo parecido com uma reverência e, imediatamente, o cavalo foi se abaixando e acabou deitando-se no chão, ficando imóvel.

Dom Guillermo sorria em cima dos seus arreios. Estava visivelmente emocionado. Apeou do cavalo e cumprimentou o outro, que não mudou sua expressão. Boquiaberta e contrariada, a peonada olhava a demonstração da doma.

— Parabéns, guri. Nunca vi coisa mais linda... E essa cavalhada faz isso com qualquer um que montar? — perguntou com o olho fixado no cavalo que continuava deitado.

— Quer que eu pegue um pra o senhor experimentar?

— Por hora não, gaúcho. Estou bastante satisfeito. — O homem gostou da demonstração, mas mantinha seus receios de como a cavalhada iria se portar na lida.

— Pode passar lá em casa mais tarde, Pedro, para receber teu pagamento e levar a cavalhada lá pra mangueira. Pra mim, o serviço está terminado! — disse o velho antes de montar de novo e voltar para sua casa. Pedro assentiu, virou-se e saiu no rumo de seus pertences, acompanhado pelo mouro.

— Ele é bruxo!

— Tem parte com o demônio!

— Deus me livre!

A conversa da peonada foi até altas horas. Tinham certeza de que o domador não era deste mundo.

COMO DE COSTUME , naquele dia Pedro Guarany estava mais sentimental, pois acabara de entregar a tropilha recém domada. Passava tanto tempo com aqueles animais que os estranhava e parecia perdido quando retornava às suas andanças.

Olhou ternamente para o seu cavalo, o primeiro que domara.

— Meu bragado... Há quanto tempo estradeamos juntos, parceiro?
— Alisou mais uma vez o seu amigo. Penacho era um cavalo de lei, entendia os gestos do dono. Conhecia todos os atalhos daquelas paragens. Quando Pedro não sabia exatamente para onde seguir, deixava que ele conduzisse a marcha.

Com a mira estendida a *lejos* de distância, Pedro picava automaticamente o fumo e pensava qual caminho deveria seguir. O sol já havia dado as caras, e o frio madrugueiro já tinha se despedido. Pequenas gotas de suor começavam a manchar sua camisa.

Acendeu o pito, para clarear o pensamento e tentar decidir o caminho a tomar. Essa era, basicamente, a vida de Pedro: montar no cavalo e cortar o continente em busca de changas – pequenos serviços ocasionais. Ainda bem que pelo sul ainda se prezava o andejo. Aonde chegava, era recebido e lhe garantiam o pouso e a comida. Quando não havia serviço para ser feito, antes mesmo do sol nascer, Pedro já estava na estrada novamente.

Preferia a doma, mas não fazia pouco caso das esquilas das ovelhas, das diárias ou das reformas. Era também um excelente guasqueiro, fazia cordas, arreios e tudo o mais com capricho bárbaro e tranças firmes.

Pelas estradas, conhecia todos os tipos de gente que habitavam aquelas bandas. E havia de todo tipo, costumava dizer. Descendentes de açorianos, italianos e outras raças que buscaram guarida por lá. Os fronteiriços, de modos exagerados, que costumavam falar gritando, adoravam uma farra — tinha alguns *medio calaveras*, é verdade. E como não falar dos missioneiros? Gaúchos de respeito, sérios, sisudos e desconfiados. Mas gente muito trabalhadeira. Pedro nutria certa simpatia por eles, pois também não era afeito a muitos sorrisos e intimidades.

Ouvira falar que nos campos do seu Hervalino estavam precisando de alguns homens para trabalhar de peão por dia, talvez pra doma, mas não tinha certeza. Já pras bandas da Serrilhada, parecia que o seu Afonso estava necessitado de um ou dois peões pra ajudar no Posto das Cruzeiras — pois o Adão, posteiro, estava meio adoentado. Pedro Guarany deu uma última tragada no palheiro e jogou o resto no chão.

Pedro firmou a faixa em volta da cintura, apertou a guaiaca de couro, de próprio feitio, e coçou o queixo, mais por cacoete do que por qualquer outra coisa. Colocou o freio e os arreios no cavalo. Ajeitou a manta de charque sob os pelegos, atou a mala de garupa com seus pertences em um tento de couro e montou no seu bragado. Olhou agradecido para a árvore que o abrigara durante a noite.

— Gracias — disse. — Vamos tomar rumo, então, Penacho!

Pedro Guarany partiu sem destino certo. Confiava nos instintos de seu cavalo.

OS DIAS SEGUINTEs foram quentes e arrastados. O princípio de primavera já estava com sol de verão. Pedro estranhava o fato de não cruzar com viva alma desde que havia entregado a tropilha. Porém, naquela manhã, forçou os olhos oblíquos e negros e reconheceu os contornos de uma carreta conhecida, atolada no passo de um arroio. Por causa disso, sorriu seu sorriso de dentes grandes e brancos. Volta e meia, nas suas andanças, encontrava o amigo mascate. Galopou ao seu encontro:

— Buenas, turco!

— Turco é o senhor seu pai e a senhora sua mãe, andarilho desaforado! — respondeu Farid — Já expliquei *miles* de vezes que não sou turco coisa nenhuma! Sou árabe! Á-RA-BE. Só tem bicho burro que nem tu por estas bandas?

O mascate Farid deixou-se cair na risada. Sempre entrava nas provocações do outro. Sabia que era por isso que não cessavam. Pedro ria sobre seus arreios. Simpatizava com o árabe desde que o conhecera empenhado em vender trajes para um casamento. O estrangeiro tinha o dom de deixá-lo à vontade, sem a barreira que ele impunha a todos que se aproximavam. Não sabia explicar o porquê disso.

— Mas vosmecê vai apear e me ajudar aqui ou vai ficar de risos como uma cozinheira aí em cima, guri mal-educado?

Pedro saltou do cavalo e foi abraçar o amigo. O velho Farid era um homem de uns cinquenta anos, mas ainda tinha a farta cabeleira conservada, recém querendo acinzentar. Ninguém sabia como havia parado no Continente, mas o certo é que aquele homem baixo, de coloração acobreada e vasta barba, era respeitado em quase todos os lugares. Quase todos, porque diziam que tinha duas ou três mulheres por aí e que, depois que elas se descobriram, foi um Deus-nos-acuda.

— Mas então, Farid, deu pra desconhecer os passos que tem cruzada é? — provocou Pedro.

— Eu tenho bom olho, andarilho! Mas é que deve ter chovido mais lá pra cima e a correnteza destruiu a passada. Um tipo burro que nem tu não entenderia dessas coisas — disse, aos risos. — Mas, então, vais me ajudar ou não?

— Vamos ver o que dá pra fazer — respondeu Pedro, descalçando as botas e aproximando-se da carreta, com água acima das canelas. — *Muy difícil...* — falava baixo, espiando o mascate com o canto dos olhos.

Passou pela junta de bois que puxava o carroção, foi correndo as mãos pela cobertura de couros de vaca, pelos forros de palha das paredes, espiou a mercadoria dos negócios do mascate. A carroça estava pesada, concluiu, abarrotada de tecidos, fazendas, alguma prataria para a casa dos

mais abastados, espelhos e outras bugigangas que pudessem interessar às gentes daquele fim de mundo.

Os pés descalços do andarilho procuravam nas rodas da carreta o ponto em que estavam atoladas, uma pedra que tivesse trancando o caminho ou algo do tipo. Sentia os cardumes de pequenos lambaris a beliscar sua pele.

— Turco, conduz os bois ali na ponta que só uma das rodas está presa - ele disse, por fim.

Mesmo contrariado, o árabe obedeceu .

— Vamos ter que esvaziar a carroça, homem. Está muito pesada. Nem tracionando com o cavalo vamos conseguir puxar.

Alheio ao aviso, Pedro continuou seus planos. Guarany estalou os dedos das mãos, agarrou a roda e fez muita força. Com o jogo do peso do próprio corpo, conseguiu levantar um pouco o carro e ordenou para o outro: “Puxa a boiada!”. O árabe tratou de puxar os animais, que deslocaram a carroça da pedra que estava atrapalhando sua condução. Farid ficou impressionado com a demonstração de força do amigo, mas nada falou, já que conhecia o seu temperamento.

Depois de resgatarem a carroça, Farid e Pedro foram conversar sob a copa das árvores. Penacho pastava solto nas proximidades.

— Mas, me conta as novas, Farid. Não pode que em todo esse tempo tu só tenhas três ou quatro causos pra contar!

— Pois, vosmecê sabe, menino, que está tudo calmo demais neste Rio Grande. Estou até estranhando. Se não surgir uma guerra por agora, acho que os homens terminam por enlouquecer!

— Mais cedo ou mais tarde tem guerra. Disso não se há dúvida!

— Pois, é o que digo. Mas eu prefiro essa paz. É bom pros negócios, sabe? As mulheres compram mais, os homens estão trabalhando e com dinheiro. Depois, vem a guerra e confiscam tudo e eu fico por aí, dormindo

com um olho aberto e outro fechado, mas com minha espada ao alcance do braço! — disse rindo.

— Que espada que nada, turco! — provocou. — Estás velho demais para pelear! Quando muito, te sobram forças pra sair correndo quando se aproxima algum perigo!

— Guri desaforado! Te mostro quem é velho! — Farid indignou-se, pegou sua arma na carroça e saiu a correr atrás do outro. Deram boas risadas naquela tarde. Acamparam por ali mesmo, tomaram um trago de uma bebida que o andarilho não fazia ideia qual era, assaram uma carne e descansaram da jornada.

No dia seguinte, logo cedo, cada um seguiria o seu caminho. Farid disse estar levando umas encomendas para um estancieiro e disse para o outro seguir mais ao sul, pois lá teria trabalho. Um dia a trote curto e ele chegaria.

— Há um bolicho numa várzea linda. Procura lá o seu Geraldo Muñoz e diz que fui eu quem te mandei lá. Ele está precisando de um homem pra serviço braçal. Mas te apura, guri, que ele mandou recado pra tudo que é lado e vai pegar o primeiro que aparecer! — disse Farid antes de se despedir e seguir caminho, puxando sua carreta com seus bois e toda sua mercadoria.

— Manda um *saludo* praquele desgraçado! — gritou Farid já bem ao longe.

Capítulo II

NÃO FOI DIFÍCIL para Pedro Guarany encontrar o rastro para o bolicho. Seguiu a direção indicada pelo mascate e logo reconheceu as marcas no chão, sinal de que havia um trânsito razoável de gente por aquelas bandas. Bastou seguir o caminho e de longe avistou o comércio.

A várzea estendia-se a perder de vista. Alguns quilômetros mais adiante, corria uma sanga de águas calmas e transparentes e era possível avistar o mato. Foi se aproximando. A casa destacava-se, pois, naquela região, não era comum um comércio de beira-estrada feito de material. Normalmente, eram pequenos ranchos de barro e de palha. Já a venda de Geraldo Muñoz era composta por um lindo terreiro com árvores fazendo sombra em abundância. Havia alguns palanques com cavalos atados próximos aos cochos de água. Uma pipa com tração animal para buscar água na sanga estava encostada ao umbu centenário, que estendia seus longos braços na frente da casa. Era um recanto privilegiado, não havia dúvidas.

Apeou do cavalo e passou a rédea em um galho do umbu. Encarou o prédio branco, com duas grandes janelas e uma porta dupla no meio, que convidava todos a entrar. Parou sob a soleira da porta e reconheceu as características comuns a quase todas as vendas espalhadas pelo continente.

Algumas mesas de madeira tosca estavam distribuídas aleatoriamente. Aqui e ali, algum gaúcho tomava um trago, conversando fiado. Havia prateleiras recheadas de mantimentos, sementes, bolachas, erva mate, fumos, cachaças temperadas com as iguarias da região e curtidas há mais de um ano — a preferência dos clientes era a canha com butiá — e outros vícios. Havia também alguma coisa de vestuário, tecidos, alpargatas, jaquetas *camperas*, ponchos, capas e chapéus. Não podia faltar, ainda, algo de veterinária, remédios e todo o arreamento, trançados, enfeites. Todo o estoque ficava pendurado pelas paredes e pelo forro do bolicho.

Pedro foi adentrando na sala. Viu um grupo à esquerda, perto da janela, jogando truco a dinheiro. Soltou um suspiro de inconformidade. Mais ao fundo, escondidos pelas sombras, havia alguns peões, sabia o que eram pelas feições e pelas vestimentas, escutando concentrados um senhor

negro que cantava histórias tristes em versos milongueados. Ele devia ser muito velho, pensou, pois estava com o cabelo cheio de mechas brancas.

Sou índio de pelo duro

Sem rumo e sem sobrenome

E essa mágoa que me aflige

É a mesma de outro tantos

Cansei de pedir aos santos

Que ninguém morra de fome

Que Deus atenda minhas preces

Pois mia fé ninguém consome

No outro canto, estava o balcão de madeira forte, ensebado pelo suor e pelo divertimento de muitos. Ele escondia a porta que dava pras dependências internas do casarão. Atrás do móvel, via-se um senhor de porte mediano, cabelos brancos e volumosos um tanto compridos, com um pano velho atirado sobre o ombro. Tinha uma enorme testa e um olhar firme e decidido. Estava entretido charqueando uma carne. Assobiava uma *coplita* e nem reparou quando Pedro encostou-se no balcão.

— Buenas! — disse Pedro — Pode me servir uma de canha?

Num repente, o dono da venda reparou no forasteiro e concluiu que estivera distraído demais.

— Perdão, gaúcho. Estava a pensar na vida. — disse Geraldo, enquanto limpava as mãos no pano encardido sobre seu ombro. Em seguida, serviu um trago pro outro. — Servido! Mas, homem, não chegue tão silencioso, podem pensar que és um fantasma! — disse rindo e se virando para terminar de salgar a carne.

Enquanto bebia a cachaça, Pedro analisava o velho e forçava as vistas para enxergar os gaúchos que jogavam cartas e os outros que

escutavam a cantoria. Preparou e acendeu um palheiro. Enquanto mascava a palha, calculou o que devia dizer pro outro.

— Que mal lhe pergunte, *usted* é o Geraldo Muñoz? — perguntou Guarany, depois de longos minutos.

O velho largou a carne e ficou a estudar a cara de Pedro. Nem todos conheciam seu sobrenome, e ele não tinha por costume esquecer uma feição. Limpou as mãos novamente e ajeitou a faca na cintura.

— Quem é que quer saber, forasteiro? — respondeu. — Já vou te avisando que, se é da parte do Coronel Mariano, ele que pare de mandar capangas por aqui se ele tiver apreço à vida! — disse, começando a ficar com a face vermelha e com a respiração ofegante.

— Me perdoe a pergunta, seu... Mas vosmecê está me confundindo. Venho atrás do Geraldo pela indicação do turco Farid, que me disse que estavam precisando de um diarista. Mas já vou me retirando — respondeu Pedro. Colocou novamente o chapéu, dando um tapa na aba, atirou um cobre sobre a mesa e já foi se virando para ir embora.

— Calma, homem! — disse o outro, devolvendo-lhe a moeda . — Quem pede perdão sou eu. Esta fica por conta da casa. Mas vosmecê sabe como é ser velho neste lugar! Se eu não engrosso, me cruzam por *riba* ! Geraldo Muñoz, ao seu dispor! — fez um gesto cerimonioso e ofereceu a mão para o cumprimento.

— Pedro Guarany, seu criado — apertou firmemente a mão do homem.

— Sabes, meu filho, gaúcho pobre e sozinho depois que fica velho tem que andar se cuidando. Ainda esses dias, estiveram por aqui dois sujeitos mal-encarados, capangada do Coronel Mariano Guerra, dono de quase todos os campos aqui da volta, menos deste cantinho aqui, que é meu por direito de herança! — disse orgulhoso.

O velho, então, contou que o Coronel Mariano já havia feito muitas propostas para comprar os poucos campos que ele possuía, mas o homem já

estava ali há bastante tempo e não pretendia mudar naquelas alturas de sua vida. Mas o Mariano não era homem de aceitar que lhe contrariassem.

Há cerca de um mês, quando acordara, ainda madrugada, Geraldo foi reacender as brasas do fogo na lareira e escutou, ao longe, um tropel de cascos de cavalo. Abriu a porta do bolicho e nada. O silêncio voltou a reinar. Pisou em algo escorregadio. Deixou cair o mate e teve um troço: o galo do seu terreiro jazia morto no chão. Corpo pra um lado e cabeça pro outro.

— Logo o Carijó! Campeão das rinhas! — contava, gesticulando e fazendo cara de tristeza. Ficou um pouco em silêncio como em respeito ao falecido galo, mas, ao mesmo tempo, criando um bom suspense para o seu caso.

— Mas vosmecê não vai acreditar — continuou ele. — Em seguida, por volta da hora do almoço, dois forasteiros vestidos de negro, fedendo que nem zorrilho ensebado, sentaram numa mesa e pediram um trago. Eram tipos da pior espécie, logo vi. Mas trabalho é trabalho, não é mesmo? — perguntava.

Pedro concordou e ficou surpreso ao notar que realmente estava interessado na história. Reparou que o barulho no salão ia diminuindo aos poucos.

Geraldo apontava com o dedo indicador, grosso e meio deformado, o local em que se passara a cena.

— Quando voltei para servir os dois — continuou Geraldo — um dos homens me provocou dizendo: “Vossa mercê pode me servir de almoço um ensopado de galo? Sem a cabeça, se não for pedir demais”.

— O debochado dissera aquilo rindo! O outro, que estava com ele, ria ainda mais alto! Eu fiquei abismado — contou Geraldo — Mas não pensei duas vezes! Nem dei tempo pro animal se preparar! Quebrei a garrafa de cachaça na cabeça dele. E corri os dois a cabo de mango!

Geraldo Muñoz terminou de dizer esta frase, demonstrando como fizera com os capangas, e quase acertou um safanão na cabeça do Pedro,

que desviava dos golpes do velho, já começando a achar graça da história e, mais ainda, do jeito que o outro contava.

Muito embora o bolicheiro fosse um senhor já idoso e um pouco acima do peso, Pedro Guarany não duvidou da história narrada. Agora, Geraldo exibia os dentes amarelos num grande sorriso desbeijado, enfeitado pelo fino bigode grisalho. Contava o caso como uma grande bravata de guerra:

— Estes braços aqui que vosmecê vê já seguraram muita espada, meu filho. Posso estar meio velho, mas capaz que vou me afrouxar pra qualquer um! — completou aos risos. — E aquele desgraçado do Mariano só me tira da minha casa se for dentro dum caixão! Mas vamos ao que de fato interessa — prosseguiu. — Estou mesmo precisando de alguma ajuda para fazer uma quantia considerável de lenha. Já não tenho mais idade pra passar o dia cortando *astillas*. Depois, se for do teu interesse, tenho outros pequenos serviços. O que te parece, homem de Deus?

— Se for do seu agrado, por mim estamos acertados.

Apertaram as mãos. Tomaram um trago de canha pra comemorar. Em seguida, Geraldo pediu que Pedro o ajudasse a levar a gamela com as carnes já salgadas e as pendurasse no varal. Ele ficaria por ali atendendo os clientes e revisando suas cadernetas.

PEDRO GUARANY acabara de soltar o Penacho no piquete do açude, nos fundos do bolicho. Improvisara uma cama de arreios em um galpão de madeira simples, mas acolhedor. Lá, estavam espalhados alguns mochos e bancos. Havia, também, um grande fogo acomodado no centro de uma velha roda de carreta e algumas prateleiras com latas de erva mate e de bolachas. Sentia o cheiro do carreteiro que se aprontava na panela preta sobre as brasas e escutava o chiar da água fervendo na cambona.

Pedro resolveu caminhar para reconhecer o local onde passaria os próximos dias. Era um lindo recanto. O sol havia recém se escondido, e o céu estava pintado de matizes púrpura e as últimas luzes do dia fugiam em direção ao poente. Era um lugar mágico. Seguiu em direção à casa grande, acompanhado pelo pisca-pisca constante dos vagalumes.

Pedro entrou na sala e ficou de longe, observando. Geraldo estava inquieto. Batia os dedos constantemente no balcão, cuspiam pedaços de fumo no chão e coçava a cabeleira branca. Finalmente, pareceu tomar coragem e foi na direção do negro Floriano, que estava bebericando um pouco de canha, sentado muito encurvado numa mesa de canto.

— Meu amigo, preciso trocar uma palavra com o senhor. — Foi puxando um banco e sentou ao lado do cliente. — Pois, o caso é que estava revisando a caderneta e — pigarreou — a última vez que pagaste tuas dívidas já faz quase um ano...

O negro Floriano coçou a cara pelancuda, pontilhada de fios brancos, trocou o pito de um canto para outro da boca e, com os olhos lustrosos, ficou a encarar o chão. Como não houvesse resposta, Geraldo foi se desculpando pela cobrança, mas precisava receber pelo menos parte da dívida, pois era assim que sobrevivia e mantinha seus estoques.

Floriano levantou a cabeçorra um pouco grande para o corpo franzino e, muito constrangido, disse:

— Le peço perdão Geraldo. Devo, não nego. Mas, se devo é porque, nesta terra, quando o homem perde as forças do braço, não tem mais serventia. Sou pobre e meu único bem é este nome que meu pai me deu, e que já foi do meu avô Floriano, o vô Flor, que Deus o tenha. — Ficou um instante em silêncio, olhos parados como a lembrar outros tempos. Deu um lento suspiro e pareceu voltar à tona: — Vamos fazer um remate!

O remate era uma prática comum naquelas paragens. Quando um homem não conseguia pagar suas dívidas, reuniam-se os bens do vivente e leiloavam entre os convivas. Era uma situação extrema e constrangedora, porém necessária. Naquele tempo, valorizava-se muito o acordo feito no fio do bigode.

Geraldo ensaiou que não ia aceitar a proposta, mas Floriano fez questão:

— Negócios são negócios! — bradou, antes de desafivelar o cinto com fivela prateada e deixá-lo na mesa. Tateou os bolsos e jogou sobre o tampo um naco de fumo castelhano, o velho violão, sacou as esporas das

botas, colocou ali o poncho de lã e, após uma breve hesitação, buscou o *cutillo* de prata, escondido sob a faixa da cintura. Ainda lembrava, certa vez, quando seu pai havia lhe entregue aquele regalo. Era inverno, e ele, um negrinho de perna fina e olhos esbugalhados, estava sentado ao lado do catre do pai. O homem, por demais doente, tossia, parecia querer expulsar o pulmão do corpo. O quarto cheirava a doença, urina e sebo de vela. O menino olhava a cena com expressão chorosa. O pai, então, pegou firmemente o pulso do filho e depositou na mão dele a pequena arma de prata.

— Era do seu avô! — disse, antes de fechar os olhos.

O menino correu em prantos para avisar sua mãe de que o pai havia morrido.

Floriano passou seus dedos ásperos sobre a textura da faca de prata ainda quente do contato com seu corpo e largou-a sobre a mesa, juntamente com os outros objetos. Geraldo não olhava mais para o homem, constrangido. Foi analisando cada peça e pensando no seu valor. Deixou as coisas sobre o balcão da copa e pediu atenção aos presentes.

— Vamos se aproximando, gauchada, que vai ter remate no recinto!

Aos poucos, os ainda presentes aproximaram-se. Três ou quatro filhos de estancieiros, que se reuniam semanalmente no bolicho para uma boa carpeta e uns tragos, olhavam curiosos a cena. Um ou dois peões estavam mais distantes, escondidos pelas sombras.

Não fosse o motivo, o remate poderia ser uma cena pintada de forma alegre. Os presentes pelearam por cada peça, o que acabou agregando maiores valores às mercadorias. Um ficou com a espora, outro passou a mão na fivela do cinto, deixando o couro gasto em cima da mesa. A faca de prata foi a mais disputada, e o mais afortunado acabou levando o objeto precioso. Floriano assistia à cena conformado, mas com um imenso sentimento de tristeza e vergonha.

— Nada mais? — perguntou, por fim, Geraldo.

Sobravam no balcão a velha viola, um pouco de fumo uruguaio e o poncho, puído e desbotado pelas geadas. O bolicheiro calculava o arrecadado, coçando a cabeleira e cheirando a ponta dos dedos. Teria que ficar com as sobras pra completar o valor devido. Estava, também, aborrecido por tirar do velho Floriano seus poucos pertences. Mas, afinal, se não havia remédio, remediado estava, dizia um antigo camarada dos campos de batalha.

— Seu Geraldo, — disse Pedro, em cuja presença Geraldo nem reparara — dependendo do preço, gostaria de ficar com o poncho.

— Pega, homem. Paga o que puder — disse o bolicheiro, entregando o agasalho para o Guarany, que tirou um cobre da guaiaca e jogou sobre o balcão.

Alheio às conversas, Floriano pensava na vida. Por que Deus havia permitido que ele vivesse tanto tempo, enquanto as pessoas por quem ele sentia apreço já haviam partido? Por que deixara que ele passasse por tantas batalhas, servisse a tantos coronéis e patrões, pra acabar a vida sem forças, sem casa, sem nada? Pensava nisso tudo e acariciava a faixa na cintura. Não estava mais lá a sua pequena faca de prata, herança de família. Era a perda que mais lhe doía.

Geraldo Muñoz arrematou para si o fumo castelhano por um preço que lhe pareceu justo. Sobrou o violão, parceiro de churrasqueadas, festas e momentos de solidão. Esse ninguém quis. Estava, qual seu dono, velho e judiado.

Geraldo aproximou-se do cliente:

— A dívida está quitada, Floriano. Podes levar tua viola que não vai ser preciso. — Na verdade, entretanto, faltava algum dinheiro, mas ele preferia esquecer.

O negro Floriano levantou da cadeira cambaleando um pouco, com o orgulho ferido. Em seguida, puxou as mangas da camisa, pegou sua guitarra, ignorada por todos, pediu licença e caminhou direto à porta da venda. O vento gelado das noites lambeu seu rosto. Por instinto, passou as

mãos pelos braços. Respirou fundo e seguiu adiante. Enquanto encilhava seu cavalo, foi tirado dos seus pensamentos pela chegada brusca de Pedro.

— Com licença, senhor.

— Fale, meu filho — disse o negro.

— Vosmecê esqueceu disto — e foi entregando o poncho de volta para o gaúcho. Fez um leve aceno de cabeça e virou-se na direção da venda. Não esperava agradecimentos, simplesmente não podia permitir que um homem daquela idade andasse nas geadas sem o seu agasalho.

— Calma! Volta aqui, homem! — Pedro virou-se e, percebendo a emoção do velho, ficou constrangido. — Isso que tu fizeste, menino, não tem palavra que agradeça. Mas vou te oferecer o meu violão, parceiro de uma vida toda, pra que te faça companhia também. Aprenda a contar tuas histórias com ele e sempre preste atenção aos conselhos que ele te dará ... O que dizemos ao dedilhar milongas são recados de outras vidas, outros mundos, que chegam aos nossos ouvidos trazidos pelo minuano. Nunca os ignore...

Pedro respondeu que aquilo não era necessário. Floriano não aceitou o violão de volta. Com os olhos marejados, falou:

— Só um andarilho sabe o valor que o poncho tem nesta vida de andejar. Que Deus te acompanhe na tua caminhada!

Então, o velho fez com que seu cavalo apurasse o passo e sumisse na noite fria e sem lua.

Capítulo III

MESMO DENTRO DO QUARTO DOS EMPREGADOS, João Fôia podia sentir a presença da coruja que descansava na corticeira ao lado do galpão. Escutava seus pios e ficava ainda mais inquieto. Era sempre assim em dia de tropeada. Deve ser bobagem da minha cabeça, pensou. Soltou um longo suspiro e levantou da sua cama no alojamento dos peões da Estância da Província.

João vestiu as bombachas e calçou as botas. Era pesado, mas não de todo gordo. Tinha cabelos volumosos e barba rebelde e falha. Coçou a cicatriz no rosto e afivelou sua rastra, tentando fazer pouco barulho para não acordar os que ainda conseguiam dormir. Colocou o chapéu sobre a cabeça.

Sentiu aquele cheiro nauseabundo e olhou para os homens espalhados pelo recinto. A maioria deles vivia há muitos anos por ali e nem conhecia outra forma de vida. Trabalhavam de sol a sol. Poucos eram os que subiam na hierarquia das estâncias, virando sota-capataz, capataz ou posteiro. A maioria continuava como peão a vida inteira. Dividiam os mesmos quartos, as mesmas angústias, e não tinham praticamente nada que pudessem chamar de seu. No inverno, aqueles que não tinham abrigo encarangavam de frio. Poucos reclamavam.

João Fôia tinha pena, achava-os um bando de coitados e miseráveis. Mas eles mesmos nem tinham noção disso. Eram, a seu modo, felizes e devotos aos patrões que lhe davam teto, comida e um pouco de dinheiro. Ontem mesmo, achara graça da alegria do mulato Anastácio quando o seu Herculano, capataz, entrou no galpão perto da hora da janta e lhe entregou um poncho, um pelego e um quarto de ovelha. O empregado não entendeu o que se passava, e o outro explicou a situação: o patrão mandava aqueles regalos quando o peão completava um ano de casa. Surpreso com o acontecido, Anastácio agradeceu e assou a carne pra peonada. Não pôde se estender na comemoração, pois cedo seguiriam viagem.

Não eram nem cinco horas da manhã quando João Fôia deixou o quarto cheio de gente. Desviou os olhos da árvore em que a coruja piava. Depois, entrou na cozinha dos homens, deu “ *buenos dias* ” e preparou seu

mate. Alguns peões já aprontavam suas coisas, engraxavam seus arreamentos com sebo e se preparavam para a jornada.

Estavam todos inquietos, pensativos e com olhares soturnos. Herculano olhou de modo desconfiado para o João. Ninguém entendia aquela sua mania de andar, seja noite ou dia, com seu chapelão de feltro negro e aba larga, enfiado na cabeça melenuda.

Pegou sua cuia e foi *yrbear* ao ar livre. Logo mais fariam uma grande tropeada. Levariam trezentas cabeças de gado até uma charqueada distante umas quantas léguas. Não tinha bons pressentimentos.

Na noite anterior, bebeu mais do que devia na festa do Anastácio e, quando já ia se recolher, escutou a vaca do leite, que havia entrado sozinha na mangueira, a mugir tristemente. Curioso, João resolveu averiguar o que estava acontecendo e foi se aproximando, forçando os olhos embaçados para enxergar na escuridão. Naquele momento, ele viu uma muçurana mamando no ubre da vaca. *Diós mio*, fez um sinal da cruz, mais por costume do que por devoção, e saiu apressado, querendo esquecer do acontecido.

Sabia que ver cobra que toma leite na teta era um mau agouro. Não comentou com ninguém, mas ficou preocupado. Roncou a cuia do mate e puxou a faca presa na rastra de couro cru e se pôs a picar o fumo, taciturno.

O capataz Herculano saiu da cozinha dos homens e já foi convocando:

— Quem tem poncho vai, quem não tem poncho vai também!

A tropeada teria início.

O gado, que passara a noite encerrado, mugia impaciente. De pouco em pouco, os peões começaram a conduzir os animais a passos lentos rumo à charqueada. Seria quase um mês de chão.

Quando o sol despontou no horizonte, a tropa já estava cruzando as fronteiras da Estância da Província. Os peões conduziam o gado de forma lenta e calma. Herculano ficava na culatra, a observar e zelar pelos animais.

Não podiam apurar o passo, pois, se a tropa emagrecesse e chegasse suja de esterco, isso evidenciaria a falta de perícia dos tropeiros.

João Fôia estava montado em um cavalo zaino, com o pelo de um vermelho queimado, crinas negras e orelhas alertas. Nem mesmo o jeito corpulento, pesado, fazia com que ele tivesse menos destreza sobre o lombo do animal. Ele olhava atentamente o gado. Esperava pelo pior, mas não sabia exatamente o quê. Por cacoete, alisava o farto bigode negro e coçava o rosto de barba falhada.

A tropeada era sempre uma lida difícil. Passavam aproximadamente quinze horas por dia sobre o lombo dos cavalos. Dormiam pouco e descansavam menos ainda. Nesse primeiro dia, conduziram os animais até a hora do almoço, pois não prestava tropear no sol alto, judiando a tropa. Depois da breve parada, subiram nos cavalos e tocaram o lote calmamente.

Com o passar dos dias, os animais ficavam tensos. E a canseira começava a bater no lombo dos homens, que corriam o risco de ficarem desatentos. A grande ameaça sempre fora o estouro da tropa. Não podiam se distrair, pois isso resultaria em trabalho dobrado e perigoso, podendo até mesmo acontecer algum acidente fatal.

Os primeiros dias de viagem transcorreram dentro da normalidade. Mas, no quarto dia de tropeada, os menos acostumados já começavam a sofrer com as câimbras e o inchaço dos pés e das mãos.

João avistou, mais à sua esquerda, o jovem Anastácio, mulatinho novo, fazendo força para se manter concentrado. Com a cabeça pendendo do pescoço, bocejava e tentava se espichar, mudando a posição do corpo sobre os arreios, para aguentar a dor que sentia nos baixos. Era a primeira tropeada dele. João olhava-o e esboçava um sorriso. Lembrou de sua estreia como tropeiro, quando tinha pouco mais de treze anos.

Numa primavera, não muito diferente daquela, seu pai precisara levar o gado que estava no posto onde eles moravam para outro campo do patrão. Seriam no máximo oito dias de tropa. O pai dissera:

— Vais comigo mais um peão da estância. Tens que ir pra aprender. Prepara tuas coisas que às três da manhã partimos.

João não pensou duas vezes e, em pouco tempo, já estava com o poncho emalado e a mala de garupa com algumas das precisões. Cedo da madrugada, partiram. Ele encilhava um petiço tobiano meio assustadiço e andava sempre ao lado do pai, ouvindo seus conselhos.

— Guri, vamos levar esse gado pro melhor campo da estância. Dar uma última engordada nele, que logo mais o patrão já vende pra fazer os pilas. Quando eles já estão nesse estado, basta dá uma última forçada que ficam estourando de gordo.

João prestava atenção em tudo. Um dia, teria seu próprio posto. Ficava a imaginar o futuro: queria uma vida tranquila e simples como a do pai. A tropeada foi árdua. Quando finalmente abriram as porteiras do campo onde o gado ficaria, João não tinha mais forças: suas mãos tremiam, suas nádegas contraíam-se em câimbras violentas, e suas costas estavam duras. De tanta dor, mal conseguia mexer o pescoço. Os dedos das mãos, além de inchados, exibiam pequenos cortes, pois havia esquecido de engraxar as rédeas, e o couro cru endurecido estava afiado, fazendo de cada segundo uma pequena tortura.

Ao chegar de volta ao seu rancho, atirou-se do cavalo e saiu em direção à mãe, meio que se arrastando e bastante pálido.

— O que é isso meu filho? — perguntou ela.

— Não há de ser nada... — respondeu João.

— O que se passou com ele? — perguntou a mulher ao marido.

— Nada, mãe. Estou cansado, no más.

João olhou para o pai, que ainda estava sobre seu cavalo. O velho fez um aceno e sorriu para o filho. Ele foi para dentro de casa cheio de orgulho.

Agora, finalmente, era um tropeiro.

João foi arrancado de seus devaneios. O vento forte começava a levantar as folhas e a agitar os animais. A natureza emanava seus cheiros, e os homens já entendiam que logo mais desabaria a chuvarada. Nuvens

cinzentas e pesadas voavam baixas sobre suas cabeças, desenhando o temporal.

— Calma, boi! — gritou o Herculano, enquanto empurrava uma ponta de gado de volta para o rodeio. — Agora que já viemos tresnoitados, o entrevero vai ficar lindo! — gritava meio tenso e meio rindo.

João desamarrou o poncho que estava emalado junto aos arreios, vestiu-o e já esporeou seu zaino, indo buscar as ordens do capataz.

— Seu Fôia, o senhor dê uma galopada no baixo e veja se a mangueira daquele campo tá fechada. Vamos deixar a boiada trancada, senão estoura!

— Sim, senhor. — respondeu.

Gotas grossas de chuva começaram a cair do céu, agora totalmente negro. O vento parou, e o ar ficou mais abafado. Um raio cortou o céu e, em questão de menos de um segundo depois, o barulho do estrondo assustou a todos. O gado berrava. Abaixo de muita água de chuva, os gaúchos tentavam conduzir o gado direto à mangueira. Os cachorros latiam, descontrolados. “Porta boi!”, gritaram os homens. Só depois de muito trabalho é que conseguiram, enfim, conduzir os animais para dentro da encerra.

Ao final da lida, estavam todos encharcados. Conseguiram conter o ímpeto de liberdade da tropa, mas, agora, não restava alternativa senão aguardar. Mesmo em cima do lombo dos cavalos, alguns, exaustos, tentavam fechar os olhos e dar uma cochilada.

João continuava atento ao que podia acontecer. Confiava em seus instintos. Espichou o braço para pegar o cantil de guampa que estava amarrado bem ao seu alcance. Levou-o à boca e sorveu o gosto acre da canha. Sentia a água escorrendo de seu chambergo desabado e caindo sobre o poncho impermeável, mas os joelhos e os pés estavam molhados. Um arrepio de frio subiu por sua espinha.

JÁ SE IA mais de uma semana que eles viajavam pelo pampa, e o calor daquele meio dia se fazia insuportável. O capataz Herculano, de idade

avançada, estava com o corpo corroído de dor – mal sentia os pés e ainda suspeitava estar com febre.

Herculano forçou as vistas em busca de uma aguada e de uma sombra, temia não poder continuar. Já trazia as rédeas frouxas nas mãos. “Esta será minha última tropeada, não venho mais”, pensava.

O velho, de repente, sentiu uma dor no peito e uma forte vertigem.

— Socor... — tentou chamar os que estavam próximos, mas a voz não saiu de sua boca.

A luz do sol cegou-o momentaneamente, e suas mãos cansadas da viagem permitiram que a rédea lhe escapasse. Parecia que seus miolos queriam partir-lhe a cabeça, que latejava compassadamente. Tentou levar a mão ao coração. A dor foi lancinante; e a pressão, insuportável. Ele perdeu os sentidos. Na mesma hora, o cavalo que montava pisou na rédea e, assustado, disparou. O gado, ouriçado, fez menção de se apartar.

João Fôia viu o cavalo do capataz disparar. Percebendo a gravidade da situação, esporeou seu zaino e, a todo galope, tentou conter o animal que corria assustado. O velho Herculano caiu do cavalo e foi arrastado por muitos metros, pois seus pés ficaram presos ao estribo. Quando João conseguiu parar o animal, já era tarde demais – o antigo capataz da Estância da Província estava estirado no chão, sem vida.

Enquanto alguns peões controlavam o gado para evitar a debandada, os mais próximos do morto rezaram como sabiam e, com duas estacas de madeira e couro, improvisaram uma maca. Armênio, sota-capataz, mesmo em choque, teve de assumir a situação, uma vez que havia se tornado o responsável pela tropa. Destacou um dos homens de sua confiança e recomendou que levasse o corpo do capataz de volta para as casas.

— E vê se não te extravias no caminho, se não hás de entregar o corpo do homem “abichado” pra dona Joaquina. — disse, antes de soltar um longo e agudo assobio chamando a tropa — Olha o caminho, boi...

João acompanhou a cena de longe. Não estava triste, pois não tinha qualquer apreço pelo capataz, mas estava assustado com sua premonição.

Não gostava dessas coisas.

Ao décimo nono dia de tropeada, reconheceram, ao longe, a grande mangueira de pedra da Charqueada Santa Rita. Escutaram os latidos dos cachorros e puderam ver que a peonada da estância já estava encilhada, aguardando a chegada. O cheiro que sentiram era de podre, e moscas varejeiras zuniam em seus ouvidos. Podiam enxergar carcaças de animais jogadas num grande amontoado ao lado do rio de suas águas escuras e fedorentas. Sangue e restos de dejetos eram lançados todos os dias, sem trégua, nas suas correntezas.

Cinco cavaleiros se aproximaram para ajudar a conduzir o gado. Com destreza, após poucos minutos, deixaram os animais pastando no pequeno potreiro nos fundos da propriedade.

Finalmente, os tropeiros puderam descansar. O seu Armênio, com o semblante cansado e triste, estava a bebericar uma guampa com canha quando foi chamado por um senhor na entrada do galpão.

Esse senhor encarava a todos com olhar de reprovação. Tinha os olhos profundos e sérios, largas sobrancelhas pretas e unidas a contrastar com sua barba branca. A calvície era escondida por um elegante chapéu de feltro. Armênio acompanhou-o numa caminhada e foi mostrando-lhe o gado, explicando os acontecidos do trajeto. O velho balançava a cabeça e parecia concordar com o que o peão dizia. Aos poucos, sumiram das vistas de João Fôia.

— Quem é aquele senhor? — indagou João pra um peão da charqueada.

— Aquele é o Cel. Mariano da Cunha Guerra. Dono aqui da Santa Rita, da Bela Vista e de muitas outras terras — respondeu o outro, orgulhoso.

— Parece ser um homem poderoso...

— Por estas bandas, moço, o que o Cel. Mariano diz... é lei!

Naquela noite, pernoitaram no galpão da charqueada e, antes do amanhecer, os tropeiros retornaram para a Estância da Província. Foram

todos, exceto João Fôia, que recebeu seu soldo e deu por cumprido o seu contrato com aqueles homens. Ficaria pelos arredores, pois sabia que gente como o Cel. Mariano Guerra costumava precisar de homens como ele. Fazia questão de estar por perto quando isso acontecia.

Depois de se despedir dos peões da charqueada e oferecer seus préstimos ao coronel, apertou bem o barbicacho, desabou ainda mais o chapéu e seguiu no rumo que eles indicaram. Escutava, ao longe, os latidos dos cachorros e o barulho dos homens trabalhando.

— Êra boi... Êra boi...

Capítulo IV

O SOL fervia e torrava até mesmo a pele acostumada de Pedro Guarany. Ele fez um movimento certo com o machado e aprontou outro toco de lenha. Passou o antebraço na testa para livrar-se do suor que escorria como cascata. Penacho bebia água e pastava no raso da sanga, cujas águas desfilavam calmamente em sua correnteza leve e arrastada. Pedro passara as duas últimas semanas cortando lenha desde o amanhecer até o cair da noite. Ao escurecer, colocava toda a madeira em uma pequena carroça de duas rodas e levava até a lenheira.

Cortou a última tora de lenha e percebeu que um arbusto sacudia próximo à beira da água. Sorriu satisfeito e correu até ali. Buscou a linha que estava amarrada no galho e, sentido que fisgara um peixe, deu um leve tirão em seu caniço improvisado e recolheu uma grande traíra.

— Mas olha, Penacho! Que hoje dei sorte! — falava, enquanto o cavalo observava de longe com as orelhas apontadas em sua direção.

Depois do serviço, deixou o peixe na cozinha. Sabia que traíra assada era um dos pratos favoritos do seu Geraldo. Mesmo com pouco tempo de trabalho por ali, nutria certo carinho pelo bolicheiro. Aquele senhor, já idoso e sozinho, poderia ser ele mesmo no futuro e, quando pensava nisso, uma confusão de sentimentos e saudades de outros tempos invadiam sua cabeça.

Pedro seguiu para o galpão onde estavam suas coisas, preparou seu mate e deixou a cuia descansando um pouco para que a erva inchasse com a água morna, velho costume que aprendera com seu pai. Olhou para o gasto violão que estava recostado ao lado de seu catre. Desde que ganhara o instrumento, não conseguira tirar uma música sequer. Tentava pensar em alguma melodia bonita, mas suas mãos não obedeciam, e ele terminava por ficar irritado e desistia logo. Outro dia, chegara a imaginar a cena que seria se o turco mascate o enxergasse numa de suas tentativas.

— Mas nem pra isso tu serve, andarilho burro! — diria o amigo aos risos, para provocar sua indignação.

Quando Pedro não desistia de tocar por conta própria, Geraldo ou os clientes do bolicho faziam com que ele desistisse. Na verdade, ninguém aguentava aquele barulho desconexo que saía do seu violão.

Pedro pegou seu mate e passou a mão no instrumento mais uma vez. Lá dentro, Geraldo soltou um suspiro de inconformidade ao enxergar, pela janela, que o outro estava se acomodando embaixo do umbu para mais uma apresentação artística.

O bolicheiro estava satisfeito com o movimento dos últimos dias. A lenha estava quase toda pronta para ser entregue ao seu Bonifácio Hernandes, que ofereceria uma grande festa de casamento para sua única filha, Maria Rita. O noivo era o Tibiriçá, dos Lopes da região do Paredão, um agrupamento de famílias que vivia em um local apartado e não se misturava muito com as gentes da região. Mas o Tibiriçá era diferente: homenzarrão de quase dois metros de altura, de voz forte e empostada, um trabalhador incansável, mas um festeiro como poucos. Era um bailarino requisitado nos bailes de fundo de campo e gostava muito de tocar uma *cordeona* encostada junto ao peito cabeludo. Geraldo lembrava do Tibiriçá e, por causa disso, tinha um pouco de pena da menina.

— Coitada da Ritinha, filha do seu Bonifá! — disse certa vez.

— Mas coitada por quê, homem? — perguntou Pedro.

— Pedrinho, meu filho, tu já viste o Tibiriçá? — e olhou com olhos de quem insinua algo: — Isso mesmo! Olha o tamanho daquele gaúcho! Vai arrebentar com a coitada da guria! Tão pequeninha. *A la maula* !

Riram juntos. Pedro vira a jovem Maria Rita apenas uma vez quando ela veio à venda, junto de seu pai, fazer as encomendas para a festança. O Bonifácio pediu que reservassem bebidas, que ficavam guardadas em uma espécie de gaiola de ferro, pendurada dentro do poço de água para se conservarem fresquinhas. Compraram, ainda, alguns tecidos, enfeites, e o homem contara que a mãe da noiva já estava preparando os doces do casamento: bem casados, pessegadas, figadas, ambrosias e tudo mais que a filha tinha direito.

— Vai ser uma festa daquelas! — contava orgulhoso, passando as mãos sobre o bigode farto que lhe escondia a boca.

Por tudo isso, Geraldo estava satisfeito — festa na região é lucro nos negócios. Os convidados dos noivos estavam indo ao seu estabelecimento para comprar prendas para os contraentes, comprar tecidos para algumas reformas nos vestidos das senhoras, ou apenas para bebericar um trago e contar as novas.

Geraldo foi arrancado de seus pensamentos com a chegada repentina de um cliente:

— Boas noites — escutou-se o cumprimento de voz grave e seca.

Geraldo olhou para o gaúcho que adentrava a venda e respondeu à saudação com um leve aceno da cabeça. Notou que o homem se aproximava com passos lentos e firmes, aparentando cansaço. Vestia pilchas gastas e sujas de pó. Reparou nos detalhes do florão de ouro em sua rastra, na faca de prata atravessada na cintura e na arma presa à faixa. As vestimentas pobres de tropeiro pareciam não condizer com aqueles adornos finos. Pensou que devia ser outro capanga que viera lhe atazanar.

O homem aproximou-se do balcão, arrastando esporas nos tabuões de madeira do assoalho. Encarou o dono do estabelecimento e ficou à espera do atendimento.

— Pois não, moço? — disse Geraldo, enquanto tentava desvendar nas sombras do chapéu o olhar daquele homem de rosto severo e nariz protuberante e desafiador.

— Tem algo pra comer? Venho mais faminto que terneiro mamão.

— Tenho espinhaço de ovelha e pirão. Está servido?

— Está bom.

O homem examinava o bolicho. Pegou sua faca de prata e se pôs a picar fumo calmamente na palma da mão. Ajeitou o conteúdo na palha, rasgou metodicamente uma tira com o fim de atar seu cigarro. Riscou o

fósforo e aspirou a fumaça do palheiro. Soprava tranquilamente, como se assim espantasse da cabeça os pensamentos.

Pouco depois, Geraldo veio da cozinha equilibrando um prato de barro com a comida, uma garrafa de canha e um copo de vidro embaçado.

— Está servido de canha? — ofereceu.

— Não tem vinho? Estava precisando de algo pra dar uma adoçada na vida, se o senhor me entende.

— Pois não! — respondeu Geraldo e já foi buscar a bebida na sua despensa. Voltou trazendo um garrafão e serviu-lhe um copo. O forasteiro puxou uma das cadeiras livres e convidou o bolicheiro a sentar com ele.

— Sente, *no más* .

Contrariado, Geraldo atendeu ao pedido. O homem falou:

— *Tresontonte* me encontrei com um paisano que me disse que vosmecê estava precisando de um diarista. Me chamo João Contreras, mas me conhecem por Fôia. Vim pelo serviço — e deixou que as palavras fizessem seu efeito no silêncio que se seguiu.

— Mas que lástima, seu Fôia. Acredito que tenha perdido a viagem! Já faz um lote de dias que estou com um peão contratado — respondeu e foi logo levantando, queria encerrar a conversa.

— Espere um pouco — disse o outro, pegando do seu braço — Venho tresnoitado de estrada e tropa. Vosmecê permite que eu faça pouso aqui pelo rancho esta noite? — disse isso, enquanto coçava o canto do olho direito, escondido pelas sombras de seu chapéu.

— Fique, homem. Jante e tome teu trago. Depois, procure pelo Pedro, que está lá fora no umbu, e entrega teu cavalo. Ele te mostra o galpão. Com *permiso* ... — Geraldo fez um leve aceno com a cabeça e foi cuidar de seus afazeres, satisfeito de ter cumprido seu dever, pois é costume das gentes dar pouso para os viajantes.

Após comer, João Fôia pagou o que devia e foi atrás do tal de Pedro, conforme sugeriu o dono da venda. João não achou o gaúcho no umbu e deu uma volta pelo terreno. Não era um comércio comum. Da terra, brotava o cheiro de mato; e, das lareiras, sentia o picumã — cheiro de rancho, como dizia seu pai — as panelas fumegantes emanavam odores de casa, de lar, de lugar habitado. Há quanto tempo não sentia aqueles cheiros? Nem sabia. O bolicho do Geraldo tinha um quê de sua casa. Não sabia explicar o motivo.

Por fim, encontrou Pedro que encerrava as galinhas no galinheiro. Aproximou-se lentamente, cumprimentando o estranho:

— Buenas! O dono do bolicho disse que vosmecê me ajudaria com o cavalo e com o lugar pra eu pernoitar. Me chamo João Fôia, e qual a sua graça? — disse ele, estendendo a mão.

— Pedro Guarany — cumprimentou o outro com um pouco de desconfiança. — Pode sacar os arreios do cavalo e me passar o animal que o levo pra junto do meu.

João fez o que lhe foi pedido, mas acompanhou o outro enquanto indicava-lhe o caminho.

— Que lindo lugar este, não é mesmo, Guarany?

— É verdade. É um lugar que nos prende, este bolicho.

Chegaram perto da sanga, e o Penacho aproximou-se, farejando o dono. Soltaram o zaino. Os cavalos se cheiraram, relincharam e correram juntos. Pareciam velhos conhecidos.

— *Muy* lindo teu bragado — disse João com a estranha sensação de já ter visto aquele animal.

— *Gracias*, mas o zaino não perde em nada.

Foram para o galpão. Já sem a estranheza da apresentação, conversaram, trocando ideias e descobrindo os pontos em comum na história dos dois.

Cada um aprumou sua cama de arreios perto do fogo, onde chiava a cambona com água quente, e o picumã rescendia, escurecendo a quinha do telhado.

— Aceita um amargo? — ofereceu Pedro.

— Mas como não? — disse o outro. — Como vinha dizendo, amigo Guarany, que venda buenacha essa do seu Geraldo. Chego a imaginar, ali na cancha, uma carreira... aos gritos de “Sem reserva” e “Já se vieram! ”. Qual é o povo mais próximo?

— Penso que o povoado de São Sebastião... Mas é *muy lejos* daqui...

— Pois então o ponto é dos bons mesmo — ficou uns instantes, pensativo, com o olhar parado, mas logo voltou ao normal. — Mudando de saco pra mala, me diga... Venho judiado de estrada, precisando me divertir um pouco. Onde tem chinas por essas bandas?

Pedro olhou meio de soslaio para o outro e, em voz baixa, respondeu:

— Não *hay* muitas por acá. *Pero*, se te agrada, podes descer no costado da sanga, até o próximo passo... Dali já farejas as moças, perto de um mato de seibos... pode falar com a dona Maroca, que ela é uma boa negociante.

— Vamos?

— Não posso, estou sem nenhum fino, nem pros vícios!

— Dá-se um jeito! — provocou Fôia.

— Já sabes o caminho — respondeu Pedro, finalizando o assunto.

— Mas homem! Não leva tudo muito a sério, que nem petição em subida! — ponderou, enquanto Pedro apenas olhava e mateava.

João Fôia acomodou-se nos arreios, afrouxou a cinta, puxando a faca de prata para o lado e tirou, finalmente, o chapéu negro da cabeça. O vasto cabelo preto caiu sobre sua testa. Estralou o pescoço num baque. Olhou firmemente para o colega de quarto e, somente então, revelou o olho

direito vazado e uma profunda cicatriz em forma de folha naquela parte do rosto.

Pedro Guarany fixou o olhar algum tempo na face castigada do outro. Sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha. Estendeu a mão, oferecendo mais um mate.

— Foi numa peleia, muitos anos atrás — disse Fôia, como se devesse alguma explicação.

— Perdão, não queria ser intrometido. — respondeu Pedro.

— Não tem problema. Apenas enxergo muito pouco, o que me atrapalha às vezes. Mas me conta, Guarany, qual a tua história? Todos temos um motivo para andejar sem eira nem beira.

— É uma história *muy* comprida e *muy* triste.

— Todas são, não é mesmo? — disse o outro, rindo.

Pedro Guarany acomodou-se para dormir. Sentia a garganta fisgando. Pouco tempo depois, o silêncio tomou conta do galpão. Escutavam-se apenas os estalos do fogo e o canto dos grilos. Naquela noite, Pedro não pregou o olho pensando em outros tempos. A presença de João Fôia parecia-lhe um aviso, as coisas não mudavam, o passado sempre voltava para exigir seu tributo. Quando acordou, o outro não estava mais lá: João Fôia tinha partido antes do canto dos galos.

DIAS DEPOIS , Pedro Guarany também apertava os arreios do seu pingo. Muito embora estivesse gostando da rotina na venda, teria que partir. Sabia que João Fôia estava pelas redondezas em busca de serviço e já não se sentia seguro. Estava nublado e abafado. Prenúncio de chuvarada. Atou o violão bem firme para não cair. Já estava com o pagamento pelo serviço escondido na guaiaca. Deu uma última caminhada, despediu-se dos animais e, por fim, foi dar adeus ao velho Geraldo.

— *Gracias* pela ajuda, guri — disse o *pulpero* .

Quando Pedro Guarany lhe estendeu a mão para a despedida, foi surpreendido pelo abraço fraternal do outro que, com os olhos marejados,

encarou aquele visitante, a quem já queria como um filho.

— Quando cansar da estrada, volta aqui pra minha casa para seguirmos nossas conversas e me ajudares. Por aqui, sempre tem o que fazer.

Constrangido pela demonstração de afeto, Pedro não conseguiu agradecer como queria. As palavras ficaram trancadas em sua garganta. Mesmo assim, Geraldo entendeu tudo.

Pedro vestiu seu poncho e desabou as abas do sombreiro.

— *Hasta siempre*, amigo! — gritou, antes de esporear seu cavalo e partir rumo ao horizonte que trovejava.

Capítulo V

Vida e morte de Antônio Neto

I.

OS CONTRERAS sofreram na vida como poucos. Já não são mais tão pobres, mas o pouco que têm conquistaram à base de muito trabalho e suor. Erram, como todos, mas agem de acordo com suas convicções. Lauro Contreras acabou se precipitando nalgumas atitudes e pagou caro por isso.

Ninguém o conheceu tão bem quanto seu mentor e padrinho, o senhor Aparício da Silva Bueno. Talvez nem o próprio Lauro venha a entender a sua história tão bem quanto este homem, dono dos campos onde ele ergueu seu rancho.

Lauro Contreras apareceu na Estância do Silêncio quando sua mãe, Pitanga, uma mulata com pouco mais de vinte anos, foi contratada para ser cozinheira do lugar. Ela chegou somente com a roupa do corpo e o menino de cinco anos pelas mãos.

Dona Amélia, senhora da casa, achou a moça muito nova e bonita para trabalhar na estância. Mas já estava decidido. Restou à mulher apenas assentir ao desejo do marido.

O fato é que o guri era muito esperto e logo passou a ser chamado de afilhado pelos patrões, que lhe dedicavam especial atenção. Aparício Bueno tivera três filhas, mas jamais aceitara o fato de sua esposa não ter lhe dado um filho macho. Assim, Lauro virou um filho de estimação ou coisa parecida:

— Guri, vai lá na cozinha e me trás um chimarrão. — ordenava Aparício, do alto de seus um metro e oitenta. O menino, de pernas finas, corria para agradar ao homem que, pensativo, analisava-o.

Anos antes, conhecera por acaso a mulata Pitanga, e a rapariga não tinha nem completado dezesseis anos. Passava por um rancho de beira de estrada e viu aquela morena, de corpo rijo e seios provocadores, que

pareciam querer rasgar o tecido do vestido simples, a encará-lo, enquanto cuidava para ver se ninguém se aproximava.

— Buenas, moça.

Ela não respondeu.

— Posso appear?

Mais uma vez se fez o silêncio. Aparício apeou do cavalo e investiu contra a jovem, já não se aguentando de tanto desejo. O beijo foi correspondido, e os dois foram cegos para dentro da casa. No caminho, deixaram a porta aberta, as roupas no chão e foram logo se atirando à cama da jovem.

Aparício e Pitanga entregaram-se ao desejo inocente e avassalador que tomou conta dos dois naquela noite. Adormeceram abraçados. Quando ela acordou, o nariz do homem passeava pelo seu corpo, sentindo seus cheiros e acariciando sua carne.

— Onde estão teus pais?

— Meu pai é morto. Minha mãe está numa parente. Deve chegar logo — respondeu, com sua voz rouca e aveludada.

Encarou aqueles olhos pretos e passou as mãos pelos cabelos crespos da menina. Puxou-a ao seu encontro e fez amor com ela mais uma vez, com uma raiva que não sabia explicar de onde. Pitanga aceitava a tudo submissa, entregue às suas paixões e desejos íntimos.

Aparício da Silva Bueno vestiu suas roupas, atirou alguns trocados para a menina e montou no seu cavalo.

— Daqui uns dias eu volto, morocha — disse isso e foi embora.

Sequer olhou para trás. Mal sabia ele que amaria aquela menina até o fim de seus dias.

— Teu mate, padrinho. — escutou a voz do menino e parou com seus devaneios.

Lauro oferecia-lhe o mate. E não era fato que aquele guri era bem parecido com ele? Pensando nisso, acariciou a cabeleira da criança e voltou para seus afazeres.

II.

LAURO CONTRERAS era o melhor peão da estância — disso ninguém duvidava, diziam os demais ao apresentar aquele homem de jeito sério, que hoje respondia por sota-capataz da Estância do Silêncio.

Afilhado do velho Aparício, aprendera com seu padrinho o ofício de administrar os campos, de realizar as compras e as vendas, de cuidar das plantações e dos negócios. Mas foi com o capataz da estância, o seu Euleutério, que viu o que era ser gaúcho de fato: o velho lhe ensinou a domar, a tropear, a esquilar, lidar com cordas, com remédios e benzeduras, aprendeu a barrear ranchos e trabalhar com palha de santa-fé. Não era orgulhoso — quando não sabia algo, pedia que lhe ensinassem.

Lauro Contreras era respeitador e divertido. Mas o homem, normalmente sereno e de sorriso fácil, virava um verdadeiro touro quando provocado. Ao completar vinte anos, foi nomeado sota-capataz, e seu padrinho oferecera uma festa apenas para a peonada. Até alguns de fora apareceram para comemorar. Mas onde tem trago ‘a lo largo’, sempre tem algum bochincho. Daquela feita, não foi diferente.

Anos depois, o padrinho ainda contava, orgulhoso, a famosa peleia do aniversário: tinha oferecido um churrasco para que os peões comemorassem o aniversário de seu afilhado. O aniversariante puxara a faca da cintura para tirar mais uma lasca do assado oferecido pelo padrinho. Sorria com o beijo engraxado da carne de ovelha e ria das bravatas e causos que a gauchada contava. Um dos de fora, que estava na estância apenas pra pernoitar, mirava a todos, assim como quem olha sem ver. Euleutério resolvera então contar alguma de suas famosas histórias com as chinas:

*— ... e não é que levei a muchacha na garupa? — dissera aos risos .
— O topetudo que queria briga ficou solito. Mas isso eram outros tempos...
O pobre Euleutério não pode mais nem com a nêga velha!*

Estouraram as risadas em volta do fogo.

— Se bem que se me viesse uma nêga nova, talvez ainda saísse uma rapa do tacho, hein? — dissera isso e jogara-se no banco, recuperando o fôlego, enquanto tomava mais um trago de canha.

— Nova por nova, me servia uma dessas gurias da casa — respondera um forasteiro, soprando calmamente a fumaça de seu palheiro.

De repente, fez-se o silêncio na roda e somente se escutavam os estalares do fogo. Lauro encarou o outro, mais firme que palanque de segurar touro brabo.

— Pois, as moças da casa têm cruz no lombo, não são pra montar — atirou as palavras como se fossem um soco.

— Pra mim, só não se monta na mãe da gente — disse o outro, querendo briga.

Lauro Contreras explodiu em ira e, quando se atirava para a briga, foi segurado pela peonada.

— Me larguem! Vou ensinar este atrevido a respeitar as gentes da casa!

— Não vamos fazer esparramo por pouca coisa, homem — disse o capataz.

O gaúcho estava com as faces vermelhas e fazia toda a força do mundo para desvencilhar-se dos braços que o seguravam.

— Deixa que venha, no más, que aqui tem parelha! — provocava o forasteiro, enquanto desembainhava um punhal.

Euleutério olhou pro bravateiro e disse:

— Te enforquilha no teu pingo e toma teu rumo agora, paisano. Antes que eu mande soltar o homem.

— Por mim — respondeu o outro com indiferença. Assim que guardou o punhal, foi surpreendido pelo soco do Lauro, que finalmente

escapou dos que o seguravam. O golpe foi tão forte que o homem caiu desmaiado no chão. Lauro escurrou na sua cara e disse:

— Levanta animal! Mas que inferno! Covarde! Quando a peleia vai se aprontar tu te achica! Covarde!

— O que se passa? — perguntou Aparício Bueno, que vinha chegando para averiguar o rebuliço. Não costumava se intrometer nas festas da peonada, mas a gritaria era tanta que precisou intervir.

O capataz narrou toda a história para o patrão.

— Coloquem este homem por sobre os arreios e façam com que o cavalo corra pra longe daqui. Aqui na minha casa não quero esta imundície nem mais um minuto. — ordenou — E vosmecê, seu Lauro, passe no escritório que temos que conversar. Tem um senhor esperando vosmecê por lá.

Lauro olhou para a gauchada, surpreendido com o repentino convite, e acompanhou seu padrinho. No galpão, os peões seguiram a comemoração.

III.

— RECONHECE ESTE sujeito? — perguntou Aparício, enquanto se acomodava na cadeira de jacarandá que pertencera ao seu avô. Ele trazia nas costas o peso do tempo, mas ainda mantinha na face serena a imponência dos tempos da mocidade.

— Buenas, seu Hermes — disse o jovem Lauro estendendo a mão para cumprimentar o homem. O velho Hermes, gaúcho retaco e barrigudo, respondeu ao cumprimento com má vontade, agarrando a mão de Lauro pela ponta dos dedos, e ficou em silêncio, apenas encarando o rapaz.

Lauro imediatamente entendeu o que estava acontecendo. Desde o verão passado, vinha se encontrando às escondidas com Ana, filha de Hermes. Mas, ainda naqueles dias, depois de um baile de ramada e uns tragos de vinho, conseguira arrastar a morena pras sombras de um galpão

e lá mesmo fez o estrago. Teve que espantar da cabeça os pensamentos para conseguir conter o fino sorriso que insistia em lhe brotar dos lábios.

— Não tens nada pra nos contar, Lauro? — indagou Aparício da Silva Bueno, com as mãos cruzadas sobre a barriga e os polegares dançando em volta do eixo.

— Com todo respeito, meu padrinho, se estamos aqui é porque nem preciso contar nada — disse ele.

Hermes, que a tudo assistia calado, levantou-se da cadeira, apertou os olhos inquisidores e ficou estudando Lauro. Respirou forte, alisou a gola de seu casaco e disse:

— Pois bem, se não tens nada para me contar, tampouco pede desculpas, imagino que tenhas alguma solução para o mal que fizeste?

Aparício acompanhava a cena em um silêncio respeitoso, afinal, também era pai e daria todo o apoio para o velho Hermes, decidiu o que decidiu.

— Com perdão, seu Hermes. Errei e não nego. Mas quero que vosmecê saiba que gosto muito da sua filha Ana. — Lauro fez uma pequena pausa para tomar coragem. — Se o senhor consentir, eu tenho uma proposta. Mas meu padrinho teria que concordar também.

Lauro Contreras, como bom contador de histórias que era, deixou sua frase fazer o efeito desejado e ficou aguardando a reação dos interlocutores.

— Pois fala duma vez, menino! Não temos a noite toda! — disse o padrinho.

— Bem, com tudo que aprendi sobre a lida e os negócios com o senhor, tenho pensado muito na situação lá no campo das “lebre”. Como aquela ponta de campo é muito longe, está meio abandonada. É quase uma tropeada ir lá recorrer e, além do que, o gado que está lá engordando pode acabar se extraviando por aí, ou algo pior. Quem sabe, se o seu Hermes achar que é certo, levanto um rancho lá naquele fundão e cuido do que

tiver por lá. Fico de posteiro da estância e ainda me junto com a Ana pra reparar o mal que fiz.

O velho Aparício, pensativo, batia os dedos compassadamente em sua escrivaninha. Hermes, por sua vez, acendeu um cigarro, deu uma tragada e, ao assoprar a fumaça na frente do outro, não escondeu o sorriso.

— O mal está feito e não tem como desfazer. Senhor Aparício, ficaria muito grato se vosmecê concedesse o posto pra este rapaz levar minha filha a morar com ele.

— O posto está concedido — disse Aparício . — Parabéns pelo casório, então, seu Lauro!

Hermes ficou feliz em ter uma boca a menos no rancho e de ter a filha apadrinhada por um dos estancieiros mais ricos da região.

— Parabéns, gaúcho! Assim, evitaste que Ana enviuvasse antes de casar e de colocar mais um guri sem pai pelo mundo.

Surpreso pelo comentário, Lauro abraçou o velho e ganhou o cumprimento de seu padrinho. Foram juntos dar a notícia para a peonada, que aguardava ansiosa no galpão.

— Não é que o patrão preparou este assado todo pra colocar um freio no Lauro? Mas que barbaridade! — Euleutério troçava aos risos, já estava mais do que passado no trago.

Aparício da Silva Bueno foi quem deu a notícia para a mulata Pitanga. Já Lauro Contreras, resignado, comemorou noite adentro. Assim, nasceu o Posto das Lebres.

IV.

ANOS MAIS tarde, o Posto das Lebres era um dos mais caprichados campos da família Bueno. Lauro e Ana fincaram raízes naquele fundão e não mediram esforços para compensar a confiança do padrinho. Nem bem o rancho estava pronto, veio ao mundo Miguelina, a primeira filha do

casal. E logo seguiram, em escadinha, os outros: Álvaro, Mariana, João e Laurinho. Com a ajuda dos filhos, o casal fez com que o posto produzisse até mais do que o esperado.

Miguelina, a mais velha, foi criada como guri e trabalhava nas lides do campo tão bem quanto o pai e melhor do que os irmãos. Aos doze anos, nem precisava da ajuda de ninguém para revisar o gado e curar a terneirada. Ela era o orgulho do Lauro.

Independente da boa produção do posto, a vida para a família estava cada vez mais difícil. A produção era toda da família Bueno e o que tinham de seu mal dava para alimentar todos que moravam por ali.

Alguns invernos depois, em um agosto gelado como nunca se viu, nasceu o último rebento do casal. A pequena Isa veio ao mundo magra e desacreditada. Os poucos que visitaram a família já se iam pensando que voltariam em breve para dar os pêsames pela morte da criança. Entretanto, mesmo com dificuldades, a menina foi se criando e completou seu primeiro ano, ainda que pálida e adoentada.

Num dia de vento forte e agourento, Lauro Contreras perdeu o chão. Logo cedo recebeu um recado da estância pedindo que corresse até a sede, pois seu padrinho estava muito mal e solicitava a sua presença. Na carroça, guiada por Mariana, foram as mulheres, exceto Miguelina, que seguiu a cavalo, junto com o pai e os irmãos. A menina já devia ter seus dezesseis anos e despertava olhares por onde passava.

Na chegada, Lauro cumprimentou as gentes da Estância do Silêncio, cumprimentou a mãe na cozinha e subiu até o quarto do padrinho. Aproximou-se da cama. Enxergar o velho apequenado, moribundo, foi um choque. Segurou o pranto. O velho Aparício, com os olhos cerrados, respirava com dificuldade, as carnes frouxas da cara balançavam a cada expiração. Com as janelas fechadas e apenas algumas velas acesas, o quarto cheirava mal. Aparício da Silva Bueno abriu os olhos e reconheceu a si mesmo naquele filho bastardo. Uma pena que aquela vida de aparências fizera com que o menino nunca soubesse a verdade. Agora, pensou o velho, agora já era tarde demais...

O velho morreu ainda naquela tarde. Horas depois, Lauro caminhava tristemente do lado de fora das casas. Sentia o forte cheiro de café e o aroma adocicado dos sonhos feitos por sua mãe. Escutava o burburinho de lamentações, conversas fiadas e até risadas veladas de alguns convivas, que apareciam apenas por curiosidade. Definitivamente não se agradava daquele espetáculo.

Lauro escutou o passo arrastado e coxo do velho Euleutério, o antigo capataz do Silêncio. Olhou para trás e viu-o. Com os olhos vermelhos, escondido sob as golas do poncho de lã, o homem parou do lado de Lauro. Não falou nada. Acendeu um cigarro e ficou com os olhos perdidos no horizonte — sua farta cabeleira branca dançava suavemente ao compasso do minuano. Deu um tapinha nas costas de Lauro e seguiu seu rumo. Passaria uma vassoura de chirca no galpão pela milésima vez no dia, tentando espantar os pensamentos.

Após o enterro, Lauro e a família foram convidados a ficar mais um dia na estância para ajudar no que fosse preciso. Dona Amélia, com o rosto inchado do choro, estava cercada pelas filhas e genros. Amanda, a mais velha das filhas, distribuía ordens pela casa. Amélia pensou na filha que morava no Rio de Janeiro — até hoje não aceitava aquela mudança — e estava longe demais, alheia ao sofrimento da família. Quando a carta chegasse às mãos de Rose, como sofreria a menina, coitada...

Lauro estava num canto da cozinha, o rosto ainda úmido de lágrimas, quando sua mãe se aproximou:

— Toma esse mate, meu filho, e vai limpar essa cara, que homem não chora. — disse Pitanga, alcançando a cuia, com água fumegante, para que o filho sentasse os pés no estribo da realidade novamente. Como uma criança, Lauro obedeceu sua mãe sem pestanejar, limpando as lágrimas que insistiam em brotar. A mulata, embora beirando os sessenta anos, ainda conservava a firmeza ao caminhar e as formas do corpo de outrora — a idade não lhe judiara como normalmente faz com os seres deste mundo.

Sentado na cadeira tosca, Lauro recompôs-se e ficou a imaginar que fim levaria o posto onde morava com sua família. Naquele momento,

surgiu mais uma ruga em sua testa queimada pela geada e pelo sol.

— Agora que já estás reffeito, vai lá conversar com a dona Amanda — disse Pitanga. — Ela tem uma proposta pra ti. Aconselho que tu aceites, pelo bem da tua família. Não esquece que tua mãe vai estar sempre aqui.

V.

A PROPOSTA da dona Amanda era tão absurda quanto irrecusável. Em troca da propriedade dos campos onde Lauro construía seu rancho e vivia com sua família, a filha do seu querido padrinho pediu para que entregassem a pequena Isa, sempre tão adoentada, para que ela a cuidasse.

— Lauro, eu peço que penses muito bem na proposta. Vocês têm outras crianças. Além disso, a pequena está doente e vocês não tem condições de criá-la. Deixem-na comigo, e ela terá somente do bom e do melhor. E vocês finalmente vão ser donos daquele posto onde meu pai deixava que vocês morassem — deixou que a ameaça velada fizesse seu efeito.

Algum tempo depois, Lauro e dona Amanda entraram na cozinha, onde estavam Ana e Pitanga.

— Ana, arruma a Isa e traz a menina aqui. — pediu ele.

A esposa fez a vontade do marido e trouxe a criança, de uma limpidez mórbida e olhos escondidos em olheiras cinzentas e profundas. Ele disse à esposa então:

— Mulher, peço que me perdoe pelo que eu fiz. Mas nossa filha está doente e, se não fizermos algo, ela acabará morrendo. Como chefe desta família, não posso permitir que isso aconteça.

Ana, com lágrimas riscando suas faces, ficou em silêncio à espera da explicação do esposo, e ele disse:

— A partir de agora, a dona Amanda e o marido vão cuidar da Isa. A menina vai ter tudo que precisa: médicos, remédios e tudo o mais. E a vó dela vai estar sempre por perto.

Sem acreditar no que ouvia, a mãe explodiu em um choro convulsivo e, com as mãos tremendo, segurava firme sua pequena filha contra o peito. Fora de si, gritava:

— Ninguém tira ela de mim, ninguém!

Já era tarde demais. A velha Pitanga aproximou-se da nora e retirou-lhe a criança dos braços. Pragmática, recolheu as poucas coisas da menina que estavam pela casa. Com a voz seca e sem rodeios, disse:

— Foi Deus quem quis assim, minha filha. Vocês não têm condições de tratar desta menina. Não deixe que o egoísmo acabe com a vida da minha neta. Volte pra casa, cuide dos teus outros filhos e apoie teu marido, que mulher não deve discutir — disse isso e levou a pequena para sua nova família.

E foi mais ou menos assim que o Posto virou Chácara das Lebres. Porém, quando finalmente a prosperidade pediu pouso no rancho da família, veio com ela a tristeza e, sem pedir licença, foi como que se adonando do pouco que os Contreras tinham.

A vida deles nunca mais foi a mesma. Para desviar do assunto que parecia sempre rondá-lo, Lauro concentrou todas suas forças em trabalhar ainda com mais afinco do que antes. Continuava com um pouco de gado do Silêncio engordando em sua chácara, sobre o qual recebia um valor por cabeça. Comprou animais, plantou. Saía de seu rancho todos os dias antes do amanhecer e retornava apenas à noite.

A partir daí, os Contreras deixaram de ser uma família. Eram apenas um bando que dividia o mesmo rancho, a mesma lida e a mesma vida miserável que Deus lhes dera. Pouco tempo depois, foram embora também Miguelina, que decidiu ganhar a estrada no lombo do cavalo de um gaúcho qualquer; Álvaro, que foi trabalhar de peão em uma estância lindeira, e Mariana, que se juntou com um capataz e foi morar com ele. Ficaram no rancho apenas Lauro, a esposa, João e Laurinho.

Sentado nas sombras do ipê-amarelo, Lauro ruminava suas escolhas e não conseguia afastar o amargor que lhe subia à boca. Quando havia

aceitado a oferta de dona Amanda, tinha certeza de que estava certo. No entanto, naquele momento, já nem sabia mais.

VI.

LICÓ, com seu chapéu de aba curta e o bigodão sobre os lábios, fez sua proposta para o velho pai e aguardava, pacientemente, a resposta.

— Meu filho, — disse o Saraiva com aquela voz fina quase em falsete, que contrastava com sua cara sisuda — não criei filha minha pra andar de conversa com o filho daquele índio bandido. Tem certeza mesmo disto que tu está me dizendo?

— É o que andam falando. Não custa nada se precaver, não é mesmo?

— Hum... Mas e esse guri aí que tu queres juntar com tua irmã... Pode cuidar dela?

— Mas pai, já te expliquei. O Laurinho é irmão da Mariana, tem praticamente a mesma idade da Luísa. E ele vem aqui morar com o senhor, vai te ajudar. Pra ele é bom também, parece que os Contreras não estão se dando muito bem em casa. Coisa de família.

— E a Luísa? Que vai achar disso?

—Ela não tem que achar nada, meu pai. Se o senhor decidir, está decidido.

— Que seja, então, Licó. Que seja.

Resignado, o velho Saraiva concordou com o apelo do filho. Não gostava daquela gente com sangue índio, eram uns tipos muy ladinos. Gostava menos ainda que estivessem falando de sua filha por aquelas bandas.

O velho Saraiva coçou a testa, preocupado. Forçou a tosse, parecendo que queria cuspir os pulmões. Conhecendo a guria como ele conhecia, sabia que as coisas não seriam tão fáceis assim.

VII.

MESES ANTES DA TAL PROPOSTA QUE LICÓ FEZ AO SEU PAI , em uma tarde de calor infernal – daquelas em que tudo parece estar parado – fazendo o mínimo de esforço para não suar ainda mais, Luísa cumpria com seu ritual doméstico diário. Após todas as lidas da casa, ainda debulhou os milhos que serviam de ração e atirou-os para as galinhas no terreiro. Sentia as mãos inchadas e dormentes.

A moça morava com o velho Saraiva, seu pai, em uma casinha simples, próxima ao povoado onde vendiam sua pequena produção. A mãe, que Deus a tivesse, falecera quando ela ainda era bem pequena. A menina cresceu sendo a mulher da casa, cuidando do pai e do irmão. Muito embora tivesse pouco mais de quinze anos, quem a visse pensaria já ser mulher feita.

Luísa espiou o pai pela porta escancarada, ele sesteava sentado na cadeira de balanço. O mormaço dava aquela moleza mesmo. A jovem correu, levantando poeira, estalando os dedos para chamar Amarelo, o seu filhote de cachorro. Desceu a pequena ladeira, logo após a horta, e foi em direção ao arroio que corria nos fundos da casa.

Naquele lugar, que chamavam simplesmente de “banho”, Luísa sempre recordava dos piqueniques nos domingos, quando a avó e a mãe ainda estavam com eles. Ali aprendera a nadar, a lavar.. Ali naquele cantinho, protegido pelas copas das árvores, na água clara e fresca, era onde renovava as energias e sentia mais forte o olhar e o carinho da mãe, onde quer que ela estivesse.

ANTÔNIO SAÍRA DE CASA mais cedo, mas sabia que não era o certo. Seu pai, que todos conhecem por Índio Feio, já havia lhe ensinado mais de mil vezes. A doma deve ser feita nas primeiras horas da manhã e, depois, somente pouco antes do cair do sol. Saber disso, Antônio sabia, mas guri novo era assim mesmo – ansioso por natureza. O pai ganhara aquele potro como pagamento por um lote de domas e havia-o entregado para que o menino mostrasse pra ele se já aprendera alguma coisa.

Era um animal novo, arisco, de pelo bragado. Diziam que não era um pelo bom e, talvez por isso, descartaram o animal da tropilha. “Menos

mal”, pensou o rapaz, enquanto apertava o passo do cavalo, treinando-o para que tivesse um trote macio.

Distanciou-se de casa mais do que o normal. Apeou, revisou o bocal pra ver se não havia cortado a boca do cavalo — que atirava a cabeça pra trás, ainda desconfiado. De repente, as orelhas do bragado apontaram em uma única direção. O rapaz procurou o que chamara a atenção do animal e, assim, avistou a menina.

Ela estava com os olhos fechados, deitada nas areias, descansando calmamente sob a luz alaranjada que lhe beijava a fronte. Os cabelos queimados pelo sol descansavam no colo a secar naturalmente pelo vento que soprava. O tecido de chita não conseguia esconder os contornos de seu corpo de menina-moça.

Foi despertada de seus devaneios pelos latidos do cachorro, alguém estava chegando. Rapidamente, levantou-se e encarou o jovem que estava por ali.

— Buenas, moça, desculpa se te assustei — disse ele, com o rosto corado, enquanto o cachorro não parava de latir.

— Quietos, Amarelo! — mandou ela. — Não me assustou, não. O que tu faz aqui em casa? — reparou que não era nenhum conhecido de seu pai. Mas não ficou com medo, ele era apenas um pouco mais velho que ela.

— Estava domando — apontou para o potro — e nos estendemos demais, foi isso. Me chamo Antônio Neto.

— Bonito teu cavalo, Antônio Neto.

Antônio sorriu e fez um carinho na testa do animal, que mais uma vez atirou a cabeça para trás.

— Pelo visto, ainda não está bem manso. — disse ela com aquele sorriso que revelou uma covinha em sua bochecha. — Vou me indo antes que meu pai me veja aqui de conversa com um estranho. Ele te mataria.

Sem esperar resposta, a menina virou-se e foi-se embora. Mais ao longe, ela deu uma última olhada para trás, apenas para confirmar se ele

ainda estava lá, porque, no fundo, ela já sabia.

VIII.

DONA QUITÉRIA , com suor a lhe manchar as vestes, mexia lentamente o doce que estava preparando no velho tacho de cobre. A mulher, gorda e retaca, exibia uma cara simpática de sorriso fácil.

As mãos de dedos curtos eram hábeis na arte de preparar alimentos. Ninguém por aquelas bandas era mais requisitado para ajudar nos festejos de casamento, nos aniversários, nas surpresas ou nas marcações festivas.

Escutou barulhos na mangueira. Pisadas de cavalo no chão duro dos palanques. Tentava adivinhar qual dos seus estava chegando. Os passos pararam na porta da casita humilde. O dono deles bateu com as botas no chão, para que caísse o barro e o pasto preso aos tacos das botas. Quitéria soube que era seu marido quem chegava.

— Como le vá, minha prenda? — perguntou Índio Feio, com a voz grave e baixa, como se brotasse direto do peito e não da garganta.

— Gorda, linda e sã de lombo. Sentes o cheiro?

— Mas claro! Ainda não fiz meu banho... Arriá!

O riso alto e franco da esposa fazia com que a face sisuda do marido parecesse mais leve. Surgiu um risco de sorriso naquela cara sempre sóbria. O homem tirou a bandana da cabeça, revelando os cabelos negros e lisos, e a cara com poucos fios de barba, nada mais que uma penugem. Ninguém arriscaria adivinhar sua idade.

— Não entendi a piada, mulher!

— O riso é porque perguntei do cheiro do doce. Mas vai lá preparar teu banho, tem água na pipa, ali nos fundos.

O homem encheu a gamela, atirou as roupas no canto da sala e entrou no banho, sentindo, com prazer, o frescor da água salobra. Dona Quitéria admirava o marido enquanto seguia seu trabalho. Lembrava como se fosse ontem, quando o domador passara pela estância onde ela ajudava

na cozinha. Diziam que ele andava por aquelas bandas fugido, teria matado uns dois ou três lá pelos campos das tais Missões. Nunca perguntou, não importava. Quando ele entregara a tropilha, ela se foi embora junto, na garupa de seu cavalo.

Escutou, ao longe, o assobio do filho que desencilhava o potro. Logo, Antônio estava por ali:

— Buenas, mãe... Pai...

— Que passou que vem pra casa assobiando? — indagou a mãe com olhos perscrutadores.

— Nada. — respondeu Antônio.

— Tira as botas, busca a vassoura no galpão e me limpa essa sujeirada que fizesse. Já limpei a casa hoje!

— Está certo, mãe. Pai, o senhor viu que o colorado do velho Amâncio tá com sangue no mandrilho? Não tá com bicheira?

O homem abriu lentamente os olhos e perguntou, sério:

— Se viu sangue, por que já não examinou se tinha bicheira?

— Querendo, vejo agora, pai.

— Não precisa. Já vi e já benzi. Amanhã a ferida tá seca e os bichos terão caído. Não tinha muitos — encarou o filho. — Dá próxima vez vai direto ver se tem bicho. Não pode facilitar, meu filho. E o bragado? Tá pronto?

Conversaram até a lua estar postada bem alta no céu. Antônio estava distraído. Não conseguia espantar da cabeça a menina do arroio. Qual era o nome dela mesmo?

Esquecera de perguntar.

IX.

ANTÔNIO ACORDOU com o coração querendo sair pela boca. Aos poucos, foi segurando a respiração ofegante. Levantou-se sem fazer barulho. Com a face ainda avermelhada, buscou um pouco de água na gamela e lavou o rosto para esfriar os pensamentos. Barbaridade, pensava ele, sonhara com a menina. E saiu a buscar a fresca do lado de fora. Ao lembrar do sonho, tão real, ficou levemente corado.

A noite estava quente e silenciosa e, exceto pela música dos pirilampos e dos sapos, nada mais se ouvia. Antônio sentou-se em um mocho de madeira ao lado da porta, encostando a cabeça na parede barreada. Ficou ali mirando o infinito. Ao longe, o céu faiscava e trovejava.

Nem percebeu que pegou no sono. Acordou quando o pai tropeçou em suas pernas espichadas em frente à casa.

— Caiu da cama, guri?

Assustado, Antônio demorou para entender o que estava se passando. Parecia que recém havia sentado por ali.

— Buenos dias, pai. Parece assombração...

— Que assombração que nada! Tu estavas roncando feito uma porca gorda aí na porta. Está na hora de estender os baguais. Hoje, tu vens comigo que vou te mostrar como aquele tostado, meio petição, aprendeu direitito o que o velho ensinou.

Índio Feio, aos poucos, ensinava ao filho o que aprendera com seu pai e este com seu avô – e assim por diante. Na sua doma, os animais devem confiar, sujeitando-se aos homens por respeito àqueles que conseguem se comunicar com eles. Índio Feio sussurrava com os animais, jamais gritava.

X.

LUÍSA COMPLETAVA dezesseis anos. A mãe era só mais uma estrela no céu a brilhar. O irmão não morava com eles. Nem mesmo o pai lembrara dos seus anos — fora jogar a carpeta nalgum bolicho próximo.

Pouco importava. Colocou o melhor de seus vestidos e, enquanto o sol cumpria seu ritual, a menina foi se afastando de casa. Com os pés descalços, corria em direção ao pequeno bosque de árvores frutíferas que cuidava com carinho e especial dedicação.

Desde que Antônio voltara para vê-la, mantinham aquele ritual secreto de adolescentes. Ela lembrava, ainda de um outro dia, há quase dois meses atrás, quando ele perguntara a ela se podia voltar. O pai e o irmão chamavam-na ao longe, e ela correu para ver o que queriam. Mas, daquela vez, não deixou Antônio sem respostas. Olhou para trás, olhos faiscando, e disse baixinho, quase um sussuro: Volta amanhã.

E ele voltou. Aquela e muitas outras vezes. Certo dia, foram flagrados aos risos. Luísa assustou-se, porém reconheceu os olhos acolhedores da dona Graça, a parteira. Dona Graça reconheceu os dois jovens e acenou. Ajudara os dois a nascerem. Quem sabe ajudaria também seus filhos? A mulher, tesoura de ferro nas mãos, sorriu e continuou sua caminhada.

No dia do seu aniversário, Luísa esperou por Antônio ainda mais bonita. Colocou no cabelo uma flor, brinco de princesa, que em seus tons de violeta realçavam ainda mais a sua beleza agreste. Quando Antônio apeou do bragado, agora já manso e sujeito, teve a certeza de que não poderia mais viver sem ela.

— Estás muy linda, Luísa.

— É meu aniversário, sabia?

— Por que não me disse antes? Não trouxe nenhuma prenda pra te dar.

— Não precisa... Nunca ganho nada.

A frase foi dita sem nenhum rancor ou mágoa.

—Espera aí! — disse ele, e foi correndo em direção a uma centenária figueira que estendia seus braços próximo dali. Subiu no tronco

forte da árvore e foi se empoleirando até alcançar as frutas que já estavam maduras. Pegou quantos figos gota-de-mel conseguiu.

Alcançou para Luísa o maior e mais bonito de todos. Ficou próximo o bastante para ver seu próprio reflexo nos olhos da jovem, que brilhavam cheios de promessas. A menina sorriu seu sorriso cheio de covinhas e deu uma mordida no figo. Ofereceu-lhe uma mordida também. Riam, porque cúmplices de um mesmo sentimento.

De repente, uma leve brisa sacudiu o fino tecido do vestido e fez com que uma mecha de cabelos escondesse o olhar de Luísa. Antônio, como por reflexo, tirou os cabelos da frente da menina, arrepiando os pelos de seu braço e da sua nuca. Encararam-se e, a partir dali, nada mais importava. Beijaram-se, um beijo doce e nervoso. Gotas de mel.

Ele deslizou o vestido pelos ombros de Luiza, que estava entregue. Revelou-se a ele o corpo amorenado, de seios pequenos e pernas rijas, cobertas por uma fina penugem arrepiada. Estavam prontos para seu destino. Descobriram, juntos, o primeiro amor.

Nem repararam que, perto dali, alguém os observava.

XI.

LAURINHO , que agora insistia que lhe chamassem apenas de Lauro, recebeu a notícia com a indiferença que lhe era particular. Casar? Casava. Na realidade, talvez tivesse ficado até mesmo mais feliz do que demonstrou. Mariana, sua irmã, resolvera tudo por iniciativa própria.

O velho Lauro Contreras, pai dos dois, não contestou a decisão e apenas desejou sorte ao filho. Aquele homem, com os olhos profundos, era apenas um espectro do que fora na juventude. “Menos um pra me julgar”, era o que pensava. Continuou assistindo, como se fosse um mero espectador na plateia, a própria vida passando, enquanto sua família se desfazia.

Por outro lado, quando seu pai e seu irmão noticiaram-lhe o seu casamento, Luísa disse que não casava e ponto.

— *Quem decide isto é nosso pai!* — atalhou Licó.

— *Mas quem decidiu não foi meu pai. Foste tu, que eu sei!*

O pai resolveu falar:

— *Minha filha, está tudo arranjado, não podemos voltar atrás. Resta a ti receber bem o Laurinho, teu noivo, respeitá-lo, dar-lhe filhos e cuidar da casa de vocês.*

Os lábios dela tremiam. Mas Luísa foi forte, não deixou nenhuma lágrima escorrer de sua tristeza. Encarou o irmão e atirou nele suas palavras como se fossem pedras:

— *Eu não sou um animal desses que tu estás acostumado a negociar. Eu não me caso e pronto!*

Licó tirou o chapéu de aba curta e alisou a cabeleira. Quando olhou novamente para a irmã, sentia apenas desprezo:

— *Não andasse se esfregando com macho por aí, até podia escolher. Agora é tarde. Corre pro teu quarto antes que eu perca a cabeça.*

Luísa explodiu num choro compulsivo, procurou abrigo nos olhos do pai, mas apenas encontrou desterro. Ali, ninguém a protegia.

Saiu correndo.

XII.

ALGUNS DIAS DEPOIS da conversa que seu pai e Licó tiveram com ela, Luísa recebeu inesperadamente a visita de Laurinho. Acompanhado de seu irmão mais velho, ele viera visitá-la e entregar-lhe uma prenda:

— *É simples, mas é de coração.* — disse o moço, estendendo o presente e aguardando ansioso pela resposta.

— *Agradecida* — disse. — *Mas...* — nesse momento fez-se o silêncio mais constrangedor de sua vida — *não posso aceitar.*

Sua família ficou sem reação. João, que acompanhava o irmão, não entendeu o que estava acontecendo.

— Meu coração pertence a outro. Peço desculpas por tudo isso que eles estão nos fazendo passar — Luísa deu as costas e, antes que pudesse sair dali, Lauro a segurou, deixando marcas no seu braço.

— Tu não vais me deixar aqui falando sozinho! Abre o presente pelo menos.

Com lágrimas brotando dos seus olhos, a menina conseguiu desvencilhar-se e correu para seu quarto.

Laurinho Contreras foi humilhado ali naquela sala. João passou as mãos pelos ombros do irmão e acompanhou-o rumo à porta. Sequer escutaram as explicações de Licó e do pai da menina.

Já montados nos seus cavalos, João deu uma última olhada para a casa, apertou o barbicacho de seu sombreiro e cuspiu no chão:

— Tem volta, menina. Tem volta...

João não aceitava desaforos. Esporearam os pingos e voltaram para a Chácara das Lebres.

Luísa, que sequer entendia quando seu romance virara assunto de todos, escapou da vigilância do pai e conseguiu encontrar com Antônio na hora de sempre, naquele mesmo dia. Ela contou tudo o que acontecera ao rapaz, que a ouvia em silêncio.

— Entendes o que isso tudo significa? Não vão deixar que a gente fique junto, Antônio.

Ele abraçou Luísa e disse:

— Vamos fugir, meu amor. Amanhã a noitinha eu vou até tua casa te buscar. Quando teu pai dormir, me encontra na porteira.

Estava decidido. Antônio foi para casa sentindo nas costas o peso da responsabilidade.

No dia seguinte, Licó chegou na hora do almoço para visitá-los.

— Essa noite, teremos visita. Se o senhor permitir, meu pai, estou oferecendo uma janta para o João e o irmão dele para pedirmos desculpas. E tu — disse, encarando a irmã — vê se te comporta.

Luísa arriscou-se a dizer:

— Mano, por favor, não quero eles aqui em casa de novo...

— Trate de estar bem bonita e não faça desaforos pras visitas — Licó encerrou o assunto com o consentimento implícito do pai.

O tempo custou a passar naquele dia. Por volta das cinco horas da tarde, Lauro e João chegaram na casa. Com cara de poucos amigos, cumprimentaram Luísa. Obediente, a menina serviu o mate e observou a conversa dos homens. Sentiu medo quando reparou no modo como Lauro a olhava. Estava nervosa e temendo pelo pior, pois não contava que Lauro e seu irmão viessem dar por ali exatamente na noite em que planejava fugir com Antônio.

Depois da janta, Luísa pediu licença para lavar os pratos e arrumar a cozinha, deixando os homens na sala. Sem levar praticamente nada, saiu silenciosamente e foi em direção à porteira, onde Antônio já deveria estar esperando por ela.

A lua estava cheia; e a noite, clara. Antônio esperava-a silenciosamente. Abraçaram-se. Lágrimas escorriam dos olhos de Luísa.

— Vamos rápido, estão todos lá em casa... Aqueles homens estão lá também...

O cachorro Amarelo alcançou Luísa e começou a latir para Antônio.

— Calma, guria. Vai dar tudo certo — disse ele, protegendo-a entre seus braços.

— Quietos, Amarelo! — disse ela.

Antônio acomodou o poncho sob os arreios, o cavalo, já totalmente pronto, sequer fazia barulho. Mas o cachorro não parava de latir. Pressentindo o movimento do lado de fora da casa, Luísa pedia pressa.

Quando já estava montada, fechou-se o tempo de fato. Surgindo da escuridão da noite, os quatro homens vinham correndo na direção deles.

— Onde vocês pensam que vão? — gritou Licó.

Os outros vinham logo atrás e os cercaram rapidamente. O cachorro não parava de latir. Luísa desesperada não conseguia conter as lágrimas.

— Que significa isso, minha filha? — perguntou Saraiva, a voz tremendo de raiva.

— Calma, eu posso explicar — disse Antônio apeando do cavalo.

— Tu fica quieto, que meu pai não falou contigo. E tu, Luísa, conversaremos mais tarde — disse Licó.

— Então tu não quiseste casar com meu irmão pra andar na garupa deste mestiço nojento? — perguntou João com raiva, encarando Luísa sob a luz das estrelas.

Antônio fez menção de se manifestar, mas, antes disso, foi atingido por um soco dado por Licó. Luísa atirou-se do cavalo e, ao tentar impedir a agressão, foi segurada por João, que falou:

— Seu Saraiva: honra só se lava com sangue — avisou João. E encarando seu irmão, disse: — Lauro, faz o que tem que ser feito. Vamos acabar com isto numa vez.

Lauro, que era pouco mais que um guri, puxou a faca da cintura e investiu contra Antônio, que passou a defender-se:

— Isto não é necessário — dizia ele, assustado.

— Tá com medo? Por que não chama teu pai, aquele índio asqueroso. Aí, já acabamos com todos vocês de uma só vez! — provocou

Licó, observando a cena.

Antônio sentiu a raiva subindo pelo seu peito. Puxou sua faca da cintura e aguardou o ataque do Lauro, que vinha em sua direção, incitado por seu irmão. Luísa, aos gritos, suplicava que parassem, enquanto tentava se desvencilhar dos braços de João.

Antônio colocou a faca na frente de seu corpo e começou a caminhar em círculos para confundir o adversário, tentando evitar os golpes. Lauro estava nervoso e com vontade de terminar logo com o oponente. Tentava quebrar o bloqueio do outro sem muita sorte, pois não tinha muita habilidade naquilo.

Antônio aparou mais um ataque de Lauro, mas, desta vez, a lâmina inimiga acertou-o, o corte foi profundo, e o sangue passou a jorrar pela fenda.

— Correu o melado! — disse Lauro, aos risos, aguardado o fim da peleia. — É hoje que eu embainho minha faca nas tripas deste desgraçado! — disse, debochado, e baixou sua guarda na tentativa de enfiar a faca no outro.

Antônio recuperou-se, desviou novamente e, como por reflexo, avançou contra Lauro. Quando se deu conta, era tarde demais. Sua pequena e afiada faca estava cravada certamente no coração de Lauro.

Quando João entendeu que seu irmão estava caído no chão, soltou Luísa e, de adaga em punho, tentou acertar Antônio. Mas ele, com agilidade, escapou dos seus golpes. Soltando um grito de fúria, Antônio acertou o rosto do João com o fio de sua faca, rasgando-lhe a pele e vazando seu olho.

Licó, estarecido, ficou olhando a cena completamente sem reação. Seu Saraiva benzia-se, espantado com a tragédia súbita.

Antônio largou a faca ensanguentada no chão. Suas mãos tremiam descontroladamente. Matara um homem. Do seu braço esquerdo, jorrava sangue. Luísa avançou para ele e segurou seu rosto, tentando afastá-lo do

choque. Olhando firmemente em seus olhos, ela sentenciou o futuro de ambos:

— Vai, Antônio, foge! Eu te espero...

Beijou-o e o empurrou para o cavalo. Dizia e repetia que ele devia montar e fugir. Antônio obedeceu-a, ela estava certa. Era a única coisa a fazer. Matara um homem. Matara um homem... Já ao longe, olhou para trás e gritou:

— Eu volto pra te buscar, Luísa!

Esporeou o cavalo, deixando atrás de si um rastro de sangue. E sumiu-se na bruma da escuridão.

Luísa apanhou muito naquela noite, e em outras mais. A notícia correu chão. Laurinho foi enterrado na Chácara das Lebres. João sobreviveu com um olho vazado e uma nova alcunha. Em razão do formato de sua cicatriz, passaram a chamá-lo de João “Fôia”.

Antônio Neto nunca mais foi visto por aquelas bandas. Seu nome não mais foi pronunciado. O domador meio índio virou andarilho. Antônio Neto tinha morrido. Nascia, assim, Pedro Guarany.

Capítulo VI

NÃO MUITO LONGE DO BOLICHO do Geraldo, um grupo de homens se preparava para uma demonstração de coragem. Do alto do seu mouro, Genuíno observava seus comparsas que tentavam, mais uma vez, sujeitar aquele potro. *Endiabrado* — foi como batizaram o cavalo picaço, em razão do pelo negro como a noite e da pintura de lua nova a brilhar na testa. O cavalo, olhos escondidos sob as crinas, bufava pelas ventas como a provocar os gaúchos.

Genuíno Bezerra já perdera as esperanças com aquele cavalo. O animal com jeito maleva não ia se entregar para as cordas. Ninguém lhe cortaria as crinas. Era apenas pela gauchada que ele acompanharia a nova tentativa de domá-lo. Acomodou-se nos arreios, riscou um fósforo e acendeu o lambido que preparara com cuidado. Para não perder os detalhes, ele teve que forçar as vistas. Tinha a barba branca e farta e a pele queimada pelo sol. Vestia as pilchas dos antigos: chiripá preto com listras brancas, muito desbotado pelo uso, botas garrão-de-potro, nazarenas de ferro preto. Não era grande e nem corpulento, mas, através de seus olhos, via-se o mundo e a verdade daquelas gentes.

Genuíno era muito respeitado. Líder de um grupo de birivas, espécie de andejes negociantes, transbordava credibilidade. Aproximou-se de dois homens que apertavam os arreios de seus pingos:

— Andem com isso. Pelo vento, teremos chuva logo mais — disse com a voz serena e tranquila.

— Vamos, mas com calma, seu Genuíno. O *Endiabrado* é maleva, e não quero sair pisado — respondeu Júlio, um mulato de corpo delgado e fama de carrapato nas gineteadas, que já considerava que o cavalo fosse ficar para tropilha dos xucros.

Genuíno apertou o passo e voltou para perto da tropilha, observaria a doma de longe. Entregar o cavalo por xucro era um prejuízo, mas fazia parte dos negócios — um dia se ganhava e, no outro, se perdia.

Sobre o lombo do cavalo, Júlio deu o sinal para Feliciano, o outro domador. Despresilharam os laços, armada curta, sem rodilhas, e laçaram o

Endiabrado pelo pescoço. O cavalo corcoveou e fez força para fugir do laço.

— Virgê Nossa! — gritou o mulato, ao sentir a força do animal na sua ânsia pela liberdade.

Finalmente, conseguiram fazer com que o cavalo virasse, caindo no chão. O animal, respiração ofegante, lombo suado, bufava e tentava encontrar um alvo para seus coices e manotaços. Feliciano saltou e aproximou-se cautelosamente da fera estendida no pasto. Com jeito, colocou o buçal de trança forte no potro, tirou os laços do seu pescoço e completou a primeira etapa, dando uns tirões, para os dois lados, forçando a cabeça do bicho.

O picaço levantou-se e quase o carregou. Mas os dois homens seguraram firme o cabresto. Colocada a manea e orelhado pelo lado de montar, o desafiante pôs os arreios e apertou a cincha no osso do peito do animal. Neste instante, o cavalo estaqueou. Com medo, ele aguardava. Por fim, Feliciano passou o bocal por baixo da língua do potro.

Segurando o fiador do buçal e a orelha do cavalo, ele pediu a Júlio que retirasse cuidadosamente o maneador das patas:

— Pode ir *no más*, que o cavalo tá segurado. Sobe, que ele não está te vendo — ordenou.

O mulato Júlio, depois de fazer o sinal da cruz, montou no *Endiabrado*. E então o potro finalmente revelou o porquê daquela alcunha. Antes mesmo que Feliciano pudesse soltá-lo, ele atirou o corpo para trás, acertando um manotaço no braço do amadrinhador, que caiu no chão. Júlio, meio assustado, fincou suas esporas, provocando a ira do bicho. Agarrado nas crinas, o mulato não se entregava facilmente. O potro corcoveava, tentando livrar-se daquele homem. Aos gritos e aplausos, os birivas incentivavam Júlio a resistir.

Por perto, Feliciano acompanhava a cena. Conhecia bem o perigo da rodada. Quando finalmente parecia que o cavalo ia se sujeitar, diminuindo os pulos e partindo para breves arrancadas, *Endiabrado* parou de repente, inchou o lombo e arqueou o corpo. Em um salto espetacular, atirou-se para

trás, mas não conseguiu se livrar de Júlio. O mulato fazia jus à fama de agarrado. Em um único estrondo, caíram homem e cavalo juntos no chão duro do campo.

Na briga entre os baguais — potro e domador — algum tem de se entregar, pois essa é a regra. Quando os desafiantes ultrapassavam esse limite, raramente a história terminava bem. Genuíno deu um rebenção em seu mouro e avançou a galope em direção ao acidente. Júlio estava no chão, mas estava bem. O potro picaço, sentindo-se finalmente livre, levantou e correu. Um fio de sangue jorrava dos riscos de espora e da sua boca judiada pelo bocal. Não foi daquela vez que cortaram as crinas do xucro.

“SANTA BÁRBARA bendita que no céu está escrito, com um copo de água benta acalmai esta tormenta. Em nome de Deus e da Virgem Maria” .

Pedro Guarany repetiu por três vezes a antiga benzedura, estendendo a mão direita em direção à tormenta e fazendo o sinal da cruz na tentativa de adiar o temporal. Estava em campo aberto, cavalgando em busca de algum serviço. Apenas encostava o aço de suas nazarenas para incentivar o avanço de seu cavalo rumo ao breu da tempestade que se formava. Havia, entretanto, feito seu ritual tarde demais. Pelo vento, podia sentir o cheiro de campo molhado e de terra úmida. Perto dali, a chuva já começara. Penacho apurou o passo nervosamente, orelhas alertas em busca de abrigo.

Somente agora, longe do bolicho e de João Fôia, é que Pedro entendia o que de fato acontecera. Fora descuidado, permitindo-se fazer amigos. Sabia que não devia ser assim. Aquilo foi um aviso: a vida que presenteia é a mesma que cobra. Lembrava como se fosse ontem. *Hay* cicatrizes que jamais fecham.

DEPOIS DE MATAR LAURINHO NAQUELA NOITE TRÁGICA, passara alguns meses escondido pelos matos, viajando apenas sob o manto escuro das noites. Certa feita, depois de muitas semanas de andar sem pouso, Antônio aproximou-se de sua casa e enxergou Dona Quitéria rezando agarrada ao terço, com os olhos cerrados. Atou seu cavalo ao palanque e entrou porta adentro, arrastando esporas.

— Sua benção, minha mãe.

— Meu filho! — Dona Quitéria abriu os braços roliços e abraçou-o. Seus dedos curtos e hábeis passaram pelo seu rosto e pelo seu corpo, encontrando no braço o corte a cicatrizar. Ela ergueu os olhos para encarar o seu menino. — Ainda dói esse ferimento? Está tudo bem contigo?

— Está sim. Não dói mais. Fui direto ao rancho da dona Graça, e ela me curou com ervas e benzeduras.

— Que bom te ver, meu filho... Precisava ter certeza de que estavas vivo. Estava com medo que tivessem te achado. Mas sabes que não devias ter voltado, não sabes? É perigoso...

— Precisava voltar, mãe. Dar uma explicação...

— Não *hay* o que explicar meu filho. O que está feito, está feito.

Antônio escutou um pigarro e, do escuro do quarto, seu pai veio caminhando em silêncio. Sem reprovação, Índio Feio cumprimentou o filho depois de espiar pelas janelas para confirmar se estavam sozinhos.

— Como lê vá? — perguntou, mais por costume, sem esperar a resposta — Não devias andar por essas bandas.

Pedro sabia que tinha cometido um crime, mas o pior de tudo era ser reprimido por seus pais.

— Bem dizia teu avô, Antônio, “sangue não é água”. Nunca pensei que tu terias o mesmo destino desse teu velho pai. Morte, guri, só se paga com morte. Mas as coisas não têm que ser assim. Pega a estrada! O continente é grande por demais... E esquece teus velhos aqui. Vamos seguindo nossa vida como Deus quer... Tua mãe vai estar sempre rezando por ti.

— Não se chora o leite derramado. Mas não posso deixar a Luísa aqui. Prometi que voltava... Vim pra pedir ajuda.

Índio Feio fitou o chão, desviando o olhar do filho.

— Arriá! Guri teimoso! — disse o velho — Antônio, eu vou voltar pro quarto e esquecer que andastes por aqui. Toma teu rumo! — Caminhou

em direção ao quarto. Mas, antes, deu um último aviso: — Não te apresentes por aí como Antônio. Tens que ter outro nome agora.

Antônio procurou nos olhos da mãe a explicação da negativa do pai. O vento da rua invadiu a salinha, trazendo o cheiro azedo de carniça para dentro da casa. Algum bicho morto apodrecia pelas redondezas.

— Antônio... A menina...

— O que tem a Luísa? — ele quis saber, angustiado.

— Ela se foi... Ninguém explicou direito... Mas ela se foi...

— Foi pra onde mãe? Fala!

— Ela morreu, Antônio. Ela morreu...

Não podia acreditar. Caiu de joelhos no chão. Era como se tivesse voltado a ser criança, agarrado à cintura da mãe.

— Dizem, meu filho, que eles bateram muito na menina, dia após dia, ela não resistiu.

— Onde, mãe? Onde ela está enterrada? — perguntou ele.

— Perto das casas, parece. Mas não teve velório, nem missa, nem nada...

Quitéria teve pena do filho como tinha da menina, a alma da coitadinha não poderia sequer ter paz sem um enterro decente. Antônio chorou muito. Depois, Quitéria fez com que ele se levantasse e seguisse seu rumo. Devia fugir para longe.

O TEMPORAL APROXIMAVA-SE cada vez mais rápido. Penacho, atento, deu um pequeno salto, trazendo abruptamente Pedro Guarany de volta à realidade. Quando Pedro deu por si, viu, surpreso, um cavalo picaço correndo a toda disparada.

— Vamos, Penacho! Êra... — Pedro saiu a todo galope, para tentar fazê-lo parar e libertá-lo dos arreios virados.

Ao longe, dois homens também se aproximavam em um galope curto. Pedro costeou o potro em direção aos outros e, enfim, conseguiram fazê-lo parar. Guarany apeou de seu cavalo e aproximou-se do picaço. Conseguiu segurar o que restava do cabresto e, rapidamente, soltou as cinchas e libertou o animal de seus tormentos.

— Ochee... Lindo animal! — disse, cumprimentando os gaúchos.

— Gracias, *paysano* ! Lindo *pero malino* ! — respondeu um dos homens, estendendo a mãozorra para o outro — Volnei, seu criado. Aquele mal-educado ali é o Célio — O homem levou a mão à aba do chapéu marrom. — Que *haces* perdido por estas bandas?

— *Andejo no más* , em busca de changa — entregou o cabresto para Volnei e o acompanhou em direção aos outros.

— Este animal batizamos de *Endiabrado* ! Vamos deixar pra xucro mesmo... Acabou de se bolear ali na baixada. Bamos apurar o passo pra ver como anda o Júlio. O cavalo caiu por cima do homem! Foi um baita golpe!

Correram de encontro aos birivas, Pedro seguiu-os. Eram oito ao total. O mulato ainda estava atirado no chão, mas já acordado. A coisa toda não passara de um susto, afinal. Pedro foi apresentado aos outros.

— Aquele ali deitado é o Júlio, que queria ser domador, mas pelo visto não tem talento! — disse Volnei, troçando.

Por fim, Pedro foi apresentado ao seu Genuíno. O velho aproximou-se, pernas arqueadas, no andar típico dos gaúchos que ficam mais à vontade sobre o lombo dos cavalos, estendendo a mão para o outro:

— Então, andarilho, qual é tua graça mesmo?

— Pedro Guarany, seu criado.

— Sente o cheiro, Guarany? O vento trás chuva. Não passa desta noite. Vamos acampar por aqui mesmo. Logo mais já deve sair a janta. Aceita um mate?

Sentaram-se encostados no carroção de madeira onde guardavam seus pertences. Aos poucos, com os cavalos já soltos, os demais foram se achegando. Com o fogo queimando, a panela de ferro exalava seus perfumes — o carreteiro estava se aprontando *despacito* sobre a trempe. O mate passou de mão em mão, e as conversas se estreitaram. Birivas e andarilhos têm muito em comum. A diferença é que um viaja sozinho; e os outros, em grupo, fazendo negócios, cambiando cavalos ou mulas.

— Como vinha dizendo, Guarany, estamos levando esta tropilha de cavalos machos para cambiar com o seu Hervalino. Parece que a estância está cheia de égua e ele precisa de cavalo pro serviço. Também, com tanto campo...

— Este Hervalino que vocês estão indo por acaso não seria o da Estância da Providência?

— Ele mesmo! Já andastes por lá?

— Nunca. Mas me disseram que ele estava precisando de peão por dia... Se vosmecê permitir, posso ir com vocês até lá?

— Claro, meu filho... Um a mais um a menos... Vamos indo...

— Eu tenho minha comida ali na mala de garupa, não vou atrapalhar.

— Que nada... Comida não nos falta. Fica tranquilo. A boia do seu Onofre é louca de buena e não é à toa que está mais gordo que cavalo sogueiro! — disse com seu sorriso franco e acolhedor.

— Andarilho! — chamou Heron — Estava vendo que ali nas tuas coisas tem uma guitarra. Permite que eu toque uma marca?

Pedro autorizou-o. Heron pegou o violão e sentou-se em um mocho de madeira. Testou a afinação do instrumento. Estava horrível, mas seu ouvido acostumado foi achando o tom correto das velhas e surradas cordas. A conversa, aos poucos, findou. Com o violão no colo, encostado ao peito, Heron fechou os olhos e soltou a voz:

Não tenho medo, senhores
A vida é sempre um regalo
No lombo do meu cavalo
Cruzei todos horizontes
Não me vendo a sobrenomes
Sou um biriva respeitado
Por isso que quando falo
Desperto ódios e amores
Mas não me venham com rancores
Pois esse canto é o meu legado.

Entre *payadas*, milongas sentimentais e algumas chimarritas mais divertidas, a lua foi ganhando céu, e o vento levou embora a tormenta. O cheiro das comidas, da canha temperada, dos arreios suados, inebriava os viventes que, naquele momento, dividiam a mais simples e terrunha das comunhões — a amizade e o companheirismo sincero dos que têm pouco ou quase nada a oferecer.

Pedro Guarany prestava atenção aos movimentos do guitarrero. Queria aprender como tirar música do seu violão. Entretanto, passou os olhos pelo horizonte, e, em sua testa, surgiu uma marca de preocupação. Ao longe, onde não se sabe o que é céu ou terra, na escuridão da noite alta, avistou fagulhas e explosões de fogo. Ninguém mais reparou, apenas ele. Hipnotizado pelos traços dourados que iluminavam o horizonte, pareceu perder os sentidos. Sentia vontade de correr, de gritar, de pelear... Mas não conseguia desviar os olhos. O *mboitatá* estava com fome. Com medo de perder os olhos para a cobra de fogo, deitou-se e aguardou o amanhã de olhos bem cerrados.

Na madrugada gelada, Pedro despertou com o cheiro de graxa pingando nas brasas. Os outros mateavam em silêncio enquanto a barra do

sol nascente vinha anunciando o novo dia. Buscou em sua mala de garupa o chimarrão e entabulou conversa com o chefe do grupo:

— *Buenos dias*, seu Genuíno.

— Bom dia, homem de Deus. *Que pasó* na noite? Parecia louco conversando sozinho.

— E eu sei lá! Dormi mal... Vi coisas. Não me agrada.

— Pois, então, guarde pra vosmecê o que viu. Aqui ninguém gosta de bruxaria.

— E eu tampouco...

— Me acompanha, Guarany. Vou te mostrar a cavallhada que vamos cambiar — Foram direito aos cavalos que pastavam por perto. O cinorro da égua madrinha fazia com que se achasse a tropilha até mesmo na noite mais escura. — Estás vendo aquela tostada velha? É a madrinha. Está comigo há muitos anos. Ainda tem algumas crias dela por aí. Saem todos *muy buenos*. Aquele tobiano é meio tropeçador, mas pra peonada serve. Estão todos domados, veja: crina tosada sem topete, cavalo manso; crina a meio toso, redomão; e tosado com topete, cavalo pra montaria das mulheres. Aqueles dois gateados com franja crespa são mansos de um tudo.

— E o picaço?

— Este não tem remédio. A princípio, achei que era um bom negócio. Troquei por dois baios, meio petiços, que interessavam pra um carreirista. Olhei esse baita animal, pelo fino, cerda crespa... Lua na testa! Cavalo de patrão! Podia até mesmo ficar pra *padrillo*.

— Podia?

— Podia... Não fosse louco! Ninguém para no lombo deste animal. É duro de boca, arisco...

Pedro Guarany foi lentamente em direção ao potro. A temperatura do cavalo fazia com que se emanasse um vapor denso do seu corpo, parecendo uma cerração. Respeitosamente, o gaúcho aproximou-se de lado, sem

jamais encará-lo nos olhos. Em seguida, passou a mão pelo lombo do cavalo e, ao chegar perto da tábua do pescoço, o *Endiabrado* escarceou, bufando e batendo firme a pata dianteira no chão.

— Le avisei... — disse o velho, rindo.

— Seu Genuíno, se vosmecê não se importar, enquanto rumbeamos, posso tentar lidar com este potro.

Fecharam o acordo. Pedro tentaria a doma enquanto acompanhava a trupe à Estância da Providência. Seria uma boa estradeada. Genuíno aceitou a proposta, mas pouco acreditava no sucesso da empreitada.

No segundo dia de viagem, acamparam próximo a um mangueirão de pedra. Pedro Guarany encerrou no curral apenas o potro picaço. Os outros subiram sobre as pedras e acomodaram-se para o espetáculo. Pedro assentiu com a plateia. Não aceitou ajuda, pediu apenas silêncio para que não distraíssem o animal.

Guarany entrou na mangueira sem camisa, pés descalços e bombacha arremangada. O chapéu de aba curta, desbotado pelo sol, estava acomodado bem para trás, incapaz de conter o ímpeto da cabeleira negra que aparecia por todos os lados. Trazia na mão apenas o buçal e um longo cabresto de couro enrolado.

Diante dos olhos atentos do Genuíno, o gaúcho foi em direção ao cavalo. *Endiabrado*, desde o começo, demonstrou que não era afeito à submissão, empinando quando o homem se aproximava. Causou estranheza o fato de Pedro não gritar e não pedir ajuda para atar o animal. Repararam quando Guarany jogou a corda em direção ao potro, que, com medo, disparou em círculos. O domador repetiu por várias vezes a cena. Com postura firme, mas amigável, o gaúcho mostrava ao cavalo que não era inimigo. Conseguiu aproximar-se, passando o cabresto pelo pescoço e enfiando o buçal na cabeça do picaço. O cavalo correu mais uma vez em círculos. Genuíno não entendia aonde Pedro queria chegar.

Depois de mais algumas investidas, demonstrando ao cavalo que entendia sua linguagem, Pedro Guarany virou as costas e ficou esperando. *Endiabrado*, orelhas apontadas para ele, ficou imóvel por alguns instantes,

aproximando-se aos poucos. Sem jamais encarar os olhos do cavalo, Pedro andou para o lado de montar, pegou pelo cabresto, próximo à cabeça, e começou a passar a mão direita pela testa do cavalo, seu pescoço e seu lombo. Quando o animal era dominado pelo medo, Pedro permitia que ele corresse e aguardava, pacientemente, seu retorno. Por hora, Pedro estava satisfeito.

Os dias passaram, e a doma foi progredindo. A cada vez, Pedro trabalhava alguns medos do cavalo. Com a mão sobre o lombo, passava os pés pelas axilas, pelo osso do peito, virilhas. Sempre sob o olhar atento de todos, o animal, aos poucos, foi se soltando. Quando o elo de confiança estivesse estabelecido, bastaria ensinar o potro a obedecer aos comandos.

Genuíno estava muito interessado pelo método utilizado por Guarany e, durante a viagem, conversaram sobre a linguagem dos cavalos, os lugares mais sensíveis de seus corpos e sobre a inteligência e docilidade desses animais.

— Quem diria, hein, Guarany, que o *Endiabrado* ainda iria obedecer às regras?

— A doma tem seus encantos, seu Genuíno. Cada domador, à sua maneira, ensina o cavalo a andar na forma. Tento convencer o bicho a fazer o que ele sabe quando o ginete mandar. Nada mais do que isso...

— Mas não é tão simples, Guarany. Muito embora admire essa tua humildade.

— O picaço estava apenas com medo. Se fôssemos medir essa doma por número de galopes, íamos perder o cavalo e mandar pro saladeiro!

— É bem verdade, cada cavalo tem seu tempo. Que bom que cruzaste nosso caminho.

Júlio e Feliciano, que domavam ao modo tradicional, defendiam que Pedro somente estava conseguindo os resultados porque o potro estava quase pronto, já que eles haviam feito os primeiros galopes. Pedro não os contestava.

O resto da viagem transcorreu sem grandes perturbações. Pedro pediu que o Heron lhe ensinasse a tocar algumas músicas, e, dessa forma, os mistérios da guitarra também foram se desvendando para o andante. Quando chegaram ao destino, Pedro já estava fazendo seus primeiros dedilhados, e o potro *Endiabrado* desfilava sujeito às ordens do montador. Em todas as noites de acampamento, quando o vento parava e os homens dormiam, Pedro procurava rastros de fogo pelas coxilhas.

Capítulo VII

Viagem ao Sul do Brasil:

Caderno de Rascunhos

Charqueada Santa Rita, Primavera de 1919.

AQUI ESTOU : mais ao sul do que jamais imaginei. Depois de longa e cansativa viagem, após conhecer imigrantes europeus e pesquisar as ruínas jesuíticas, bem como as belas paisagens de cima da serra, cheguei ao tão esperado pampa gaúcho. Engraçado notar que, quanto mais distante da civilização me encontro, mais noto que somos todos iguais.

As colônias de imigrantes alemães e italianos prosperam em terras produtivas entregues em parceria internacional de governos — aparentemente eram deixadas de lado pelo povo destas paragens. Ouso dizer, sem medo de errar, que as gentes que aqui habitam entendem ser de pouco valor a produção feita no modelo introduzido pelos colonos.

Voltando ao pampa, não foi sem emoção que meus olhos encontraram este oceano de pastagens verdes a perder de vista. O gado reproduz-se e engorda livre de amarras e divisas. Poucas são as cercas, feitas de pedra moura, a dividirem imensas planícies onde mora o mais meridional dos brasileiros: o tipo gaúcho.

São homens sérios, muitas vezes rudes. Mas isso é consequência de se localizarem em região estratégica para os governantes — não raro deixam para trás casa, mulheres e velhos para defender, com suas espadas, as fronteiras do Brasil. Enquanto no Rio de Janeiro o futuro é decidido por arquiteturas políticas e traçado à tinta e penas; no Rio Grande, inevitavelmente, as decisões dos outros são executadas à ponta de lança, facas e adagas. Este homem do sul do Brasil é um homem das guerras, do trabalho e da tradição. Os cavalos são praticamente a extensão de seus corpos, por isso não é demais repetir que são verdadeiramente centauros americanos. Não julgo suas características sisudas, firmes — parece que o contato diário com os animais empresta a estes seres pampeanos alguns de seus traços. Aqui, ainda vale o acordo feito em um aperto de mão. O

contrato é no “fio do bigode”, como dizem. Não são necessárias assinaturas em papéis para que um homem cumpra com suas obrigações.

Neste canto do continente, bem ao sul, a hierarquia é dividida entre os estancieiros e suas famílias, agregados e peões. Entretanto, as diferenças entre as castas sociais não se fazem tão marcantes. As estâncias pouco oferecem de luxo aos seus proprietários. Casas metódicas, paredes brancas e sem adornos, frestas onde o vento canta e gela as pessoas noite após noite. Cadeiras e mesas de madeira sem conforto ou extravagâncias. E o mais interessante: eles não pretendem mudar. O luxo e o conforto são vistos como algo supérfluo, estrangeiro, desnecessário.

Por aqui, os grandes proprietários trabalham sol a sol, lado a lado com os empregados. Não obstante, a sempre presente divisão de classes, mesmo que velada, aos olhos atentos poderá ser encontrada — e é incrível que, em um país de proporções continentais, se pintássemos um quadro desta fazenda onde me encontro hospedado e alguma outra no interior de Minas Gerais ou São Paulo, teríamos a mesma cena retratada: sede e galpão aqui; casa grande e as antigas senzalas, por lá.

Muito embora considere importante essa diferença comportamental, essa suposta aproximação entre patrão e empregado, uma análise como a que proponho não pode esconder os fatos — e a simpatia que nutro por essas gentes que me recebem sempre de forma tão amistosa não pode ofuscar a minha percepção — há, sim, uma verdadeira “ségrégation” entre as gentes, escondida atrás da simplicidade dos chefes gaúchos.

Os estancieiros são proprietários de grandes sesmarias de terras e, com eles, moram suas esposas e seus filhos. Empregadas domésticas cuidam das casas, mas ainda não olham nos olhos de seus patrões. Os peões gastam a mesma força que seus empregadores no trabalho campesino e dividem com eles o mesmo chá, apelidado “chimarrão” (ou simplesmente mate); mas, quando desencilham de seus elegantes cavalos, seguem cada um para um rumo: casa ou galpão. E, quando o patrão visita as dependências dos empregados, avistam-se respeito, obediência e sujeição. O patrão dá ordens diretas ao seu preposto, o capataz, que depois distribui as tarefas entre os subordinados, peões simples. Esses dormem todos por sobre camas improvisadas, espalhados em volta de uma lareira

rústica, uns sobre os outros, acompanhados de seus cachorros que, com o calor de seus corpos, ajudam a espantar o frio cortante que invade a tudo sem jamais pedir licença.

Em época de guerra, os estancieiros formam regimentos com empregados e servos – que eles denominam “posteiros” — que vivem em casebres afastados, mas ainda sobre a proteção de seus chefes políticos.

Acompanho tudo isso não sem certa surpresa. Há uma espécie de comodismo entre a mão de obra trabalhadora, pois não vejo anseios em busca de melhorias, em busca de crescimento. Parecem estar todos satisfeitos com as coisas. Ouço muitos dizerem quando pergunto algo, “... Deus quis assim”, sempre me devolvendo olhares de reprovação quando contesto algum de seus costumes... Mas contestar é um ofício que não pretendo abandonar. Meus ancestrais fizeram quedar uma monarquia, a Bastilha, e não consigo entender o comodismo. O povo não pode passar fome!

É com tristeza que reconheço, em todos os cantos deste país, velhos e conhecidos problemas. Se antes o camponês era considerado coisa, e não mais o é, atualmente seus direitos são ignorados por quase todos. O trabalhador rural sofre o castigo injusto de derramar seu suor sobre uma terra que jamais será sua. E a constatação pior: ao reconhecerem em sua exploração uma espécie de tradição, o trabalhador acaba sendo cúmplice de seu próprio aviltamento.

Sei, porém, que cada povo tem o seu tempo. Como bem disse um pensador destas paragens, Gaspar Silveira Martins, “ideias não são metais que se fundem”. As lutas que os peões daqui lutam ainda não são as suas; mas, sim, dos interesses políticos dos grandes produtores. Resta-me, ao menos, alertar e difundir alguns pensamentos que já se espalharam pelo outro lado do oceano. Faço isso ciente do risco que estou correndo.

Voltando à viagem propriamente dita, encontro-me hospedado em uma simpática estância denominada Charqueada Santa Rita. De propriedade do Coronel Mariano Guerra, um exemplo clássico do gaúcho como já bem referi, a fazenda estende-se a perder de vistas. Produzem o charque, que é uma verdadeira especiaria da região. O único inconveniente

é o cheiro pútrido que vem do abatedouro, que parece grudar nas narinas e não sair mais. No anexo do livro, colocarei alguns gráficos de como funciona tão insalubre ofício.

Acompanhei, nesta tarde, uma carneada de ovelha. Depois de retirada a pele (pelego) e separadas as peças, algumas seguiram para a cozinha dos peões, outras para a cozinha da família, e uma parte ficou descansando em ganchos dentro de uma gaiola de madeira com tela pendurada sob as sombras de uma árvore. Lá, a carne fica em temperatura mais fresca, durando mais tempo e apta ao consumo humano – sem perigo de que as moscas varejeiras depositem nelas seus ovos. Uma outra curiosidade que merece ser registrada é a forma com que se conservam algumas carnes nobres, que são reservadas para serem servidas em ocasiões especiais: as famílias guardam latas de querosene cheias de banha e lá depositam os cortes selecionados, que podem ficar — garantiram-me! — até mesmo um ano inteiro em condições de servirem de alimento.

Ainda hoje, às dezoito horas, foi servida pela negra Josefina — adorável doméstica de formas voluptuosas — a janta na sala principal da casa. Sentei como convidado ao lado do Coronel Mariano. Estiveram presentes sua esposa, seus filhos e suas filhas. Como tira gosto, experimentei um licor de leite, bastante doce, preparado pela anfitriã. A refeição consistia, basicamente, em algumas verduras e leguminosas produzidas em horta particular, espinhaço de ovelha frito acompanhado de farinha, uma espécie de ‘pirão’ e, ainda, um prato curioso chamado sarrabulho, que se trata de um guisado feito com o sangue do ovino, temperado com sal, salsa, cebola e manjerona, farinha e outros condimentos. A sobremesa foi um excelente pudim feito com uma dúzia de ovos, especialidade de Josefina, que chamavam ‘del cielo’. Realmente é um doce dos deuses! Ofereceram-me um chá de carqueja para ajudar a digestão, o que foi, de fato, necessário.

Escrevo estas linhas em uma mesa simples no quarto de hóspedes da casa grande. A cama, com colchão de palha e lastro de madeira, é rústica, mas mais agradável do que o chão onde vinha dormindo nas últimas semanas. Minha sombra, à luz provocativa da vela, dança pelas paredes como a lembrar dos salões e bailes de minha terra natal...

Orquestras tocando as mais belas músicas... Instrumentos de corda fazendo a cama para que os sopros, em perfeita harmonia, levem nossos corpos abraçados ao seu ritmo... Lembranças... Apenas lembranças.

Aliás, como já havia registrado, por aqui pouco se aprecia a música. Exceto em festas de família, ou nos galpões, não se toca ou se canta e nem se conhecem as melhores peças do mundo — pelo menos nas fazendas que visitei. A exceção que aponto é dos imigrantes que trouxeram esse costume de suas terras natais.

Meus cansados olhos já não conseguem continuar. Amanhã, pretendo entrevistar alguns peões, descobrir como funciona o matadouro e as lides.

Silêncio total. Sinto-me imerso em uma bolha de vácuo. Impossível não renovar as energias nos campos do sul. Apenas ao longe, vez ou outra, escuto o berro de alguma vaca, o latido de algum cachorro e o canto dos grilos. Há música, afinal, nessa sinfonia campesina.

P.S.: disseram-me que amanhã é domingo! Estou realmente perdido nas datas... Terá uma tal de carreira. Pesquisar.

P.S.2.: terei de conseguir um novo guia, pois o cavaleiro que me trouxe até aqui disse que precisava voltar para a serra.

Alphonse Saint Dominguet

Capítulo VIII

“ *SE PAROU* linda a manhã de domingo na Charqueada Santa Rita”, pensou João Fôia, enquanto coçava a bochecha de barba falhada. Depois que deixou a venda, continuou nas redondezas em busca de alguma oportunidade. Conversara com o tal Coronel Mariano Guerra, mas o serviço proposto não lhe agradou. Não seria certo receber dinheiro para dar um susto no velho Geraldo, que tão bem o recebera.

Se fosse antes, talvez até mesmo aceitasse. Mas João estava cansado daquela vida. Depois da morte do irmão, envergonhado, abandonara a casa e partira em busca de vingança. Sangue se pagava com sangue. Era desse jeito que se lavava a honra naqueles lados. Quantos anos se tinham passado desde aquela noite maldita quando Laurinho morrera pela faca do garoto índio? Nem sabia, já tinha esquecido. Durante aquele tempo, chegara até mesmo a aceitar algumas mortes por encomenda, trabalhos simples e sujos. Mas, na ânsia de justiça, sujara-se de sangue até o ponto em que ficara impossível se limpar. Voltar para casa? Até queria, mas não podia. Era culpado e ponto. Não tinha mais coragem de enfrentar os pais. Se é que eles ainda viviam.

Alisou o bigode negro, passou mais uma vez a mão sobre a cicatriz em seu rosto, arrumou a melena e afundou na cabeça o chapéu. Ajeitou a rastra, revisou o revólver e a faca de prata. Em seguida, buscou o zaino no potreiro para encilhar. Enquanto escondia sob o pelego o látigo da sobre-cincha, foi interrompido por uma voz que não conhecia:

— Conversando sozinho? — disse alguém com sotaque carregado, mas não era castelhano.

— *Buenos dias!* — respondeu João, virando e estudando o homem que o chamara.

Baixo, cabelos de um castanho avermelhado, bigodes com as pontas levantadas, assim como as fartas sobrancelhas. O homem, meio barrigudo, sorria segurando os suspensórios, puxando conversa. Das bochechas pontilhavam sardas castanhas, completando a estranheza do sujeito.

— *Alphonse Saint Dominguet*, encantado. — disse ele, estendendo a mão. — O senhor vai até as carreiras apenas ou está de viagem?

— Em que posso ajudar?

— Aquele senhor, o capataz, como vocês chamam, explicou-me que estás deixando a Charqueada. Quanto a mim, estou precisando de um guia. Gostaria de passar na corrida de cavalos antes de seguir viagem. A remuneração é digna.

João Fôia, que não tinha nada a perder, aceitou o trabalho. *Alphonse Saint Dominguet* despediu-se dos anfitriões e encilhou seu cavalo. Depois, seguiram os dois lado a lado. Foram em um trote manso rumo ao descampado das carreiras. O estrangeiro era de conversa fácil e, assim, o caminho foi tranquilo.

TINHAM ACABADO DE ALMOÇAR, João estalou o beíço e jogou sua cabeçorra para trás. O sol do meio dia estava agressivo; e o ar, totalmente parado. Ele tomou mais um gole de canha e encostou-se no tronco de uma árvore, buscando a sombra. Abriu os botões da camisa. Do seu peito cabeludo, escorriam gotas de suor.

Estavam ainda em terras do Coronel Mariano Guerra, no local que chamavam de Corredor do Noel. Era uma várzea a perder de vista, bom campo, com boa aguada e pastagem nativa. Não muito longe dali, de mangas arremangadas, caderno de capa de couro nas mãos, o forasteiro observava os gaúchos a certa distância, anotava curiosidades, fazia algumas entrevistas e novas amizades. Sequer reparava que não conseguia passar despercebido. Também pudera, roupas de gosto duvidoso, chapéu em formato de coco, de aba muito curta e aquele sotaque arrastado.

No último domingo do mês, sempre tinham as carreiras do Noel. Diziam por aí, à boca pequena, que o próprio coronel incentivava as apostas e jogos por ali, garantindo mais um pouco de dinheiro à sua fortuna.

João apresentara o estrangeiro apenas como “seu Domingos” e, a partir disso, ninguém mais se atrapalhou com o seu nome. O viajante voltou para perto dele. Com o sorriso estampado no rosto, *Alphonse* atirou-se na sombra ao seu lado.

— Que tal? — queria saber João Fôia.

— Interessantíssimo. Não entendi ainda como funciona a tal “taba”, o jogo do osso, mas não tenho mais muito gosto por jogos. Em Paris, perdi muito dinheiro nos salões de apostas e em bebedeiras memoráveis... — falava mais consigo mesmo que com o outro.

— Onde?

— Deixa pra lá... Demora muito a corrida?

— Domingos, se os homens correrem nesta mormaceira, terão um treco. É preciso esperar baixar a comida e deixar que o sol deite um *poquito*. Mas, logo *más empeza* ...

Alphonse Saint Dominguet pegou o lápis, arrumou a ponta com um punhal que trazia no bolso interno do colete. Logo em seguida, abriu novamente seu caderno de rascunhos.

— Senhor João, explica-me, então, como funcionam exatamente estas corridas de cavalos. Depois complemento com o que assistirmos.

João entendeu que não poderia sestear. Acomodou-se melhor, soltou um longo suspiro e, então, aguardou as perguntas do outro.

Próximo à hora combinada, os desafiantes mandaram buscar os parceiros, que estavam escondidos das vistas do público. Àquela altura, o local já estava repleto das gentes da região, famílias inteiras, peões, a criançada que corria por todos os lados. Conforme Alphonse pode comprovar, as carreiras em cancha reta eram um grande evento social daquelas terras. Os homens vestiam suas melhores pilchas; e as mulheres, os melhores vestidos.

Don Ramón, um castelhano mais fino que pau de virar tripa, chegou no seu cavalo mouro, cola atada em quatro galhos, desfilando e abanando para os conhecidos. O cavalo bufava e escarceava, jogando a cabeça para trás e para os lados, parecia entender que era o centro das atenções. Pelo outro lado, foi chegando o desafiante, um peão da confiança do Coronel Mariano. O nome do peão era Juvenal, mas, por aquelas bandas, ganhara mais de uma alcunha: Baiano, Retinto e outras tantas. Era um negro alto e

corpulento, olhos amarelados e cara de mau. O cavalo era um gateado forte, pega-mão crespo e com marca da estância do patrão.

Noel, que comandava tudo, subiu em um tronco de árvore e gritou, rebenque ao alto, chamando a atenção dos convivas:

— *Buenas !* Atenção de todos! Os desafiantes já estão na cancha! Começou o arremate!

As pessoas foram aproximando-se e, aos gritos de “jogo” e “carpa”, os gaúchos atiravam seus cobres sobre os ponchos que estavam estirados no chão, recebendo as apostas. As mulheres mantiveram-se distantes, provando mate-doce, atentas às crianças para que nenhuma se machucasse nas patas dos cavalos.

Dominguet anotava tudo: gaúchos bem aperados, chapéus tapeados e tiradores. Cavalos encilhados à capricho e jogos paralelos ocorriam por todos os lados. Escreveu, surpreso, que a carreira do senhor Noel trazia à sua lembrança as mais disputadas corridas que presenciara no Jockey Clube de Paris, e que aquele convívio, muito embora rústico, no que se tratava de relações humanas, poderia ser comparado aos Clubes Comerciais de qualquer cidade.

Os parceiros já se encontravam na cancha, lado a lado. O pingo mouro estava nervoso com a movimentação. *Don Ramón* fazia força para segurar o ímpeto do animal. Já o cavalo gateado, nas mãos do Juvenal, parecia saber que era do dono daquelas terras.

Alcançaram uma guampa com canha para molhar a garganta dos cavaleiros. Os dois concorrentes cumprimentaram-se com um leve aceno de cabeça. Levantou do céu uma pequena brisa. O cheiro de fumaça e de carne assando espalhou-se pelo terreno.

Do alto do mocho de madeira, Noel sorria satisfeito. A gauchada apostava alto:

— *Orelha a orelha!*

— *O dobro!*

— *Justo! Ainda dou luz pro cavalo mouro!*

O velho Noel pôs-se entre os cavalos, disse algumas coisas para os competidores, tirou seu lenço branco do pescoço e atou no rebenque:

— Quem dá mais? Dalê um! Dalê dois! Se vieram! — gritou, abaixando a bandeira atada ao relho.

Os homens incentivavam os corredores. Um baixinho soltou um grito de *sapucay* e ensurdeceu os mais próximos:

— E tu não me faça perder dinheiro, baiano desgraçado! — disse, arrancando risos de todos.

A disputa foi linda. À base de mangaços, os cavalos dispararam a todo galope. A poeira levantava da pista, e os estalar das patas no chão duro fazia o estrangeiro lembrar dos sons de uma locomotiva. Alheios à agitação, espumando de suor, os cavalos corriam a toda velocidade. Os ginetes fincavam as esporas, cortando as peles dos animais. Com os rebenques em movimentos frenéticos, batiam mais e mais nas ancas dos cavalos.

Os carreiristas chegaram juntos ao fim da cancha. Cabeça com cabeça. *Don Ramón* sorria confiante, acariciando seu cavalo. Juvenal, tenso, aguardava o julgamento dos juízes. Noel olhou com reprovação para o Ramón e olhou com mais raiva ainda para Juvenal. Disfarçou um sorriso e chamou a atenção de todos :

— Carreira das mais disputadas, senhoras e senhores! Após um particular com os julgadores, já temos o resultado da peleja! E o vencedor, pela distância de apenas um focinho, é o ginete Juvenal! — gritou, puxando aplausos.

Alguns deram uma chiada, resmungando, outros deram tiros para o céu em comemoração.

— Nunca me enganei com o retinto! — gritava, aos risos, o baixinho, já muito passado no trago.

Olhando a coisa toda, João Fôia preparava um palheiro com a calma de um artista. Picava o fumo, amassava no côncavo da mão, alisava a palha,

passava a língua para o fumo “sentar mais” e tragava aquela fumaça com um prazer de quem mata a fome. Observou que Dominguet se aproximava com o sorriso bonachão mais aberto do que nunca.

— Que passou, homem? Parece mais feliz que égua com dois potrilhos! — indagou, fazendo graça.

— Fiz um investimento seguro e aumentei meus créditos! — respondeu faceiro o estrangeiro. Como não se fez entender, explicou novamente: — Apostei no cavalo do Juvenal!

João soltou uma boa risada:

— E que mal pergunte ao amigo, qual foi o critério que fez com que escolhesse o gateado e não o mouro?

Com um olhar sorrateiro e brincalhão, respondeu como se escondesse um segredo:

— Se há uma coisa que não muda em qualquer lugar do mundo, amigo João, é que nunca o patrão sai perdendo!

Riram juntos. Realmente o cavalo gateado era marca da estância! Nem havia reparado. Tragou fundo o seu cigarro e pensou que devia ter jogado também.

— Já que o amigo ficou rico, tenho um investimento certo para lhe apresentar!

Não deu maiores explicações. Encilharam os cavalos, despediram-se dos viventes e resolveram pegar o rumo. O sol já vinha se escondendo no horizonte, e a estrada era o caminho.

DONA ACÁCIA escutou os latidos dos cachorros e soube que chegavam clientes ao rancho. Acordou as gurias que trabalhavam para ela e foi esperar os visitantes.

Surgidos no meio da escuridão, dois vultos aproximavam-se do rancho. Mariposa, uma morena de carnes em abundância e sorriso fácil, logo reconheceu quem chegava e não conteve a surpresa:

— Mas olha lá, Dona Acácia! Quem é vivo por certo que aparece!

— Não pode ser! João Fôia? — disse Acácia, aproximando-se do velho conhecido e estudando o seu acompanhante.

— Lembrou da gente, João? — provocou Miúda, um metro e cinquenta muito bem distribuídos, cabelos vermelhos e sorriso em botão.

João Fôia abraçou Dona Acácia e sorriu para as meninas.

— Não vais me apresentar esse elegante cavaleiro, senhor Fôia? — indagou Dona Acácia.

— Mas claro que sim! Este é o senhor Santo Domingos. Não é do nosso país. Está por aqui pra pesquisar as melhores coisas da terra. Não podia deixar de apresentá-lo às tuas gurias, não é mesmo? — disse, rindo.

Dona Acácia estendeu a mão para o estrangeiro, que beijou a ponta de seus dedos, em uma cênica reverência :

— *Enchanté!* — disse ele, arrancando risos e conquistando a simpatia das moças da Dona Acácia.

Capítulo IX

OS HOMENS DE GENUÍNO , acompanhados de Pedro, finalmente chegaram à Estância da Providência. Sob o olhar atento do senhor Hervalino de Souza Dias, apartavam a cavalhada prometida. Do chão duro, a poeira subia e colava-se ao suor do corpo dos homens. Na mangueira, dividiram-se os animais: mansos, redomões e domados. Era um bom lote, parelho, mas o cavalo picaço destacava-se dos demais.

Seu Genuíno acompanhava o estancieiro, que avaliava a cavalhada.

— Que lindo o picaço. Boa anca, boa altura, cerda grossa. Como é o trote dele? — perguntou Hervalino.

— Este cavalo tem o nome de *Endiabrado* ! Que tal o animal, Júlio? — questionou ao outro que, montado no cavalo, não permitia que os lotes se misturassem.

— O picaço era muito baldoso. Mas depois que comecei a doma e o Guarany continuou, já está ficando bueno.

Enquanto isso, Pedro desmontou do seu cavalo e ficou aguardando a oportunidade de falar com o patrão.

— Na verdade — continuou Genuíno — antes ninguém parava sobre o lombo do bicho. O Júlio mesmo quase partiu desta pra melhor numa boleada. Mas, de fato, é um animal lindo. Tem bom sangue. Cavalo de general!

Hervalino caminhou pela volta do *Endiabrado* , que bufava, abrindo as ventas, e escarceando, como a marcar território. O velho sorriu, reconhecendo-se naquela ânsia de ser mais forte do que os outros. Estava na dúvida se comprava ou não.

Perdido nestes pensamentos, levantou o rosto e viu que a filha Camila se aproximava. Mesmo vestida com calças de montaria e blusa simples, era impossível não reparar na beleza da jovem, que chegou levantando poeira e roubando a atenção de todos.

— Desculpe atrapalhar, pai. Mas queria este cavalo para mim. É muito bonito — disse e, em seguida, cumprimentou os negociantes.

Todos, em respeito ao pai da moça, bateram nas abas de seus chapéus e baixaram o olhar. Camila aproximou-se do *Endiabrado* e, encarando firmemente seu olhar, tentou acariciar-lhe a fronte. O animal levantou a cabeça para trás e fez menção de manotear a filha do estancieiro. Porém, Pedro interviu a tempo e segurou-o pelo cabresto, evitando algum acidente mais grave.

Com o susto, a jovem caiu no chão. De pronto, seu Genuíno ajudou-a a levantar. Ruborizada, agradeceu e correu em direção à casa. Para quebrar clima, o velho Laudelino, capataz da estância, gritou:

— Vamos continuar com a lida que já venho varado de fome e meio tonto dessa *solera* ! — disse, e voltaram aos negócios.

— Seu Genuíno, quem é aquele que segurou o cavalo? — Hervalino havia reparado que o homem o observava.

— Não é dos nossos. Ele só nos acompanhou para falar com o senhor. Pedro! — gritou ele. — Chega aqui, *no más* .

Pedro aproximou-se, e Hervalino falou:

— Muito grato. Sabe como são essas meninas de hoje em dia, chegam e já fazem um esparramo. Depois dá algum acidente, se machucam e não sabem o porquê. O Genuíno me disse que vosmecê veio aqui na estância pra falar comigo.

— Sim, senhor — respondeu Pedro. — Fiquei sabendo que tinha vaga para peão-por-dia, ou mensal. Estou procurando um trabalho pra passar o verão.

— Muito bem. É peão ou andejo?

— Sou andarilho. Assim Deus me fez — disse, enquanto apertava as abas do chapéu de aba curta que segurava nas mãos.

— Que assim seja, então. Tenho trabalho pra esquila das ovelhas, limpeza aqui da volta das casas e temos lida grande com as éguas logo mais. Se for do agrado.

— Agradecido. Que mal pergunte, o senhor fica com o picaço?

— Acho que não. Muito perigoso — respondeu.

— Se o senhor quiser, posso terminar a doma dele.

— Seu Genuído — gritou o estancieiro. — Que tal é o domador aqui?

— Foi o único que conseguiu montar no lombo do picaço até hoje!

O velho Hervalino encarou Pedro e resolveu pagar para ver.

A noite foi de despedidas. A trupe de birivas recebeu o pagamento, levou algumas éguas para a sua própria manada e continuou a viagem. Ao longe, Pedro Guarany observava o velho Genuído e os outros partirem e ficou triste por não os acompanhar.

FAZIA APENAS DUAS SEMANAS que o homem havia se instalado na estância, mas o sossego daquele fim de mundo e a amizade com a peonada já o faziam se sentir em casa. Pedro sabia que não ficaria muito tempo por ali, mas não conseguia evitar essa sensação. Era como aqueles casos em que uma semente plantada há muito tempo, praticamente esquecida, depois de alguma chuva esparsa, finalmente começava a germinar e a criar raízes. Deveria passar a enxada logo nesse sentimento, pois sabia que era erva daninha.

Para afastar esses pensamentos, concentrou-se no serviço. Pelo calor que sentia, Pedro soube que o verão havia chegado de vez. Os dias estavam cada vez mais longos; e o ar, mais parado. Além disso, o trabalho da esquila estava bastante atrasado. Limpou o suor que escorria da testa, tomou um gole de cachaça e continuou a passar a tesoura no borrego que estava maneado em seu colo, berrando sem parar.

Finalmente, Pedro desatou as patas do animal, que saiu saltando em direção ao potreiro do açude.

— Que venha a próxima, cancheiro! — pediu Guarany.

— Por hoje chegou! Era a última! — anunciou o velho Laudelino, contente pelo fim da esquila do rebanho. — Vamos comemorar! — E começou a dançar com a vassoura.

Pedro riu do baile improvisado e pegou o último velo de lã da ovelha para colocar na bolsa de estopa junto com as demais.

À tardinha, quando o sol já buscava seu refúgio no horizonte, Pedro enfrenou o *Endiabrado* para mais uma etapa da doma. O cavalo já estava quase pronto. Colocou a manea nas patas, chegava a escutar o pai avisando:

— Não é pra facilitar e descuidar logo no fim da doma! — Deu uma última acomodada nos arreios e colocou o pelego e a sobre-cincha.

Atou o laço nos tentos e, finalmente, montou. O picaço ficou parado, esperando os comandos. Era, de fato, imponente, como bem dizia o seu Genuíno. Esporeou-o e partiu a trote para dar uma estendida na estrada. Para seu gosto, o cavalo já estaria até pronto; mas, seguindo as recomendações do patrão, o cavalo tinha de ficar muito manso, já que era para a montaria da filha.

NAQUELE INSTANTE , da janela da casa principal, Camila, escondida pelas sombras do entardecer, cumpria seu ritual diário, observando Pedro com admiração.

— Que fazes na janela? — questionou dona Mocinha, tentando adivinhar, com seus olhos perscrutadores, os pensamentos da filha.

— Nada demais, mãe. Só estou olhando o cavalo que o pai me deu.

— É bom que seja assim, minha filha. Não esqueces que lá, na cidade, teu noivo te espera logo depois do veraneio.

Camila ficou envergonhada. Dona Moça olhava para ela risonha, pois sabia o que pensava a filha. “O diabo mais sabe por ser velho do que por ser diabo”, já diziam os antigos. A menina levou a mão para coçar o

nariz, como sempre fazia quando estava nervosa, e saiu correndo para seu quarto.

O corpo bronzeado e o cabelo trigueiro emprestavam-lhe uma beleza exótica. Dona Moça sabia que, sob as flores do vestido leve de verão, a filha já tinha suas vontades.

— Este casamento tem que sair pra logo — sentenciou.

Com seus passinhos apressados, foi até o altar de santinhos e acendeu uma vela para o Santo Antônio.

OS DIAS FORAM PASSANDO na sua tranquilidade de sanga rasa. Pedro Guarany aquerenciava-se à Estância da Providência. Um serviço logo era sucedido por outro e mais outro na rotina abafada daquele dezembro mormacento.

Em um entardecer, dias antes do Natal, Camila queria experimentar o trote de seu cavalo. Ela esperou no galpão o retorno do Pedro, que estava dando uns últimos galopes. A noite de sábado aproximava-se e, por causa disso, a maioria dos peões já tinha saído para a folga semanal. Quando Pedro chegou, foi surpreendido pela jovem, que o aguardava escondida nas sombras do paraíso.

— Boa noite, Pedro. — disse ela.

— Perdão, dona. Não *le* vi. O seu Hervalino precisa de alguma coisa?

— Não. Quem precisa, sou eu! — provocou Camila.

— Pois, não — disse, com um pigarro preso à garganta.

Ela se aproximou perto o suficiente para que ele sentisse o calor de seu respirar e passou para fazer carinho no pescoço do *Endiabrado*. Com um suspiro aliviado, Guarany encarou-a, aguardando as ordens.

— Quero dar uma volta com o meu presente. Ele já está bem manso, Pedro?

— O *Endiabrado* é um cavalo com personalidade forte; mas, ao mesmo tempo, é um animal dócil, amigo. Vai depender da senhora. Acho que já podes andar sim. Teu pai, onde está?

— Está lendo no escritório. Fica tranquilo, eu sei andar muito bem a cavalo. — sorriu para ele. — Podes me ajudar a subir?

O gaúcho prendeu a mão da menina no “pega-mão” do cavalo e segurou firme para que não escapasse. Logo depois, pego-a pela cintura e a levantou até que estivesse firme, encaixada nos arreios. Sentiu o cheiro adocicado de sua pele macia. O calor do corpo dela incendiava o dele. Não tinha forças para deixar de olhar para aqueles olhos castanho-claros como o mais doce mel das lechiguanas. A jovem fitou-o e sorriu. Em seguida, Camila incitou o cavalo a sair correndo para os rumos do horizonte.

O NATAL VEIO E SE FOI. No primeiro dia de lida do ano novo, antes mesmo do amanhecer, a peonada já estava de cavalos encilhados para juntar a tropilha em um mangueirão que ficava no final dos campos do seu Hervalino.

Laudelino, o capataz, já estava mais do que acostumado às regras daquela época. Mas não conseguia afastar aquele aperto no peito quando chegava o dia do abate dos animais. Não era recomendável que o homem andasse montado em éguas, pois era sinal de falta de respeito e de educação. Acontece que se dizia coisas horríveis dos gaúchos quando eram vistos sozinhos andando em fêmeas pelos vilarejos, pelas estradas e pelos campos. Assim, em razão da maldade e da falação humana, as éguas não tinham outra utilidade que não fosse única e exclusivamente a de reproduzir. De tempos em tempos, devido ao grande número, os proprietários faziam o abate conjunto de um grande número de éguas, pois elas ocupavam espaço e consumiam o pasto do gado.

Se a madrugada já estava quente e abafada, o meio-dia chegou com todos assoleados pelo calorão. As éguas presas na mangueira de pedras aguardavam a chegada do seu Hervalino. Ele viria com a filha e o futuro genro, que estava passando alguns dias com eles, apenas para fazer o aparte.

Os três chegaram pontualmente. De longe, Pedro reparou como Camila estava bonita com suas roupas de montar sobre o lombo do

Endiabrado , acompanhando o pai e aprendendo para o dia que fosse dona de tudo aquilo. Mais atrás, estava o noivo. Com as pernas estaqueadas e duras, com medo de encostar as esporas no animal, o jovem tentava equilibrar-se agarrado na alça do basto.

— *Buenas!* — cumprimentou o patrão. — Vamos começar logo com isto, quero acabar hoje mesmo.

— Juvenal! — gritou o capataz . — Fica na porteira e vai contando quantas éguas estamos apartando!

Hervalino e o capataz trocavam ideias e impressões. Quando escolhiam uma égua que ficava, os peões corriam para separá-la da tropilha.

Com perícia, os empregados conduziam o pequeno lote elegido pelo patrão.

— Lá vem uma... — gritou Juvenal . — Olha outra que passa! — avisou.

O Laudelino começou a dar risada da situação.

— Mas era só o que nos faltava! — completou o patrão.

Alheio aos comentários, Juvenal continuava suas contas:

— E vem mais uma... E outra! — disse, quando quase foi atropelado por uma égua tobiana.

— Mas sai daí, homem burro! Se não sabe contar, avisa! — gritou o Laudelino, que acabou substituindo-o por Pedro.

Em razão do adiantado da hora, deixaram o término do serviço para o dia seguinte. Os animais que não foram escolhidos ficaram encerrados na mangueira, e os outros foram levados para o potreiro. Ao longe, Camila observava tudo e, volta e meia, procurava por Pedro. Quando seus olhares se encontraram, a jovem sorriu, dona de seus próprios quereres.

NO DIA SEGUINTE, a barra do horizonte recém estava clareando para os lados da alvorada, e os peões da estância já estavam de cavalos

encilhados. Tensos, os animais trocavam orelha e riscavam o chão, pressentindo a lida do porvir.

Os homens chegaram ao mangueirão, e as éguas relinchavam, tristonhas, sem água para beber. Para alívio de todos, um vento constante levantou-se do chão, deixando a lida menos dificultosa.

Colocaram os mais experientes na função da degola, e os outros, entre eles Pedro Guarany, ficaram encarregados de costear os lotes de éguas, maneá-las e derrubá-las para que, em um único e ligeiro movimento, o responsável passasse o fio da faca no sangrador da égua, acabando assim com a existência do animal. O serviço era lento, pois, vez ou outra, alguma égua mais matreira tentava escapar dos campeiros, que tinham de esporear os pingos e, com calma, fazê-la recuar até se juntar ao lote novamente. Não tiveram folga para almoço, já que todos queriam acabar de uma vez com o serviço.

Um cheiro ruim já tomava conta do ar. Pedro reparou que o céu ficava cada vez mais escuro — não que fosse chover, mas eram os corvos que se amontoavam, formando uma grande e móvel nuvem à espera da carniça.

Terminaram o serviço uma hora mais tarde. Pintado de sangue por todo o corpo, o capataz ordenou:

— Amarrem as éguas na cincha dos cavalos e as arrastem até a sanga. E vamos andar com isso, que já venho cansado!

Uma tristeza densa pairava no ar. Laudelino tinha as mãos trêmulas. Colocou seu chapéu de volta na cabeça e cuspiu no chão — um catarro denso e vermelho cheio de veios de sangue.

Capítulo X

Viagem ao Sul do Brasil:

Caderno de Rascunhos

Campanha, verão de 1920

Estou deitado na mesma cama em que me tornei homem já faz muitos anos; sobre o mesmo colchão; debaixo do mesmo cobertor de lã negra, no qual nos envolvíamos para dormir. Estou sentido nosso cheiro de suor e de sexo.

Eu dormia ao seu lado, encaixado num lugarzinho que era só meu, com o nariz encostado ao seu pescoço, embriagado por aquele amor negociado – mas que era tão meu que sempre tive vontade de gritar para todos!

Ainda sinto o compasso pausado da sua respiração, as palpitações e os suspiros que acalentavam meus sonhos. Mas era tudo falso. Loucuras da minha cabeça; porque, no dia seguinte, já nem sabiam quem eu era, e eu remoía aquelas paixões mal esclarecidas para meu coração juvenil.

Porém, senti tudo isso novamente. Tudo isso e mais um pouco.

Quando meu gentil guia me levou à casa de mademoiselle Acácia, jamais poderia imaginar que, perdidas neste fim de mundo, encontraria criaturas tão encantadoras quanto aquelas meninas que lá moravam.

Na humildade do rancho, fui tratado como um verdadeiro rei. Serviram-me licores apetitosos de butiá e de laranja, figadas e pessegadas, verdadeiras obras de arte cristalizadas para imortalizar aquele sabor fenomenal. Provei, ainda, a chamada “baba de moça”, despejadas em claras em neve — doce que em nenhum momento perde em sabor e qualidade a qualquer “crème brûlée” pela Confeitaria Stohrer.

As meninas ofereceram-me suas melhores histórias. A pequena Miúda, ruiva sorridente e com sardinhas charmosas por todo o corpo,

contou-me ser a sétima filha de uma família de imigrantes alemães da serra gaúcha. Apaixonou-se por um peão qualquer e partiu com ele quando mal tinha feito quinze anos de idade. A paixão esfriou, e o homem seguiu seu rumo, deixando a pequena aos cuidados da mademoiselle Acácia.

A índia Potiguara explicou-me de ervas e benzeduras. Trazia no corpo as marcas de um ataque que, dizia, ter sido de uma fera em sua infância. Já, a negra Custódia, cabelos crespos, seios atrevidos, era alta e linda, encantou-me por ser exótica e de riso fácil. As curvas salientes pareciam provocar-me, escapando aqui e ali pelas fendas do vestido simples. “Que Dieu me pardonne”, que Deus me perdoe por quebrar mais esta promessa. É a última vez que pago por amor...

Reparo que, nos vilarejos, as gentes daqui caçoam das minhas vestimentas e da minha fala arrastada. Nas fazendas, quanto contesto algo, sou apontado como anarquista e desordeiro. E nessas idas e vindas vou conhecendo melhor os quereres desse tipo tão peculiar que é o gaúcho.

Mademoiselle Acácia é uma anfitriã agradável e muito atenciosa. Ofereceu-nos os quartos para que pudéssemos nos banhar e descansar com alguma das meninas. Antes mesmo que eu respondesse, Custódia me pegou pela mão e guiou-me para seus aposentos.

O quarto era simples, mas, estando eu inebriado com o cheiro da mulher e com saudades das famosas noitadas de minha juventude, enxergava naquele lugar as melhores suítes dos prostíbulos das ruas Madeleine ou Bastille. Custódia, com a destreza de quem é a melhor naquilo que faz, levou-me à loucura, gritei as maiores blasfêmias que, por sorte, a “petit” jamais entenderá.

Os doces licores da mademoiselle Acácia e os carinhos da negra Custódia fizeram com que me acordasse ainda inebriado, perdido e sem razão. Senti o cheiro conhecido, passei a mão sobre o corpo quente e macio da mulher que dormia ao meu lado e não pude deixar de pensar na linda Gypsi, mulher experiente que tirara minha virgindade no bordel que ficava na rua Jean-Baptiste Pigalle nº 75, de propriedade do Monsieur Dupouy, que Deus o tenha.

Tive um breve amor por aquela prostituta. Mas era tudo falso.

Loucuras da minha cabeça.

P.S.: Esses devaneios terão que ficar fora do meu livro, assim como a saudosa Gypsi , de meus pensamentos.

P.S.2: Descobri um fato curioso: disseram-me que a menina Potiguara, quando criança, teria sido atacada por um animal que denominam (erroneamente, quero acreditar) de tigre. Pesquisar.

P.S.3: 'Te veux', Custódia.

Alphonse Saint Dominguet

Capítulo XI

NA ESTÂNCIA DO SEU HERVALINO DE SOUZA DIAS , o entardecer chegara e, junto com ele, o fim das degolas. Pedro Guarany estava cansado e sujo. Um cheiro repugnante acompanhava-o por onde quer que andasse. Sentia uma imensa tristeza ao olhar para o perau onde jaziam os corpos das éguas. Reparava que a nuvem negra que voava em círculos sobre suas cabeças já havia se dissolvido. Agora, um tapete de corvos se banqueteara com a carne daqueles dóceis animais, completando, assim, o macabro ciclo de suas vidas.

Logo após todos se dispersarem, Pedro foi direito à sanga que desfilava em águas calmas, bem longe das casas. Precisava limpar o corpo e a alma. Aproveitou para desencilhar o Penacho e entrou com o cavalo no lagoão para que ele também se refrescasse. Depois de muitos anos, chorou. Não pelas éguas mortas, nem por nada em especial. Apenas, não teve forças para conter a tristeza que pedia passagem e transformou-se em lágrimas. “*Homem não chora*” , chegava a escutar o pai recriminando-o. Mas não se importou.

Depois do longo banho, emalou os arreios de Penacho e voltou para as casas caminhando. Deixou o cavalo pastando perto da sanga acompanhado dos pirilampos e da música dos grilos e sapos que tranquilizavam qualquer ser vivo.

PEDRO GUARANY gostava dos domingos na Estância da Providência. A peonada solteira buscava diversão pelos bolichos, e os casados tinham autorização para visitar seus ranchos. O patrão e mais alguns peões buscavam uma aguada para pescar. As mulheres iam à igreja para rezar pelo perdão dos seus pecados e das suas famílias.

Sentado na sombra, Pedro pensava no tempo em que passou e na vida que não poderia mais ter. Ao longe, Penacho pastava e, com a cola, tentava afastar o cardeal-amarelo que pousara em seu lombo. A pequena ave de coloração jade-negra aproveitava o palco e cantava lindamente. Guarany buscou inspiração no canto do animal. Afinou sua guitarra e passou a dedilhar milongas. Porém, a melodia saía arrastada e triste; e o canto, como se estivesse engasgado, não brotava da sua garganta. Foi então

que Pedro passou a acompanhar a milonga com um assovio agudo e constante. A melodia, carregada pelo vento, acabou chegando à casa grande.

Camila, que estava à janela, resolveu seguir a melancolia das notas, descobrindo Pedro à sombra da árvore. Quando ele deu o seu último acorde, a jovem não se conteve e aplaudiu-o.

— Perdão, dona Camila — disse Pedro, surpreso. — Não sabia que *ustedes* estavam pelas casas.

— Não se desculpe, Pedro. O senhor toca muito bem. Minha mãe foi à igreja, mas hoje eu escolhi ficar em casa. Com este calor, melhor ficar por aqui mesmo. Acho que Deus não vai se importar com minha falta, não é? — disse, aproximando-se.

— Das regras dos deuses, eu sei muito pouco. Mas, as do senhor seu pai eu conheço. E se ele chegar e estivermos aqui, vai sobrar pra mim — respondeu, ao mesmo tempo em que se levantava.

— Não seja assim, Pedro. Não há o que temer. Toque mais uma para mim, por favor.

Pedro sustentou o olhar da moça, mas não por muito tempo. Sentou-se novamente e dedilhou uma canção simples e bonita que aprendera com Heron quando ainda viajava com os birivas.

Ao final, Camila falou:

— De fato, tocas muito bem Pedro. E domas muito bem também. Esqueci de te agradecer. Meu cavalo ficou ótimo. Estou procurando um novo nome pra ele. Tens alguma sugestão?

— Se o picaço fosse meu, chamaria de Sepé, pois o cavalo tem na testa o mesmo lunar do índio que lutou contra os portugueses.

— Entendes de História também?

— *Muy poco*. Mas esta, meu pai, que tinha sangue índio, me contou.

— E o que mais tu podes me ensinar? — disse ela, ao mesmo tempo em que colocou sua mão sobre a dele.

Perdido nas profundezas dos olhos dela, Pedro viu-se abraçado e, por instinto, retribuiu a carícia. Camila encarou-o e esperou até que ele a beijasse. Com o coração batendo descompassado e a boca da moça na sua, Pedro percebeu a loucura da situação e afastou-se.

— Perdão, dona Camila. — disse ele, e saiu rapidamente.

Com um sorriso no rosto e os olhos faiscando, Camila ficou ali parada, apenas observando Pedro partir.

PEDRO SONHAVA com Camila. O corpo, feito de fogo, terra e água, estava preso ao seu, tomado por abraços e beijos. No meio das carícias, Camila começou a se desfazer como se estivesse derretendo — água sobre brasas. Pedro sentia-se afogar no suor que jorrava do seu próprio corpo. Ficou sem fôlego, faltava-lhe ar. Acordou assustado, molhado. Levantou-se. Saiu do quarto coletivo, mas o calor que sentia não se desgrudou dele.

As mulheres só lhe traziam desgraças. Pedro sabia disso. É claro que queria Camila. Mas queria apenas por uma noite. Nada mais. Depois que Luísa morrera, as mulheres que teve foram somente diversão. Promessas e amores não tinham mais espaço na sua vida.

Caminhou em direção ao reservatório de água. Tomou um copo e outro e mais outro. Ainda sentindo os efeitos dos sonhos e do cansaço, enxergou no horizonte o sinal de que precisava. Faíscas bruxuleavam e dançavam lá no infinito. O maldito *mboitatá* enfeitava os céus com suas fagulhas e explosões.

Pedro fez o sinal da cruz. Com cuidado, para não acordar os homens que já haviam chegado da folga, entrou no quarto. Deitou-se em seu catre de palha forrado com saco de estopa e procurou dormir para esquecer o que havia visto.

AO AMANHECER , grossas gotas de chuva caíram sobre a terra. Soavam secas e ocas ao encontrar-se com o pó do terreiro castigado pela

estiagem dos últimos meses. Pássaros banhavam-se nas pequenas poças no chão enquanto entoavam sua música madrugueira.

Seu Laudelino, o capataz, sentiu o cheiro de terra úmida e saiu para ver a chuva alimentando o campo, fortalecendo o pasto que estava por vir. Encontrou os peões saindo de seus quartos — peças com aberturas pequenas e pé-direito baixo — para começarem os primeiros afazeres do dia. Reparou que o Pedro já o esperava, com o cavalo encilhado, na frente do galpão.

— Dia, Pedro. Que *pasó* ?

— *Buenos dias* . Estava somente lê esperando, seu Laudelino. Já fechei as contas com o patrão assim que notei movimento na cozinha.

— Mas como, homem de Deus? Pois, achei que vosmecê ia ficar por aqui!

— O Penacho já estava sentindo comichão por estrada.

— Que pena, Guarany. Mas sei que andarilho não tem pouso certo. Que Deus te abençoe! — disse o velho, abrindo o sorriso de poucos dentes.

— Deixe meu abraço pro pessoal, que *no me gusta* despedidas! Até logo! —esporeou o cavalo, apurando o passo, distanciando-se da Estância da Providência.

Já ao longe, Pedro deu uma última olhada para trás. Bateu com a ponta dos dedos na aba de seu chapéu e tomou o rumo do não se sabia onde. Da janela da casa, Camila abanou sem ter certeza se seria vista. Estava triste. Era mais um que não tivera coragem de levá-la na garupa.

O TRANCO ERA O MESMO de sempre, mas a certeza do caminho não. O cavalo, lombo suado, pelego do avesso em razão da chuva contínua dos últimos três dias, andava sem pressa, à espera de alguma instrução do dono. Pedro trazia o olhar distante, parado, enquanto pensava na vida.

A paisagem era o retrato do final do verão: árvores sem sombra, sangas apenas com um fio de água e a pastagem amarelada, agradecendo pela chuva. O horizonte faiscava, e as nuvens cinzentas escureciam o

vilarejo encravado no pampa. Guarany firmou o olhar e cutucou as costelas do pingo para fugir da tempestade que se aproximava.

Folhas secas levantavam com a ventania e incomodavam seus olhos, mas traziam, também, o cheiro de terra molhada e das gentes que habitavam aquela vila perdida no meio do nada.

Chegando mais perto, Pedro avistou um casebre simples, branco e com as paredes manchadas pela umidade. As janelas sem vidro estavam escancaradas na esperança de que entrasse algum *ventito* .

Escorada à porta, estava uma mulher, vestido simples, cabelos negros e volumosos. O triste olhar dela encarava o estranho. Com a cabeça fez um leve aceno e um convite para chegar. Pedro conduziu o Penacho até a lateral da casa, tirou o freio e deixou que pastasse nos fundos do terreno.

A porta lateral abriu-se e revelou os contornos da bela morena. Novamente, veio o convite silencioso para a entrada. Pedro subiu o degrau e já estava na sala. O lugar era bem simples. Havia móveis de madeira já bastante gastos, uma fina cortina floreada e mais alguns enfeites sobre uma pequena mesa.

Ela pegou a mão de Pedro e conduziu-o para a peça contígua. O quarto era pequeno e cheirava a mofo. Um olfato mais sensível sentiria também o odor de suor e de sexo, mas ele não tinha essa preocupação. O silêncio era tanto que parecia estar escutando as batidas do coração da moça, aceleradas e descompassadas. Ela sentou na beira da cama e esperou.

Pedro Guarany abriu os botões de sua camisa surrada, deixando à mostra o peito largo e forte. Em seguida, desafivelou o cinto antigo e aproximou-se. A mulher, de tez amorenada, desabotoou-lhe a bombacha surrada. A luz que vinha da rua revelou seu rosto delicado, os lábios grossos e o olhar parado, distante, como se, na verdade, ela estivesse em outro lugar.

Guarany passou suas mãos pelo corpo dela, e o vestido simples foi jogado para o chão. Sua barba marcava a pele frágil da morena, que fechou os olhos enquanto a chuva começava a cair sobre o telhado de palha.

Quando a noite chegou, estavam os dois deitados lado a lado, cada um pensando em suas angústias, dividindo o mesmo cigarro. Pedro sentia-se satisfeito. A moça, apesar de acostumada, não conseguia conter a pequena lágrima que insistia em brilhar no canto de seus olhos.

Ela se levantou, vestiu a roupa sobre o corpo suado e foi para a porta da casa provar um pouco da brisa. Quando Pedro apareceu, trazia consigo uma linda flor de pétalas grandes e vermelhas que roubara no terreno dos fundos. A moça tinha os cabelos presos em uma longa trança negra.

— Esta flor vai ficar bem nos teus cabelos, morena. — disse.

— *Gracias!*

Ela pegou a flor com suas pequenas mãos e ficou a sentir seu perfume adocicado.

— Quanto te devo?

— Quanto puder, senhor.

Pedro deixou alguns cobs na mesa da sala.

— Eu volto — disse Guarany, antes de montar seu cavalo e seguir seu caminho. Precisava achar um bolicho na vila para pernoitar.

A moça colocou a flor a enfeitar sua trança. Sabia que ele não voltaria. No fundo, ela sabia.

Capítulo XII

APÓS O DESCANSO merecido no racho da Dona Acácia, João Contreras e *Saint Dominguet* continuaram a andejar. João, acostumado a viver sobre o lombo dos cavalos desde a infância, olhava com certa pena para o viajante, que sentia dores em suas costas, câimbras de todo o tipo, e trazia a pele, clara e cheia de sardas, avermelhada pelo contato diário com o sol.

Mesmo cansado, o visitante estava encantado com as gentes e os hábitos dos moradores do Rio Grande. Dizem que ele teria vindo ao país para escrever um pouco sobre cada Estado, mas acabou escrevendo todo um livro sobre o que encontrou no continente. Lá pelas tantas da viagem, os dois avistaram um povoado. Domingos não conseguiu esconder o sorriso e esporeou o animal que o conduzia. Agarrado às crinas, o homenzinho sacudia em disparada até a entrada da vila.

Mais tarde, devidamente acomodado no quarto de alugar no bolicho do senhor Jeremias, Dominguet aproveitou para tirar toda a roupa e deitar assim mesmo como veio ao mundo, com as vergonhas todas de fora, espichado na cama de molas.

João Fôia entrou na peça de banho tomado e ficou horrorizado com a cena:

— Mas que barbaridade! Seu Domingos, dê-se ao respeito e cubra esta pentelhama vermelha, que o que eu recebo não é pra ficar vendo suas pouca vergonha!

— Estou muito cansado, *monsieur* João.... Não tenho forças para me vestir novamente. Nunca vistes um homem nu? Nunca participaste de bacanais, pelo visto.

— E eu sei lá o que é isso? — respondeu João, furioso, já jogando umas cobertas sobre o corpo do outro — Mas não quero mais ter que ver isto de fora. Da próxima vez, capô o senhor e não vai achar nem graça! — mostrou a faca afiada a brincar com o parceiro de viagem.

Alphonse Saint Dominguet riu do constrangimento que provocara no outro e, segundos depois, desmaiou de cansaço. Contrariado, Fôia deitou-se na cama contígua e dormiu, mas com o olho bom a cuidar qualquer movimento do companheiro.

OS MORADORES DA VILA recebiam bem o viajante em suas casas. Ofereciam a Domingos as mais diversas comidas e os mais exóticos licores curtidos com as frutas da região. Também gastavam horas contando ardentes histórias de revolução e causos banais sobre o lugar. Os entrevistados sentiam-se importantes e ajudavam, de bom grado, aquele estrangeiro de hábitos e roupas esquisitas. Chamavam-no, carinhosamente, de Caipirinha, Cabeça de Coco, dentre outros apelidos.

Dominguet terminou mais um dia de entrevistas com o caderno de viagens cheio de histórias: delimitação das fronteiras, discórdias de famílias, lendas e tudo mais de velho e sabido que poderia ser considerado novidade por alguém estranho ao lugar. Junto às narrativas dos locais, o estrangeiro anotava também detalhes das vegetações, das arquiteturas primitivas e das alegres festas que ele presenciou.

Ao regressar, anunciou seu novo objetivo:

— João, estive pensando cá com meus botões...

— Pensando com quem? — perguntou João, sem entender nada.

— Escuta, *homme de Dieu*. Estava meio ansioso, mas não conseguia descobrir o porquê. E agora já sei! A menina Potiguara! — disse, entusiasmado, e esperou que a frase tivesse outro efeito.

— Mas tu que quisesses a Custódia! Mas se quiser voltar, voltamos...

— *Sainte ignorance*! Não é nada disso. Quero ir atrás dos tigres que atacaram ela!

— Isso é muito perigoso... Tem certeza? Se é assim que quer, precisamos de um guia. Nunca fui até a região em que ela diz que os tigres se escondem.

— Consiga um guia para nos ajudar e, assim que possível, partiremos!

DURANTE AQUELES DIAS , enquanto Dominguet continuava com suas pesquisas de campo, João encilhara seu cavalo e saía a procurar pelo povoado algum outro andante que estivesse interessado em seguir junto com ele como guia na viagem de Domingos.

O que se sabia é que os tigres estavam cada vez mais difíceis de se encontrar, pois, havia algum tempo, as grandes caçadas tinham gerado a sua quase extinção no continente. Os animais que sobraram tinham ficado ainda mais ariscos e perigosos. Somando todos esses fatores, não estava sendo fácil achar algum gaúcho disposto a se embrenhar no mato com eles.

Naquela manhã, João Fôia atou seu cavalo à sombra de uma árvore, ao lado de um bragado que ali estava, e foi adentrando o bolicho. Enxergou, sentado junto ao balcão, o semblante de um velho conhecido. Pedro Guarany estava almoçando uma linguiça frita e tomando um trago de canha.

— Guarany, Guarany... — disse João.

Pedro Guarany reconheceu de pronto a voz que chamara seu nome. Aquela voz que era, ao mesmo tempo, despachada e cheia de mistérios. Era uma voz que trazia seus medos e segredos mais escondidos à tona. Instintivamente, passou a mão direita pela fina marca de corte em seu braço, e sua mente encheu-se de antigas memórias.

Pedro olhou para trás e avistou João Fôia. Com o chapéu nas mãos e a cabeleira teimosa a cobrir-lhe a testa, João abriu-lhe um sorriso franco, marcando ainda mais a cicatriz no seu rosto, e já foi puxando um banco e se juntando ao outro junto do balcão.

— Que fazes por essas bandas, Guarany?

— Andejando, no más... E *usted* ?

— Estou de guia para um viajante das Europa. *Pulpero* , me alcança um copo de tinto? — gritou. — Precisamos nos adoçar, não é Guarany?

— Por certo que sim. Vou te acompanhar! Traz dois!

Jeremias, mal-humorado e arrastando os pés no chão, trouxe um garrafão de vinho e serviu dois copos para os clientes. Virou-se e foi cuidar do caderninho atrás do balcão.

— Não entendo. — disse João Fôia.

— O quê?

— Como um “animal” deste tem um bolicho se não gosta de atender? Lembra do Geraldo? Aquilo que é bolicheiro...

— Verdade. O bolicho do Geraldo tem um algo a mais. *Pero*, não sei explicar.

— Um brinde ao seu Geraldo! Um *pulpero* de fundamento! — gritou João, para provocar o velho Jeremias.

Quando a conversa é boa, o tempo pede passagem — aqueles dois nem notaram que o sol já vinha baixando e procurando seu leito para o descanso noturno.

— *Salut, chers amis!* Saudações! — disse o estrangeiro que chegou de repente.

Pedro Guarany olhou aquele viajante – barbas e cabelos laranja, pequenote e pançudo – e simpatizou com ele. O homem aguardava a resposta com um sorriso no rosto queimado pelo sol.

— Boa noite, seu Domingos. Aqui está o nosso homem! — disse João, apontando para Guarany, ao seu lado.

— Que maravilha, *monsieur* João. Muito prazer, me chamo Alphonse Saint Dominguet, *à votre service*. Fico muito agradecido por teres aceitado tão perigoso ofício! — disse e, virando-se para o Jeremias, que acompanhava tudo a distância, gritou: — A próxima rodada é por minha conta!

Sem entender nada, Pedro Guarany aguardava as explicações.

João falou:

— Guarany, vou precisar de um grande favor teu. Daqui a dois dias, estamos indo para a região das Palmas, porque o homem desembestou que quer caçar tigres. Até agora, não achei ninguém disposto a ir lá. Pensei que seria uma boa changa, pois o gringo paga bem.

— Mas eu nunca cacei tigre!

— E eu tampouco! Mas vamos lá! É *buena plata* . Que te parece?

— Penso que...

— Não precisa responder agora. Mas, me conta: já aprendeste a tocar alguma coisa no teu violão? O Domingos está pesquisando sobre os paisanos e vai gostar de ouvir algo. Mas só se já aprendeu! — disse, rindo.

O olho vazado de João brilhava refletindo a luz do entardecer. Pedro Guarany buscou seu instrumento, acomodou-se em uma cadeira e foi procurando as primeiras notas da milonga. Da sua voz afinada, brotaram alguns versos de improviso.

Peço silêncio, senhores

Vida é bem mais que um galpão

Conheço muito patrão

Que não respeita a “herencia”

Desta campeira existência

Que traz na origem da raça

Bordoneios de guitarra

Pó de estrada – desilusão

E é junto ao fogo de chão

Que o andejo faz morada

Aos poucos, foram se aproximando do grupo alguns curiosos da vila e os frequentadores mais costumeiros do bolicho. O vigário, sempre zeloso de seu rebanho, também apareceu e ficou observando os versos do Pedro e, entre um vinho e algum aperitivo, acabou voltando carregado para seu quarto nos fundos da igreja.

Já eram altas horas quando todos se dispersaram. Cambaleante, Alphonse despediu-se e foi para seu catre no quarto que dividia com João.

João sorriu para o Guarany e perguntou:

— Estamos acertados?

— Como eu disse, nunca cacei tigre. Mas a região eu conheço bem. Já trabalhei naquelas bandas, nos campos do Limoeiro. *Muy* lindo. Estamos acertados!

João e Guarany apertaram-se as mãos. O negócio estava fechado.

PEDRO GUARANY, pensativo, conduziu o Penacho até o arroio que cortava os campos logo atrás das ruas desparelhas e dos últimos casebres da vila. Chegou ao rio e entreteve-se olhando, nos remansos, os reflexos das estrelas que estavam caindo do céu. A verdade é que Pedro fugira, todos aqueles anos, porque nunca quisera reviver suas lembranças — a morte que ele carregava nas costas, o assassinato da sua Luísa. Uma coisa levava à outra, e aqueles pensamentos eram como ervas daninhas, apoderando-se dele até que não lhe sobrava nada, a não ser a loucura e a tristeza.

Outra vez o destino pregara-lhe uma peça. Estivera sempre fugindo daquele passado tão distante e, agora, havia aceitado trabalhar junto de um dos homens que lhe fizera todo aquele mal. “Será que João estaria apenas jogando comigo? ”, refletia.

— Pois que seja! — disse em voz firme, enquanto passava o dedo sobre o fio de sua faca. Fosse ou não fosse um jogo, pagaria pra ver.

Não podia ser coincidência aquele encontro. Coincidências não existiam, Pedro chegava a escutar o velho pai repetindo a frase. Era o destino que os estava aproximando novamente. E contra o destino não

adiantava: não se fazia preço com ele. Pagava-se o que a ele era devido. Que viesse, então, a viagem de caça aos tigres.

AINDA FALTAVA MUITO para o amanhecer. O céu estava cheio de estrelas, todas inchadas do descanso noturno. A lua havia saído um pouco e tinha ido embora de vez, escondida pelas nuvens escuras que corriam no céu. Mas não estava fazendo falta. Era uma daquelas noites de lua triste.

Pedro encontrou os outros dois homens na praça da vila e, juntos, partiram bem antes do clarear do dia. O calor andava insuportável, e o melhor a fazer era ganhar a estrada durante a noite. Na hora em que o sol ficasse muito forte, desencilhariam e esperariam algumas horas, descansando à sombra de alguma árvore.

Durante o trajeto, o francês não se conteve e tentava entrevistar o Guarany:

— *Monsieur* Pedro, ainda não me contaste o porquê de viver ao Deus dará, somente viajando ao invés de conseguir um trabalho em uma dessas fazendas. Existe um motivo?

— Senhor Domingos, a verdade é que não existem razões certas para andejar. Mas, para sentar raízes em algum lugar, aí sim, seria preciso de uma. E essa razão não existe mais – respondeu, melancolicamente, Pedro.

— Temos um filósofo entre nós, João! Quem diria!

— Guarany, este gringo desgraçado tem manias de falar em outra língua só pra que a gente não entenda! — disse João em tom de brincadeira, rindo.

Sem entender o comentário, Alphonse desistiu do questionário e passou a assobiar uma música alegre que lhe recordava os bailes de sua juventude. Já Pedro digerira, em silêncio, aquela conversa.

A viagem foi tranquila e não encontraram quase ninguém no longo caminho. Após alguns dias, Alphonse passou a reparar que a vegetação

estava se modificando. Ao invés da solidão das imensas planícies verdes, principal característica dos pampas, notava que, por aqueles lados, existiam grandes cerros com pedras entranhadas, cercadas de arbustos altos e de mato fechado. Escondidos pela vegetação, arroios e sangas cortavam os caminhos.

— Para que servem aqueles currais de madeira escondidos no meio do mato, senhores? — perguntou o estrangeiro, apontando para o lado.

— Pelo que eu sei, seu Domingos, estes cercados são feitos para que os tropeiros e viajantes passem a noite em segurança — e disse solene: — Estamos nas terras dos tigres.

Capítulo XIII

OS TRÊS CAVALEIROS avançavam para dentro da mata fechada. Alphonse, excitado, olhava para todos os lados, tentando reter em sua memória cada detalhe do terreno selvagem. Ainda duvidava da existência de tigres no Rio Grande, mas, por via das dúvidas, mantinha-se atento.

A noite estava chegando e não encontravam uma clareira apropriada para o descanso. O clima estava abafado e pegajoso. Desviaram-se de um enxame de caboclos, que passaram zunindo pelas orelhas de todos. Do alto de uma árvore, uma coruja piava, vigiando-os atentamente.

— Bueno, acho que não encontraremos outro curral. O melhor é desencilharmos e dormirmos por aqui mesmo. Eu e o João fazemos a ronda, o senhor pode dormir, seu Domingos.

— Será seguro dormirmos aqui?

— Acredito que sim — disse Pedro sem muita convicção.

Em seguida, os três trataram de arrumar o acampamento e de fazer uma boa fogueira.

O calor aumentava. Enquanto vigiava, Pedro observava os demais dormirem. Domingos estava desmaiado. Não era acostumado a passar horas por dia sobre o lombo de um cavalo e sentia dificuldades para sentar ou caminhar.

A noite estava silenciosa. Com o ouvido atento, Pedro escutava, ao longe, o barulho de galhos sendo quebrados. A fogueira foi se transformando em brasa, e ele resolveu buscar mais gravetos e averiguar que animal rondava o acampamento. Passou a mão sobre a faixa na sua cintura, confirmando que a faca estava no lugar. Escutou novamente o barulho.

— Mas que diacho! — resmungou.

Achou que os companheiros poderiam ouvir as batidas do seu coração, de tão alto que pulsava. Os pássaros bateram suas asas e voaram,

abandonando as árvores. Pedro tirou a faca de sua cintura. Ele avançou com cuidado, mas era apenas um bando de capivaras que pastava próximo ao acampamento. Nervoso, Pedro riu da sua confusão e pegou alguns gravetos para alimentar a fogueira. Neste momento, foi surpreendido pela chegada de um estranho.

— Quem vem lá? — perguntou ao vulto escondido na mata. Via apenas os olhos muito brancos e a brasa do palheiro, que diminuía e aumentava.

— Boas noites. — disse o homem, ainda longe — Venho em paz. Pode guardar a faca.

Pedro Guarany colocou a faca na bainha e esperou. Neste instante, o homem saiu das sombras. Revelou-se um negro muito escuro e alto, com um fino bigode a esconder o sorriso simpático.

— O que fazem por estas bandas? Vi a fogueira e vim ver quem era... Eu cuido destes campos... Não sabem que aqui é perigoso?

Ainda desconfiado, Guarany encarava-o. Não conseguia saber se aquele aviso era uma ameaça ou apenas uma conversa trivial.

— Sei, sim senhor. Mas estamos bem calçados, graças a Deus.

— Menos mal. Ainda assim, não recomendo que passem toda a noite no meio do mato. *Hay* tigres por aqui. Venham comigo. Tenho um ranchinho humilde perto das guaritas de pedra. Bastam uns quinze minutos de caminhada, mas, em compensação, uma noite tranquila de sono. Me chamo Tião, às suas ordens — disse ele, e ofereceu a mão para o cumprimento.

Ciente do perigo que corriam, Pedro despertou os companheiros e seguiram o negro pela trilha de mata fechada. Mal enxergavam um palmo adiante de seus olhos.

— BEM-VINDOS ao Rincão do Inferno! — disse o negro ao adentrar na clareira onde existiam alguns casebres de barro, iluminados pelo reflexo do céu estrelado na correnteza tranquila das águas.

Foram surpreendidos pela belíssima paisagem. Um paraíso de pedras e água escondido nas curvas do Rio Camaquã. Sob a luz prateada da lua, o lugar parecia saído direto da imaginação de algum artista expressionista, pensou Dominguet.

– Que belo espetáculo! Que lugar lindo é esse, *monsieur* João?

— E eu sei lá?!

Fôia desconhecia absolutamente aquele pequeno paraíso.

— Aqui é onde eu e minha esposa moramos. Naqueles outros ranchinhos, moram alguns parentes — disse Tião, já abrindo a porta.

Foram recebidos pelo sorriso desbeijado de dona Agripina, a esposa. A velha forçava os olhinhos para enxergar atrás do branco das cataratas. Era gordinha e tinha peitos grandes e caídos. Usava um vestido puído, muito antigo. Trazia os cabelos bem crespos atados num coque.

Tião tirou o chapéu e revelou a cabeleira já esbranquiçada, rente à cabeçorra. Sorriu um daqueles sorrisos amáveis de quem sabe servir e já foi logo oferecendo os bancos para que os visitantes se sentassem. Da porta do quartinho, um negrinho espiava a sala em silêncio.

— Aquele ali é nosso neto, o Sabiá. É mudo, o coitado. A mãe morreu no parto, o pai foi atacado por um tigre. Nós que cuidamos dele. — O menino escondeu-se nas sombras e não apareceu novamente. — Serve uma sopa pras visitas, muié.

Alphonse Saint Dominguet ficou encantado com a hospitalidade daquele casal de idosos. Anotava mentalmente cada detalhe.

— *Monsieur* Tião, estamos em um vilarejo ou o quê?

— Que nada... Estamos aqui em meia dúzia de famílias. Aqui foi um quilombo, entende?

— Não...

— Somos antigos escravos. Fugimos dos nossos cativeiros e nos escondemos neste meio de mato coisa de uns anos atrás. Depois disso,

dizem que acabou a escravidão... Mas, ainda assim, volta quarenta e meia, um pobre bicho chega por aqui corrido dessas estâncias. As leis nos libertaram da escravidão. Mas nós ainda somos pretos e pobres. E vosmecês não fazem nem ideia do que é ser preto e pobre numa terra de brancos. Mas nós vamos indo... Vivendo como Deus permite.

A noite de conversas foi longa. Dominguet escutou histórias da época da escravatura, de quando eles fugiram e dos perigos daquelas matas. Mas o assunto que mais lhe interessou foram as crenças e as religiões africanas.

Quando amanheceu, dona Agripina serviu leite quente misturado com café passado. Depois, os viajantes encilharam seus pingos e seguiram no rumo indicado pelo casal. Agora sabiam onde encontrar os tigres. Levavam consigo um pão feito em casa e as recomendações do casal de idosos.

Dominguet ainda escutava o eco dos batuques e tambores de sua iniciação. Levava pendurada no pulso uma guia para a proteção. *Ogum das matas* agora era seu padrinho.

Capítulo XIV

A procura pelos tigres foi se arrastando no dia nublado. Os três cavalgavam devagar, apreciando as belezas daquele rincão esquecido por Deus. Andavam costeando o rio Camaquã, que dava voltas e mais voltas, revelando seus pequenos tesouros. Nas margens, além das árvores e das flores da estação, Pedro avistou um grupo de capivaras a pastar tranquilamente em meio à vegetação ribeirinha.

Seguindo as orientações do Tião, chegaram a um pequeno curral escondido entre centenárias árvores. Ali, amarraram seus cavalos. Estavam arranhados devido aos espinhos e aos galhos secos do mato fechado, que os recebera sem dar-lhes boas-vindas. Buscaram alguns pedaços de madeira para fazer uma fogueira e puseram-se a preparar o acampamento para a noite. Era preciso tudo pronto de antemão para que ficassem protegidos das garras dos tigres.

Durante a tarde, andaram por entre os caminhos, tentando localizar algum rastro ou alguma pista que pudesse ajudá-los a encontrar com um daqueles animais. A única arma de fogo que tinham era a de João Fôia. Deixaram-na com o francês, já que eles se garantiam com suas facas.

Na verdade, Dominguet não queria realmente caçar nenhum animal, apenas desejava ver que tipo de bicho os gaúchos chamavam de tigre. Seria um capítulo excelente do seu livro. De repente, Pedro ficou imóvel e fez com a mão um sinal pedindo atenção.

— Escutem!

Os outros pararam em absoluto silêncio. Ouviram barulho de passos e o estralar de galhos. Não conseguiram descobrir de onde vinha o ruído e continuaram a avançar. Passaram por ossadas e encontraram uma carcaça em estado de putrefação, resto de um animal que servira de alimento aos tigres. O cheiro forte e repugnante deixou-os enjoados.

Mais um dia passava sem sucesso. Os tigres eram animais muito ariscos. Os homens, então, voltaram ao curral para se abrigarem na noite.

Ao avistarem a encerra, perceberam que os animais estavam inquietos. Do lado de fora, pegadas e rastros do predador.

Protegidos pela luz da grande fogueira, não conseguiram dormir, estavam preocupados. Comeram alguns nacos de carne seca e uns pedaços do pão caseiro. Restava apenas esperar.

Pingos grossos de chuva começaram a cair. Ao menos, no curral, estavam protegidos pelas copas das árvores. Um raio cortou o céu, e o clarão iluminou-os. O barulho da tormenta e da chuvarada que começou a cair foi ensurdecedor e trouxe consigo um urro de fera. Tensos, os cavalos começaram a movimentar-se de um lado para o outro. Os homens estavam com os ouvidos atentos. A cortina de água prejudicava-lhes a visão. Houve um novo clarão de relâmpago. Pelo espaço entre as tábuas do curral, Pedro enxergou um par de olhos brilhantes que o encaravam.

Quando o estrondo do trovão estourou, o tigre rugiu novamente. O barulho era assustador. Foi somente nesta hora que João e Dominguet ficaram cientes do que estava acontecendo. O bichano passou a correr em volta do curral. Ao mesmo tempo, tentava passar as garras nas frestas. Como não conseguia, corria em círculos novamente. O tigre era do tamanho de um terneiro, porém, forte como um touro. Apesar de perigoso, era um lindo animal — sua pele dourada era manchada por pintas negras.

Quando a chuva diminuiu, eles perderam o tigre de vista.

— Algum sinal dele? — perguntou o Guarany.

— Estou procurando! — respondeu Fôia.

Alphonse Saint Dominguet, com as mãos tremendo, rezou para todos os santos que conhecia e ainda pediu ajuda ao seu novo padrinho, segurando firme a guia de Ogum entre as mãos.

O tigre urrou novamente. Estava no alto, no galho grosso de uma árvore. Espantados, os homens já temiam pelo pior. Elegantemente, o animal saltou para dentro da encerra. Os cavalos tentaram escapar das maneias. O tigre encarava os homens. Parecia escolher qual deles atacaria primeiro. Então, mostrou-lhes as presas e encolheu o corpo, buscando

forças para o ataque. Junto ao clarão de mais um raio, o animal atirou-se na direção dos homens, seus olhos sedentos de sangue.

Escutou-se mais um estrondo. Enquanto Pedro e João já se encolhiam à espera do ataque certo, o tigre despencou no chão. Os gaúchos olharam para trás e viram Alphonse com o revólver em punho. Ele ria de nervoso e mostrava a guia de proteção que estava na outra mão. Em sua cabeça, ecoavam tambores imaginários.

— Esta foi por muito pouco — disse Dominguet, enquanto acomodava o chapéu esquisito na cabeça.

— Quem diria, Guarany? Quem diria que o gringo é quem iria nos salvar!

— Barbaridade! Estou tremendo até agora. *Gracias*, seu Domingos! — disse Pedro, aliviado.

— *Merci*. E... de nada, senhores. Ou, como vocês dizem: merece — falou o homenzinho, sorrindo pelo feito.

Naquela noite, nenhum deles conseguiu dormir. Foi um tempo bem gasto com conversas e com risos fartos. Haviam sobrevivido intactos ao ataque do tigre e, além disso, tinham uma ótima história para contar e uma linda pele para comprovar o caso.

Pedro Guarany encarou os olhos de João Fôia. O homem sustentou o olhar de Pedro. Ao fim daquele instante, que pareceu durar séculos, João sorriu e concordou com a cabeça. Sem saber o que pensar, Pedro retribuiu o sorriso e deixou suas dúvidas para depois.

OS DIAS QUE SEGUIRAM foram molhados e frios. O outono chegava com seus ventos e suas virações. As árvores despediam-se das vestimentas da estação, e os três andejos constituíam uma alegre comitiva de viagem. Entre uma estância e outra, Alphonse anotava todas as curiosidades e as lendas dos rio-grandenses — estava cada vez mais encantado com o povo do Rio Grande.

O inverno encontrou os viajantes na congelante Herval. Dominguet era um quadro a ser pintado. Com seu tradicional chapéu-coco, usava um poncho de lã crua para espantar o frio. No rosto, sentia as feridas provocadas pelo minuano, que o castigava como se fizesse o uso de adagas que o espetavam sem trégua, dia e noite.

Ele ficou sabendo que, há alguns anos, um senhor teria construído um castelo no estilo medieval bem no meio dos pampas. Assim, partiram para os rumos de Pedras Altas, vila do município de Cacimbinhas, com o objetivo de conhecer o seu magnífico castelo e o homem por trás da obra, um tal de Joaquim Francisco de Assis Brasil.

Capítulo XV

Ao cruzarem a porteira de ferro e seguirem pelo bosque que levava em direção à sede do castelo, Alphonse parou e ficou olhando curioso para o piso de ladrilhos.

— “ *Bem-vindo à mansão que encerra / Dura lida e doce calma: / O arado que educa a terra; / O livro que amanha a alma!* ” — Alphonse leu em voz alta.

— Diz isso aí no chão? — questionou Pedro Guarany.

— Que belo poema! Penso que estamos chegando a um local diferente de tudo o que eu já havia visto por aqui.

João Fôia olhava desconfiado para os dizeres no chão. Não gostava daquelas coisas sem serventia.

Um homem surgiu no caminho, dizendo com gentileza:

— Senhores! Por favor, desencilhem. Deixem seus cavalos comigo. Eu os deixarei atados em uma sombra com água. Me chamo Aristides, sou empregado aqui da granja.

— *Monsieur* , seria possível falar com o proprietário de tão belo recanto?

— Sigam em frente. Toquem o sino quando chegarem ao castelo.

Excitado pela experiência, Dominguet apurou o passo.

— *Mon dieu !* — exclamou o francês, com o queixo caído em admiração.

Guarany e Fôia, mais contidos, tiraram seus chapéus e ficaram a observar o imponente prédio que se apresentava aos seus olhos.

— *Nous avons un français entre nous ?* Temos um francês entre nós? — foram surpreendidos pela pergunta de uma jovem que passava por eles.

Era uma moça bonita, de aproximadamente vinte anos. Tinha os cabelos presos em um lenço florido e trajava um vestido simples, quente e elegante, próprio para o serviço e para se proteger do frio. Trazia nos braços uma cesta de palha recheada de hortaliças.

— Em que posso ajudar? Estão procurando meu pai?

— *Pardon, mademoiselle* . Não pretendíamos invadir a privacidade de vocês. Mas, sim, se seu pai for o senhor Assis Brasil, estamos à procura dele. À propósito, meu nome é Alphonse Saint Dominguet e, de fato, sou francês.

— *Cette joie!* Que alegria! Vou poder praticar meu francês! Meu nome é Cecília. *Enchanté* . Acompanhem-me. Meu pai está nas estrebarias, revisando a produção de leite para a manteiga — disse sorrindo e estendendo sua mão para que o francês a beijasse.

Pedro Guarany e João Fôia deixaram que os dois caminhassem à frente, mantendo uma postura de respeito aos proprietários daquela mansão. Sentiam-se desconfortáveis, sentiam não pertencer àquele tipo de lugar.

Mais adiante, encontraram um homem atarracado, de cabelos grisalhos e vasto bigode branco. Joaquim Francisco de Assis Brasil recebeu o estrangeiro e seus ajudantes de braços abertos. Diplomata que era, conversou em francês com Dominguet, e riram juntos das histórias da sua viagem.

Assis Brasil apresentou ao hóspede o projeto de sua granja, com oliveirais, pessegueiros, laranjeiras e vinhedos. Fez com que provasse a famosa manteiga artesanal que produziam com o leite das vacas *jerseys* . Mostrou as cabanhas de ovelhas e os cavalos puros de pedigree, todos importados. Orgulhoso, fez-lhe ver as plantas que havia importado e o belíssimo jardim que vinha cultivando há tempos.

Assis Brasil cedeu ao viajante um quarto no Castelo, um de seus mais de quarenta aposentos, para que descansasse e conhecesse os ideais perseguidos por ele. Acomodou Guarany e Fôia num dos quartos de empregados, junto de seus próprios funcionários.

Sob o manto das grossas paredes de pedra do castelo, Joaquim e Dominguet bebericavam licores, enquanto dona Lydia de São Mamede, a anfitriã, coordenava as atividades da criadagem. Havia organizado um verdadeiro banquete para o hóspede francês.

No piano, Cecília desfilava seus dotes artísticos, cantando e encantando Dominguet, que a olhava com o canto dos olhos. Definitivamente, estava presenciando a utopia de um homem.

— Que biblioteca maravilhosa, *monsieur* Assis! Ainda não acredito que temos todos estes exemplares bem aqui: no canto mais meridional do Brasil!

— Meu sonho representa um esforço no sentido de demonstrar, através do exemplo, aquilo em que acredito — disse o outro, levando a taça de licor aos lábios. — É uma tentativa de mostrar a todos que é possível realizar, com recursos modestíssimos, uma vida confortável e inteligente no campo. Não precisamos viver aqui no Rio-Grande como se vivia no ano de 1800!

Escutaram as seis badaladas do antigo relógio preso na parede.

— Veja este relógio, senhor Alphonse. Ele pertenceu ao grande general Bento Gonçalves.

E assim eles foram passeando pelos raros exemplares que havia na casa, pequenos pedaços da história que ainda estavam vivos, decorando aquela residência. O viajante ficou parado em frente à lareira, olhando curioso uma fotografia.

— Que retrato mais peculiar! — exclamou Dominguet.

Assis Brasil sorriu daquela lembrança e, em seguida, pegou nas mãos a fotografia que o trazia, congelado no tempo, com uma arma apontada para uma maçã. A fruta estava em cima da cabeça de um antigo amigo: Santos Dumont.

— Esta é uma boa lembrança...

A noite avançava rapidamente e Joaquim Francisco de Assis Brasil mostrava-se preocupado com os rumos da política rio-grandense:

— A verdade é que não concordo com o que estamos vivenciando. Uma verdadeira ditadura, meu bom amigo. Embora conheça e respeite os ensinamentos de seu conterrâneo, Augusto Comte, não posso concordar com a centralização do poder no Chefe de Estado. Enfim, venho dizendo que, na verdade, sou um não-positivista. Acredito em um governo mais representativo.

Antes que Dominguet o contestasse, foram interrompidos pela anfitriã:

— Senhores, o jantar está pronto — avisou dona Lydia, encerrando o assunto político.

Serviu-os uma criada amável com vestido preto e avental branco. Ofereceram ao hóspede o prato de entrada: sopa de cogumelos e tomates recheados. Em seguida, a criada trouxe à mesa uma travessa com carne de ovelha assada, coberta de legumes e um molho agridoce, especialidade da cozinheira. De sobremesa, foi servido uma espécie de pão doce e folhado, com um ótimo recheio de goiaba.

Dominguet comeu muito e pediu um chá de boldo para a criada. A família Assis Brasil contava suas histórias e experiências dos tempos em que o Joaquim era embaixador do Brasil.

Os olhos do viajante começaram a pesar, e ele teve que pedir licença para se recolher aos seus aposentos. Entregou seu caderno de anotações e ideias ao anfitrião e pediu:

— *Monsieur*, não esqueça de revisar meus cadernos, gostaria muito da sua opinião sincera.

OS DIAS SE SUCEDERAM, O INVERNO FOI SE DESPEDINDO, e a primavera começava a dar seus primeiros sinais na natureza. Os pássaros, contentes, cantavam chamando o dia. O cheiro doce de jasmim invadia o Castelo e também perfumava o galpão dos empregados.

Pedro Guarany e João Fôia trabalharam durante todo aquele inverno para a granja dos Assis Brasil, uma vez que Dominguet parecia não querer ir embora nunca. Já estavam cansados daquela rotina totalmente diferente do que estavam acostumados nas estâncias do continente.

Certa noite, com o minuano assobiando forte e invadindo o quarto sem pedir licença, João acordou, com o corpo dolorido e trêmulo de frio. Ainda era madrugada alta, mas ele sabia que não dormiria mais. Reparou que Pedro dormia agitado, debatendo-se.

Querendo livrá-lo de seus tormentos, João acordou-o.

— Acorda, Guarany! É só um pesadelo... — disse, dando leves batidas no ombro do parceiro.

Ao despertar, Pedro estava suado e aflito. Sonhara, novamente, com a morte da Luísa. A culpa, como uma companheira constante, abraçava-se em seus ombros e fazia com que sua caminhada fosse muita mais pesarosa.

— Estás bem, homem? — perguntou João.

— Estou, sim... Foi só um sonho ruim.

— Falavas o nome de uma mulher.

— Não lembro — despistou Pedro.

— Guarany, preciso te perguntar...

— Amanhã, Fôia — interrompeu Pedro, nervoso. — Ainda é madrugada... Preciso dormir.

João Fôia respeitou-o. Não tocara mais no assunto. Pelo menos, por enquanto.

Durante aqueles meses, os dois haviam construído uma sólida amizade. Pedro sentia-se culpado por não ter permitido aquela conversa, mas estava esperando a oportunidade perfeita. O passado era realmente difícil, e João estava entranhado nas suas memórias mais tristes. A vida era

estranha. Tinha-os juntado daquele jeito. Ao roncar a cuia do chimarrão e devolvê-la para o outro, Fôia fez uma tentadora proposta:

— Guarany, pensa comigo: estou cansado desta vida de incertezas, de andar ao Deus dará, sempre nas estradas. Eu abandonei família e tudo com um único objetivo... Só que esse objetivo nem importa mais. Mas não tenho mais casa pra voltar. Não sou mais o mesmo de antes e nem quero voltar a ser.

— Sei bem como é isso, amigo João. Sabe, às vezes, tenho gostado de ficar só numa estância trabalhando, até pensei em ficar de peão lá na Providência...

— Que peão que nada! Tenho uma ideia bem melhor.

OS MESES EM PEDRAS ALTAS aproximaram os dois gaúchos, que, agora, tinham planos em comum. Chegara o momento de se apartarem do Alphonse Saint Dominguet. O francês seguiria sua viagem de trem até o porto de Rio Grande. Observaram a família Assis Brasil despedir-se do hóspede no saguão da Estação Ferroviária de Pedras Altas.

O trem já estava sendo reabastecido de carvão, e os funcionários da linha acomodavam as bagagens. Alguns passageiros desciam para espichar as pernas, fumar cigarros. Foi quando os dois foram chamados, repentinamente:

— Reunião de sorro é matança de cordeiro! — disse, aos risos, o mascate Farid, que retornava para o trem com um pastel nas mãos.

— Mas olha só! O turco Farid por aqui! De trem? Perdeu a carreta?

— Em primeiro lugar, turco é o senhor seu pai, andarilho burro. E, em segundo lugar, não perdi, mas aposentei a carreta!

Pedro Guarany não escondeu a surpresa. Abraçaram-se, e o mascate cumprimentou o outro gaúcho.

— Vejo que o inverno lhe fez bem, Guarany. Está com sebo no rim! — disse, enquanto apontava para a barriga do amigo.

— Mas... Não é que é verdade? Pois passamos todo o inverno hospedados no Castelo aí na frente da Estação. Só comendo e dormindo!

— Que vida boa... Muito bom ver vocês... Vou subir senão perco meu lugar no trem. Estou indo a Rio Grande em busca de mercadorias! Quando forem a Bagé sigam em direção à avenida Sete de Setembro. Lá, verão um grande prédio com os dizeres: “Armazém Farid”. Estou abrindo meu comércio e abandonando as andanças. Estou velho demais para isso e ainda sonho em formar meu filho doutor! Vamos morar na cidade! Apareçam! — disse, entrando no trem, sem nem mesmo se despedir.

Logo em seguida, Alphonse postou-se em frente a João e Pedro:

— Queridos amigos, muito obrigado pela companhia e por todos os ensinamentos. Vocês terão um agradecimento especial quando meu livro sair — disse e abraçou os dois companheiros de viagem.

O trem apitou, soltando fumaça e avisando que já estava na hora. O maquinista gritava a última chamada, enquanto os funcionários da Estação Ferroviária praticamente empurravam os retardatários para dentro dos vagões. Alphonse encaminhou-se para o embarque:

— Vou ter que ir! *Au revoir* ! Até logo!

Silenciosamente, Pedro e João observaram o trem seguir seu caminho nos trilhos e ir em direção ao nunca mais. Não veriam novamente aquele estrangeiro. Com os olhos marejados, os dois montaram em seus cavalos e partiram.

Afinal, a estrada estava sempre à espera dos andarilhos.

Capítulo XVI

PEDRO GUARANY E JOÃO FÔIA apertaram o passo e cavalgaram em direção ao bolicho do seu Geraldo. Era lá que pretendiam recomeçar. Proporiam sociedade ao velho. Se ele não aceitasse, partiriam para algum outro local e abririam uma venda própria.

Depois de alguns dias de trote largo, encontraram o conhecido rastro. O comércio estava lá como se tivesse sido pintado ao fundo da várzea que se estendia. Pedro mal podia esperar por um banho na sanga de águas calmas. Apuraram o passo dos animais para chegarem mais rápido.

Perto dali, o velho Geraldo Muñoz capinava o terreiro com dificuldade. Tinha terríveis dores nas costas. Reparou nos homens que vinham chegando a todo galope e endireitou a postura. Ao reconhecer Pedro Guarany e João Fôia, sorriu.

— Mas graças a Deus alguém recebeu meu recado! — disse, alegre, cumprimentando-os. — Já estava começando tudo sozinho! Vamos passando pra dentro, que está na hora do mate!

— Estava precisando de alguma ajuda, seu Geraldo?

— Não foi por isso que vieram? Estou organizando meu aniversário. Todos os anos, faço uma festança com baile e tudo mais. Vendo os talheres pras comidas e organizo um bailezito ali no salão da venda. É uma linda festa... Por isso, preciso de uma ajuda para arrumar tudo. Estou cada dia mais velho e dolorido — disse, esfregando a mão nas costas.

— Na verdade, viemos apenas visitar o amigo. Mas, já que estamos aqui, vamos arrumar tudo logo, porque de baile eu muito entendo e me interesse — disse o João.

— Que boa notícia! Vejo que se encontraram de novo... Que bom que voltaram! — exclamou o velho, olhando paternalmente para os dois. Em seguida, tossiu e se engasgou. Pouco depois, limpou o suor da testa e caminhou, quase se arrastando, para trás de seu balcão.

Pedro e João entreolharam-se. Com o estado de saúde do velho Geraldo, não seria difícil convencer o homem a aceitar a sociedade.

Acomodaram-se no conhecido galpão junto ao fogo de chão e passaram a semana preparando a propriedade para receber os convidados da festança. Terminaram de capinar todo o terreiro, prepararam o local para assar as carnes, penduraram bandeirolas coloridas entre as árvores e espalharam alguns candeeiros pelos postes e palanques.

Nas primeiras horas do sábado, com tudo pronto, os homens tomaram banho na sanga e ficaram à espera dos convidados. Geraldo deu as últimas ordens:

— Pedro: de dia, tu vais ficar de responsável pelo assado. O resto da comida eu trago de dentro e coloco aqui na mesa. Já o João vai vigiar a gauchada. Não deixes ninguém se passar com as mulheres que chegarem e apartes as brigas. Quem pelear, tu podes mandar embora e, se encrenarem... Já sabes. Ah! Pedro, quando chegar o gaitero e começar o baile, tu ficas na porta cobrando a assinatura de todos que entrarem no salão pra que ajudem a pagar o artista! *Que venga a la fresca!* — Estava ansioso pela festança.

— Seu Geraldo, na verdade nós voltamos ao bolicho porque queríamos lhe fazer uma proposta. — Pedro falou com cautela. — Nós gostamos por demais aqui da venda e do senhor. Sem rodeios, queremos lhe propor sociedade.

O velho foi pego de surpresa e ficou sem reação.

— Pense bem, seu Geraldo. Nós mesmos vimos que o senhor está sempre precisando pedir ajuda, acho que é uma boa proposta. — completou João.

— Mas não é hora pra isso — atalhou Pedro. — Agora que já dissemos por que voltamos, pense e, num outro dia, nos responda. Porque hoje é dia de festa!

Geraldo encheu três copinhos de canha e propôs um brinde:

— Prometo a vocês que vou pensar. É fato que já estou meio velho... Vamos ver.

LOGO NO INÍCIO da tarde, surgiram os primeiros convidados. Vinha gente de todos os lados. Alguns peões que trabalhavam nas redondezas chegaram a cavalo. Algumas famílias vinham em carroças, com as crianças ansiosas pelas brincadeiras.

O velho Geraldo recebia a todos com cortesia. Indicava as sombras para as mulheres, enquanto os homens seguiam para os lados do assador e já iam se servindo de alguma bebida. Os mais amigos foram se aproximando, e a conversa começou a rolar solta.

As mulheres conversavam, trocando receitas e espiando os doces que o Geraldo tinha feito. Os homens falavam alto. Contavam de domas, carreiras e debatiam política. Aos poucos, o ambiente foi ficando mais descontraído e, com isso, surgiam os primeiros desafios. Na cancha do próprio bolicho, já estavam acontecendo disputas acirradas de carreira. Alguns outros estavam entretidos tomando canha e jogando truco. Ao longe, a criançada corria e gritava, enquanto os adolescentes laçavam a vaca parada nos fundos da venda.

Nessas reuniões em que se dispensa o convite pessoal, vem gente de tudo que é tipo. Além das famílias e da freguesia habitual, chegou um grupo de homens mal-encarados quando já estava perto do entardecer. João Fôia percebeu e ficou de olho.

Os sujeitos foram se espalhando, topando os desafios e metendo a mão com os outros convidados. O bando falava alto e de um jeito provocador, incomodando os demais. Pedro Guarany e João Fôia observavam o grupo à certa distância. Nisto, Geraldo aproximou-se e pediu atenção:

— Cuidado com estes quatro. Acho que são gente do coronel Mariano Guerra. Esse desgraçado quer minhas terras custe o que custar. Então, já sabem. Ao primeiro sinal de confusão, corram com esta cambada de vagabundos.

O dia passou numa velocidade só. Estava chegando a hora do baile. De longe, escutaram o rangido da roda de uma carroça que se aproximava e aguardaram. Dona Maroca e as chinas do passo vinham para o baile. Elas chegaram sorridentes e foram cumprimentando os conhecidos. Educadamente, fingiram não conhecer um ou outro que estivesse acompanhado de sua esposa ou namorada.

O baile começou aos acordes de um limpa-banco, e a gauchada correu ao salão da venda para não perder nenhuma dança. Na porta, Guarany cobrava a assinatura e recolhia as armas dos homens.

— Mas aqui neste salão não tem homem pra me tirar a faca! — afirmou um dos mal-encarados, quando João lhe pediu a arma.

— O amigo não precisa deixar a faca — disse o Guarany. — Apenas não entra no baile.

O homem encarou Guarany, que segurou seu olhar até que o gaúcho desistiu e cuspiu no chão.

— Pois não entro! — ele disse e se retirou enraivecido.

Seus três comparsas deixaram as armas com o Guarany e entraram no salão. Todos eles o encararam quando entraram. Pedro sentiu o cheiro azedo daqueles homens suados e relaxados.

— Estou vendo que logo mais teremos fandango com estes porqueiras — disse para si mesmo.

No salão da venda, os primeiros pares já estavam formados. A gaita do Adão abria e fechava, e os pássaros desenhados em seu fole pareciam bailar nas mãos do homem. De um lado, os filhos dos estancieiros dançavam com as moças de família, seus olhares a prometer casamento.

A peonada solteira aproveitava e bailava, tentando roubar algum sorriso das chinas, sob os olhares atentos da dona Maroca. Um pequeno grupo seguia jogando truco, enquanto outros estavam escorados no balcão, somente esperando o melhor momento. A maioria bebia uma cerveja que o bolicheiro havia refrescado na gaiola do açude. As velhas batiam palmas para as filhas que dançavam e para os casais que se formavam. Sentados em

uma mesa afastada, os três homens de fora apenas observavam. A música acabou sob os aplausos dos presentes.

— Já posso tocar a polca? — questionou o gaiteiro.

— Se é da vontade dos jovens, que venha a polca! — gritou o Geraldo, enquanto os pares se organizavam para aquela ousada dança. Os mais velhos também se levantaram, para cuidar que não houvesse falta de respeito no salão. Inevitavelmente, os que dançaram com as chinas se aproveitaram, para, discretamente, apertar bem seus corpos.

Quando a polca acabou, o velho Geraldo veio da cozinha trazendo café preto e algumas bolachas. Precisava acalmar o ambiente. Logo após, saiu para os fundos para recolher um pouco da bagunça. Escondido na escuridão da noite, o homem que não aceitara entregar a arma esperava pacientemente para arrumar confusão. Quando enxergou Geraldo por ali, falou com ares de provocação:

— Finalmente, hein! Estava apenas esperando o senhor aniversariante!

— E posso saber pra quê?

— O Coronel Mariano Guerra pediu para eu perguntar se o senhor está preparado pra se encontrar com o seu galinho a sete palmos abaixo do chão.

— Mas que desaforo. Saia da minha casa. Agora!

— Ninguém pisa no pala do Coronel e fica assim arrotando grandeza. O velho mandou avisar que não adianta contratar estes gaudérios pra te proteger. Nós não gostamos de gente desta laia e, de hoje, vocês não escapam – disse o homem, tirando sua adaga da cintura.

— Mas era só o que me faltava! Vou te mostrar quem manda por aqui, fedelho!

O velho Geraldo pegou sua própria faca e partiu para cima do outro. Surpreso com o ataque inesperado do velho, o capanga do Coronel ficou

somente se defendendo e desviando dos golpes. Debochava a cada golpe desviado.

Enquanto isso, os parceiros do homem observavam e davam risadas, olhando tudo da janela. Foi quando o Geraldo acertou-o no braço com o fio da faca. Com o sangue a escorrer e manchar as roupas, ele gritou de fúria e atacou Geraldo para valer.

Ao escutar o barulho da briga, Pedro Guarany correu para os fundos da venda. Deparou-se com o homem bem no momento em que ele deu uma cabeçada no nariz de Geraldo, derrubando o velho, que caiu desmaiado chão, com sangue jorrando das ventas.

— Covarde! Vem bater num homem da tua idade! Desgraçado! — gritou furioso Pedro Guarany, já com sua adaga nas mãos.

De dentro do salão, saíram vários outros convivas. Pedro Guarany partiu para cima do outro, que, primeiramente, recuou e, depois, atacou-o. Pedro enrolou um lenço de seda na mão livre para se defender dos ataques do inimigo e, numa rápida esquivada, conseguiu acertar-lhe um golpe certo, derrubando o desordeiro.

Naquele momento, os homens do Coronel Mariano Guerra chegavam ao pátio para ajudar o parceiro.

A peleia aumentava. Os três avançaram contra Guarany. Em um rápido movimento, Pedro foi derrubado e perdeu sua adaga. Um dos homens, gordo e alto, começou a dar chutes no corpo de Pedro, ao mesmo tempo em que ria e olhava para os comparsas. Quando estava pronto para enfiar-lhe a faca, ouviu-se o ruído dos cascos de um cavalo, e ele mal conseguiu ver quando João Fôia o atropelou a todo galope.

JOÃO FÔIA PASSA POR CIMA DO HOMEM com as patas de seu cavalo, estralando ossos e transformando o corpo em um emaranhado de tripas e sangue. João dá alguns tiros para cima. Prepara-se para avançar sobre os outros dois capangas, mas eles disparam na escuridão, deixando para trás suas armas e seus cavalos.

Sob os aplausos dos presentes, João Fôia desmonta e estende a mão para ajudar Pedro a levantar-se. Neste momento, ouve-se o estrondo de um tiro. O homem que atacou Geraldo estava de pé novamente e tinha um revólver soltando fumaça, apertado entre os dedos.

João Fôia segura firmemente o braço de Pedro. De seus lábios, escapa um filete de sangue. Pedro percebe então que o tiro acertou João pelas costas.

— Quem diria, hein, Pedro Guarany? — diz Fôia, antes de tombar.

O capanga gargalha e se prepara para um novo tiro, porém Pedro Guarany avança novamente sobre ele, que tem sua gargalhada interrompida. Pedro libera todas as raivas, todas as mágoas, todas as frustrações de sua vida de fugitivo e, com isso tudo, acerta um golpe tão forte que o adversário cai no chão, ficando completamente desacordado.

Mas só derrubá-lo já não é o bastante.

Pedro solta um berro animalesco e socos chovem sobre o rosto do adversário. Seus braços já estão pesando, mas ele não consegue mais parar de bater naquele rosto já severamente desfigurado. Está com as mãos sangrando quando é segurado pelo velho Geraldo:

— Calma, Pedro! Está feito! — disse fazendo força para trazer Pedro de volta para si. — O João está te chamando. Vai lá falar com ele...

Com a respiração ofegante, Pedro desvia o olhar do homem que jaz morto no chão. Limpa as mãos trêmulas e sujas de sangue no lenço que ainda segura. Vai até o amigo que o espera. João parece desbotar enquanto seu sangue colore de rubro o terreiro da venda.

Pedro ajoelha-se ao lado do companheiro:

— Perdão, amigo... — inicia ele.

— Não há o que perdoar nesta vida. Não foi tua culpa! — responde João, a voz fraca.

— Mas não é só por hoje. Preciso que me perdoes por tudo...

— Eu sei, amigo Guarany. — diz João, interrompendo-o — Demorei para ter certeza, mas já sei que és aquele Antônio, o mesmo que me presenteou com esta marca no rosto.

Pedro fica em silêncio. Não há mais o que esconder.

— Não era pra ter sido assim, João. Nunca pensei que iria acontecer aquela tragédia...

— acredite em mim, meu amigo: não importa mais. Eu também te peço perdão. Sei que preferes não falar disso, mas... — uma tosse carregada de sangue cortou sua frase ao meio.

João Fôia continuou falando, mas baixo demais. Guarany apertou ainda mais a mão do amigo e aproximou seu ouvido para entender o que ele falava. Pedro ouviu da boca do próprio João uma revelação que mudaria tudo no que acreditava até aquele momento.

Pedro Guarany pediu que ele repetisse. Mas era tarde demais. João Fôia sorriu e deixou que a vida lhe fugisse em um último suspiro.

Capítulo XVII

Viagem ao Sul do Brasil:

Caderno de Rascunhos

Rio Grande, princípio de primavera de 1920.

Da amurada do paquete desta luxuosa embarcação em que me encontro, tento registrar em minhas retinas a pintura desta despedida. Despedida, sim, porque esta é provavelmente a última imagem que terei deste lugar, tão belo e tão diferente, que é o Sul do Brasil.

Na minha frente, os prédios brancos e altos do cais do porto brilham refletidos ao sol matinal. Marinheiros trabalham, visitantes chegam e viajantes seguem seus rumos. O porto está movimentado. Navios partem para todos os lados e chegam de todos os países. Eu continuo minha viagem rumo a Buenos Aires, a mais europeia das capitais sul-americanas, dizem, em busca de descanso e, quem sabe, “un peu” de diversão.

O vento nordeste levou meu “chapeau”, motivo de tantas chacotas das gentes desta terra, que agora sobrevoa o Porto de Rio Grande, em círculos. Penso que seja uma última brincadeira com minhas vestes tão diferentes das de seus habitantes. Talvez o Rio Grande quisesse que eu permanecesse por aqui, para escutar mais as suas histórias e acabar me transformando em um de seus gaúchos.

Quem sabe faço o mesmo que o Giuseppe Garibaldi? Posso imaginar o choque dos meus conterrâneos ao me verem descendo do navio vestido de bombacha e poncho, com um lenço amarrado à moda farroupilha... Seria uma boa estratégia para divulgar meu livro, mas meu tamanho e meu porte fariam com que eu fosse motivo de deboche e não de respeito, como foi com o aventureiro italiano.

Enfim, “Le Brésil” é um país muito novo, principalmente se comparado à milenar história europeia e, talvez por isso, as gentes daqui ainda não saibam a força que tem os oprimidos, os esquecidos. O povo

explorado ainda vai aprender a se indignar e não aceitar pacificamente a pobreza como uma condição de nascimento.

Pois, por aqui, talvez por estarem habituados ao velho sistema patriarcal e a esta espécie de servidão aos generais e aos coronéis, os habitantes em geral não levam em consideração a situação dos mais simples e menos afortunados. Talvez nem mesmo os vejam.

Porém, convivendo tanto com os fazendeiros quanto com os mais humildes, pude entender que essa diferença de classes, até mesmo pelas precárias condições de quase todos, é algo mais cultural do que proposital. Mas é possível verificar o preconceito velado aos negros, aos bugres, aos índios e a todas essas mesclas existentes. Como muito bem me confidenciou o negro Tião, não é fácil ser preto e pobre nesse país. Realmente, imagino que não.

Nas minhas bagagens, levo um pouco das experiências que por aqui vivi. Sabores que provei, costumes que aprendi, gentes com quem conversei. Quero que todos estejam no meu vindouro livro, de algum jeito ou de outro.

Dos lugares que visitei, levo as melhores recordações. Da região serrana, levo o carinho dos imigrantes e as belas paisagens, quase europeias; da região missioneira, levo a impressão de que lá o socialismo dos padres jesuítas teria dado certo, não fosse o infame tratado que acabou por dizimar aqueles índios; da região do pampa, levo a hospitalidade das gentes e a beleza daquele mar verde a perder de vista e as belíssimas paisagens escondidas nas margens do Rio Camaquã – que teu povo te proteja e te conserve!

Levo também uma bela pele de onça pintada, erroneamente chamada de tigre pelos meus guias. Mas, afinal, quem sou eu para corrigi-los? Aprendi tanto com eles...

Um Castelo medieval no pampa gaúcho? Quem diria! A família Assis Brasil me encantou com sua hospitalidade e seus audaciosos projetos.

Levo, ainda, além das próprias percepções, a dualidade desse povo que tão bem me recebeu. Por um lado, teria severas críticas a fazer, tendo em vista minhas convicções políticas e filosóficas. Porém, por outro, vejo

que a ignorância e a desinformação são problemas que ainda estão longe de serem solucionados.

Quiçá, um dia o povo brasileiro seja menos resignado, mais contestador e não aceite as informações e notícias como verdades absolutas apenas porque “vem de cima”. Ao contrário, que busque saber tudo sobre o todo e forme suas próprias convicções, formem melhores pensadores e escolham melhores governantes. Acredito que esse seja o meu desejo para o acolhedor povo que aqui deixo.

Au revoir, mes amis brésiliens!

Adeus, meus amigos brasileiros!

Alphonse Saint Dominguet

Capítulo XVIII

A PEQUENA LUÍSA era muito nova, mas, mesmo assim, já amava. Foi por isso que mandara seu amor fugir naquela noite terrível e que prometera esperá-lo. Ela assistira chorando quando Antônio montou no seu cavalo bragado e partiu rumo ao horizonte. Sentia uma enorme dor. Parecia que o mundo estava desabando. Seus algozes ainda correram atrás do menino, mas o cavalo era ligeiro.

Luísa foi arrastada para dentro de casa e jogada no chão da sala. Suas roupas estavam sujas e rasgadas, os olhos vermelhos. Licó trouxe o relho do pai e entregou-o ao velho, que esperava. O assobio do vento anunciava cada golpe que a menina levava. O sangue escorria de seu corpo e grudava nos panos do vestido. Luísa chorava silenciosamente.

A menina não conseguiu levantar-se naquele dia e nem nos seguintes. Ficou trancada no seu quarto, como que esquecida. Quando tentou voltar ao convívio da família, levou outra surra. Seu pai somente parou de lhe bater quando ela desmaiou.

Os dias passaram e Luísa recuperou-se. Era ignorada em casa e ninguém deu muita importância quando ela sumiu. Afinal, para eles ela já estava morta mesmo.

Durante alguns dias, Luísa caminhou, sempre longe da estrada. Acabou chegando ao rancho de uma senhora que ela conhecera assim que nascera. Dona Graça era benzedeira e parteira na região e já sabia do acontecido com a moça. A velha recebeu Luísa e logo tratou de curar as feridas em seu corpo.

A menina ficou melhor. Como sinal de gratidão, Luísa foi ficando e ficando. Começou a ajudar dona Graça com as lidas da casa e no que mais a outra precisasse. Em troca, além da morada, foi aprendendo os segredos das parteiras e os mistérios das benzeduras.

Anos depois, chegou ao rancho um gaúcho trazido pelo seu cavalo. Não era a primeira vez que ele recorria às rezas da Dona Graça. Ele estava quase morto e se disse envenenado. Elas o levaram para um catre e

trataram de curá-lo: primeiramente com um pirão de terra com azeite, um copo de leite fresco e, depois, com algumas ervas recém-colhidas.

O homem passou alguns dias para melhorar por completo e, antes de ir embora, avisou à dona do rancho:

— Fico muito agradecido pela sua ajuda, dona Graça. Uma pena que esta ordinária esteja por aqui. Achei que já era morta. — disse o homem encarando a Luísa, com seu olho vazado e uma cicatriz ainda vermelha no rosto.

— O senhor saia da minha casa, seu João. Mesmo tendo pelo senhor o carinho por ter ajudado tua mãe a lhe trazer pro mundo, peço que nunca mais volte aqui. Passe bem!

João Fôia colocou o chapéu sobre a cabeleira e encilhou o cavalo para nunca mais voltar. Naquele momento, ainda sentia ódio.

PEDRO GUARANY OUVIU DA BOCA DE JOÃO FÔIA que a Luísa na verdade não tinha morrido. Cansada de tanto apanhar, ela fugira de casa. João disse-lhe, com suas últimas forças, como poderia encontrar a moça que Pedro tanto amara.

Partiu atrás dela naquela mesma noite. Sem dar muitas explicações, prometera ao Geraldo que logo voltaria. O velho ficou observando o outro até que ele sumiu no horizonte, sem entender muito bem tudo o que tinha acontecido ali.

O caminho era longo, mas Pedro fez somente as paradas necessárias. Não ficou de conversa com aqueles que cruzaram pelo caminho, nem parou em bolicho para saber as novidades.

Enquanto se aproximava do lugar onde vivia a velha parteira, Pedro Guarany pedia a Deus que sua Luísa ainda estivesse lá. Já se haviam passado tantos e tantos anos, mas ele tinha que pagar para ver.

Entardecia quando Pedro avistou a porteira. Entrou nas terras de dona Graça e foi chegando, agora devagar, para não assustar a dona da casa.

Avistou, na frente do rancho, uma senhora carregando uma cesta com ervas. De dentro da casa, vinha o gostoso cheiro de comida.

A senhora notou aquele homem de olhos oblíquos, cabelos negros e uma barba falha no rosto sereno. Vestia roupas gastas e encilhava um cavalo bonito.

— Bom dia, moço — disse a benzedeira quando ele se aproximou. Com seus olhinhos perscrutadores, tentava reconhecer aquela fisionomia.

Antes mesmo de continuarem a conversa, um rapaz de aproximadamente uns quinze anos chegou a cavalo e parou atrás da mulher. Respeitosamente, ele aguardava algum sinal da dona do rancho.

Dona Graça olhou o menino no cavalo, olhou o recém-chegado. De súbito, ela entendeu tudo. Reconheceu os olhos do visitante estampados na cara do jovem cavaleiro.

A velha sorriu e disse:

— Antônio, corre e pede pra tua mãe passar um café, que temos visita. — sorriu para Pedro e continuou: — Por que demorastes tanto?

O menino galopou em direção à casa. Pedro Guarany mal conseguia conter o sorriso quando apeou. Dona Graça acomodou seu braço no dele, e caminharam juntos, lentamente. Logo em seguida, chegaram no umbral do rancho simples. Foi então que Pedro enxergou Luísa, ela estava de costas secando as canecas de louça.

— *Buenas ...* — disse Pedro.

Luísa parou o que estava fazendo e olhou para a porta. Deixou cair das mãos as canecas e ficou olhando para o homem que a cumprimentara.

— Meu Deus do céu... Antônio!

Subitamente, ela abriu os braços, entregando seu maior sorriso para Pedro. Ele correu e abraçou a mulher que tanto amava.

— Minha linda, que saudades. Me perdoe por não ter vindo antes. A notícia que recebi dizia que tinhas morrido...

Abraçaram-se. Em silêncio, degustaram cada segundo daquele carinho mais do que esperado. Luísa afastou-se um pouco e disse para Pedro, como a se justificar:

— Aquela menina que conheceste já morreu mesmo. Mas, se quiseres conhecer uma outra mulher, eu continuo aqui. E ainda estava te esperando.

Ignorando os olhares da velha parteira e do rapaz, Pedro Guarany passava as mãos pelo rosto de Luísa, tentando descobrir o significado e a história de cada mancha, de cada ruga e de cada fio branco que apareceu em seu cabelo. Luísa ainda era uma bela mulher. Abraçaram-se novamente — um abraço que só Deus sabia o quanto doera esperar.

DONA GRAÇA sempre vivera naquele rancho, em uma ponta de campo cedida por uma família agradecida por seus préstimos. Mais ao norte, um dia de viagem a galope largo, ficava a casa onde Antônio Neto morara até o dia da tragédia. No outro lado, bastando atravessar a sanga e andar algumas horas, estava o antigo lar da Luísa. Pedro custava a entender como não soubera de tudo aquilo durante tantos anos. Luísa ali pertinho, tão perto do seu passado, esperando-o, silenciosamente.

A casa de dona Graça era simples e pequena, porém como um bom coração de mãe, a parteira acolhera a Luísa e ao pequeno fruto que crescia no seu ventre. Ali, viviam, ainda, Maria, neta da velha, e seu esposo. Luísa e o filho foram recebidos como parte da família.

Naquele dia, Maria preparou um delicioso jantar, enquanto Pedro e Luísa conversavam. Ao longe, Penacho corria livre pelas coxilhas, reconhecendo as terras de seus primeiros anos de potro.

— Nunca mais viste nenhum deles? — indagou Pedro.

— Quando nosso filho ainda era pequeno, o Licó passou por aqui conduzindo uma tropeada... Se me reconheceu, fez que não... Mas também não fiz questão.

Do quarto contíguo, o jovem Antônio apenas os observava. Era magro e alto, porém tímido e muito quieto, afeito aos silêncios e aos animais. Lembrava Pedro quando jovem.

— Sabes dos meus pais? — perguntou-lhe Pedro.

— Ninguém sabe... Um belo dia o rancho estava vazio e eles tinham ido embora...

Pedro ficou em silêncio, digerindo aquelas informações. Sorveu seu chimarrão e ficou com o olhar parado alguns instantes. Soltou um longo suspiro e continuou:

— *Bueno* ... Agora preciso te contar a minha história.

E Pedro contou. Contou de quando soubera da sua suposta morte, contou que Antônio Neto não existia mais. E contou sobre o reencontro com João Fôia, pouco tempo atrás.

Os dias que se seguiram foram de carinho e de felicidade. Pedro estava tentando aproximar-se do seu filho, mas o menino era arredio. Ele não tinha pressa. Teriam muito tempo para se tornarem grandes amigos.

Emocionada, Luísa observava de longe aquela aproximação gradual entre pai e filho. Não queria se intrometer, pois conhecia o gênio de seus homens. Estava matutando sobre isso quando foi surpreendida pelo chamado da Dona Graça:

— Que linda família vais ter agora, minha filha.

Luísa sempre fora muito bem tratada, mas sabia não pertencer àquele lugar. Porém, não encontrava a coragem de conversar com a velha sobre o que viria dali para frente. Encorajada pela própria Graça, finalmente falou:

— A senhora me perdoa por partir? — perguntou, com lágrimas nos olhos.

— Eu sempre soube que este momento chegaria, Luísa. Vai em paz. Segue teu caminho, mas nunca esqueças que esta família te ama muito.

Aqui também sempre será a tua casa.

Sem encontrar resposta, Luísa abraçou aquela senhora que ajudara a lhe trazer ao mundo e que fora sua mãe naqueles últimos anos. Jamais esqueceria o que Dona Graça fizera por ela.

Quando o momento de ir embora finalmente chegou, Luísa partiu na carroça conduzida por Penacho. Olhou para trás e acenou para os que ficaram. Depois, virou-se para frente, observando o filho, que estava pensativo. Por fim, encontrou os olhos de Pedro Guarany, que segurou bem firme suas mãos. Um sorriso preencheu-lhe o rosto, e ela teve certeza de que, finalmente, seria feliz.

PEDRO GUARANY acordou-se lentamente naquele domingo e notou que o sol já se arrastava por baixo da porta do quarto no rancho que construía aos fundos do galpão. Luísa já não estava mais na cama, mantinha seus costumes madrugueiros.

Ao abrir a porta, o ar matinal lhe acariciou, dando seu próprio bom dia. Pedro vestiu o poncho e foi direito ao cocho de água para limpar o rosto e pegar alguns gravetos para reviver o fogo, aquecer a água do mate e aproveitar o dia gelado e sem nuvens.

Surpreso, notou que o jovem Antônio já estava trabalhando, a domar seu primeiro cavalo, aprendendo a linguagem dos animais. Da cozinha, sentiu o cheiro de café preto passado na hora e do pão que estava assando no forno de barro. Sorriu, satisfeito com as voltas de sua vida. Pensou naquele encontro com o turco Farid, que lhe mostrara o caminho da venda do velho Geraldo Muñoz; pensou também no seu encontro com João e em tudo que tinha acontecido dali pra frente. Não tinha mais arrependimentos, era um homem de sorte.

— Bom dia! — disse pra Luísa, assim que adentrou na cozinha. Ela lhe sorriu de volta e ofereceu-lhe uma xícara de café preto. Pedro abraçou-a com carinho e beijou-lhe. Ao abrir os olhos, enxergou novamente aquela menina de vestido de chita, olhar atrevido e provocador, aquela que um dia conhecera no meio do campo.

Luísa respondeu ao carinho com seu melhor sorriso. Nesse momento, as covinhas apareceram novamente no rosto da esposa e, como sempre acontecia, o encantaram por demais.

Em seguida, o velho Geraldo adentrou na cozinha, trazendo o pão quentinho, queimando-lhe as pontas dos dedos. Olhou para o casal e assentiu, cúmplice daquela alegria.

Pedro Guarany tomou o café e saiu da cozinha. Luísa apenas observou, já conhecia o ritual domingueiro de seu homem: desde que voltara, trazendo a família, Pedro Guarany fazia exatamente a mesma coisa a cada manhã de domingo. Da mesma forma, sem intromissões, Geraldo viu-o encilhar o cavalo Penacho e seguir em direção à coxilha.

Lá, protegido pelas sombras de um umbu, descansava João Fôia, como que abraçado pela árvore que era a morada dos andarilhos. Ficou ali por um tempo, refletindo e agradecendo. Colocou uma flor na base da cruz de madeira e deu um até breve ao companheiro. Acariciou a fronte de seu cavalo, colocou os pés no estribo e, finalmente, voltou para sua família.

Agradecimentos

A história de Pedro Guarany provavelmente deve ter sido sussurrada nos meus ouvidos pelo sopro do minuano e abençoada pelos meus antepassados. No ano de 2007, lancei, de forma totalmente independente, uma mínima tiragem de um longo conto chamado “O Andarilho”.

No ano de 2012, resolvi que aquele conto deveria se transformar em um romance e, de lá para cá, foi um longo e árduo trabalho de escrita, reescrita e revisões, tudo isso para chegar ao livro que, hoje, divido com vocês.

Neste ano em que completo dez anos como escritor, despeço-me do Pedro, do João e das demais personagens desta trama, ao mesmo tempo em que foco no futuro, escrevo novas histórias e invisto em novos projetos.

Obrigado a vocês por estarem e continuarem comigo.

Aos meus pais, meu muito obrigado por tudo. Amo vocês.

Agradeço à Laiana Moraes que, pacientemente, me ajudou na revisão do livro, entendendo as minhas ausências e aceitando fazer parte dos meus sonhos.

Agradeço ao Maurício Wajciekowski pelas inúmeras leituras e conselhos. Obrigado por acreditar neste projeto desde o primeiro momento.

Agradeço ao Alcy Cheuiche pelos ensinamentos e pela generosidade de sempre.

Agradeço à Leticia Wierzchowski pela leitura analítica e por dividir comigo suas impressões e sua experiência como autora.

Agradeço, também, ao amigo Henrique Costa, pelas preciosas sugestões, e à amiga Amanda Barros, que gentilmente revisou as frases em francês.

Para maiores informações sobre o autor, visite:

www.escritortavares.com.br